

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
OPÇÃO: LINGUÍSTICA

"INTERFERÊNCIA DE UM DIALETO ALEMÃO NA  
LÍNGUA PORTUGUESA"

ORIENTADOR: PAULINO VANDRESEN

MESTRANDO: IVO ZIMMERMANN

Florianópolis, 10 de maio de 1981

à

· Maria Hillesheim Zimmermann  
minha esposa

A

· Luciano, Letícia e Fabiano  
meus filhos

ao Professor Paulino Vandresen, meu orientador

à Professora Sidney Gaspar de Oliveira  
Diretora do Centro de Comunicação e Ex  
pressão

à Professora Maria Carolina G. Kehrig  
Chefe do Departamento de Língua e Lite  
ratura Vernáculas

à Universidade Federal de Santa Catarina

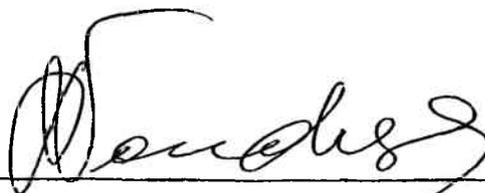
aos amigos

minha mais profunda gratidão

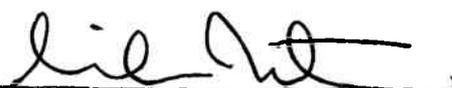
Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção de grau.

Mestre em Letras - Lingüística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação.

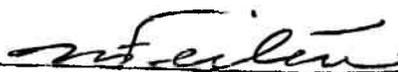
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Paulino Vandresen  
Orientador



Prof. Dr. Giles Lothar Istre



Prof. Mestre Mário Feiten



Maria Marta  
Coordenadora de Lingüística

## RESUMO

O presente trabalho visa apresentar, em consonância com o contexto histórico e sócio-lingüístico, o sistema fonêmico do dialeto de Loeffelscheidt da língua alemã - transplantado para a região de Águas Mornas, no Estado de Santa Catarina - e compará-lo com o sistema fonêmico da língua portuguesa, mostrando as causas das interferências do primeiro no segundo, servindo de infra-estrutura para a aprendizagem da língua portuguesa na referida localidade.

Para a consecução de seus fins, o trabalho se divide nas seguintes unidades:

- 1) Metodologia: apresentação dos métodos, técnicas, teorias e procedimentos utilizados;
- 2) História da Localidade: caracterização da comunidade em sua estrutura geográfica e contexto sócio-cultural;
- 3) Estudo sócio-lingüístico: mostragem da situação do bilingüismo na comunidade;

- 4) Dialeto e sua Interferência na Língua Portuguesa :  
descrição do quadro fonêmico do dialeto e análise  
comparativa com o do português, evidenciando as  
causas da interferência na língua portuguesa;
- 5) Conclusão: comprovação dos resultados obtidos na  
pesquisa com as metas propostas.

**ABSTRACT**

The aim of the present work is to present in its historical and Sociolinguistic context the phonemic system of the Loeffelscheidt dialect of German - Transplanted to the region of Aguas Mornas, in the State of Santa Catarina - and to compare it with the phonemic system of Portuguese, showing the causes of interference of the former on the latter, which interference serves as a basis for the learning of Portuguese in the Said Locality.

To attain its objectives, the study is divided into the following sections:

- 1) Methodology: presentation of methods, techniques, theories and procedures employed in the study;
- 2) History of the locality: an account of the community from the point of view of its geographical structure and its socio-cultural context;
- 3) Sociolinguistic study: account of the bilingualism in the community;

- 4) The dialect and its interference in Portuguese: description of the phonemic framework of the dialect, and comparative analysis with Portuguese, showing the causes of interference in Portuguese;
- 5) Conclusion: relation of the results obtained in the study to the proposed aims.

## S U M Á R I O

	Página
INTRODUÇÃO -----	xii

## CAPÍTULO I

METODOLOGIA -----	01
1. História da Localidade -----	01
2. Estudo Sócio-Linguístico -----	02
3. Análise Fonêmica e Interferência do Dialeto na Língua Portuguesa -----	05
3.1. Embasamento Teórico -----	05
3.2. Métodos e Procedimentos do Trabalho -----	08

## CAPÍTULO II

HISTÓRIA DE LOEFFELSCHEIDT -----	12
MAPA DA REGIÃO DO MUNICÍPIO DE ÁGUAS MORNAS -----	13
1. Características Gerais -----	14
2. Religião -----	18
3. Vias de Transporte e de Comunicação -----	21
4. Comércio e Indústria -----	24
5. Vida Social e Costumes -----	26
6. A Escola -----	29

## CAPÍTULO III

ESTUDO SÓCIO-LINGUÍSTICO -----	41
1. Introdução -----	41
2. Questionário e sua Análise -----	42
3. Instrução -----	44
4. Língua que Começaram a Falar -----	46
5. Línguas que Falam -----	49
6. Compreensão - Leitura e Escrita -----	50
7. Funções do Alemão e Português em Loeffelscheidt -	54
7.1. Usos Relacionados à Família -----	57
7.2. Usos Extra-Familiares -----	62
7.3. Linguagem Interior -----	70
8. Atitudes -----	73

## CAPÍTULO IV

ANÁLISE FONÊMICA DO DIALETO -----	77
1. Considerações Preliminares -----	77
2. Quadro Fonético das Vogais -----	79
3. Quadro Fonético das Consoantes -----	79
4. Análise dos Fonemas Vocálicos -----	80
5. Análise dos Fonemas Consonantais -----	87
5.1. Oclusivas -----	87
5.2. Nasais Sonoras -----	93
5.3. Laterais -----	94
5.4. Vibrantes -----	95
5.5. Fricativas -----	95

Tabela dos Fonemas Consonantais -----	97
6. Descrição dos Fonemas Consonantais e seus Alofones	98
7. Transcrição Fonêmica -----	99
8. Interferência do Dialeto na Língua Portuguesa ----	100
Comparação do Quadro Fonêmico do Dialeto com o do Por- tuguês -----	101
CONCLUSÃO -----	106

BIBLIOGRAFIA

ANEXOS

## INTRODUÇÃO

Observa-se que a aplicação de um conhecimento científico, na história humana, sofre um atraso muito grande em relação à sua descoberta ou ao seu desenvolvimento. O mesmo fato se verifica no plano educacional. Há muitas teorias derivadas da pesquisa lingüística que, ainda, não foram aplicadas em sala de aula. O professor necessita conhecer a teoria e como a mesma deve ser aplicada. É verdade, também, que o material do ensino de língua só pode produzir resultados quando utilizado por professores com conhecimento e refinamento lingüístico.

No Sul do Brasil - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná - estabeleceu-se grande número de imigrantes alemães, formando comunidades teuto-brasileiras, onde, ainda, se conserva o equipamento lingüístico trazido do país de origem. E, nas áreas rurais, geralmente, atua o professor menos preparado, com menor condição de ensinar a língua portuguesa.

A comunidade de Loeffelscheidt, situada no município de Águas Mornas, é uma dessas comunidades que conserva o dialeto, chamado de Hunsrück, como língua materna, que exerce

grande interferência na aprendizagem da língua portuguesa e os professores desconhecem as causas dessa interferência.

Baseado nessas afirmações, e tendo em vista as pala  
vras do famoso lingüista suíço de que "a língua é a parte so  
cial da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não  
pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em  
virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os mem  
bros da comunidade" (Saussure 1975:22), propõe-se o pre  
sente trabalho não buscar mais uma teoria lingüística, mas,  
baseado numa pesquisa efetuada no contexto histórico e só  
cio-lingüístico, na referida comunidade, mostrar o sistema  
fonêmico do dialeto e compará-lo com o do português, mostran  
do as causas das interferências da primeira língua na segun  
da.

Assim, o trabalho servirá de "background" e contexto  
aos professores na elaboração de suas atividades de ensino  
da língua portuguesa na região e em outras com problemas de  
interferência do mesmo dialeto.

O trabalho, para alcançar o objetivo a que se propõe,  
divide-se em:

1º - Metodologia: apresenta os métodos, teorias e  
meios utilizados na História da Localidade, no Estudo Sócio  
Lingüístico, levantamento fonêmico e comparação dos diale  
tos;

2º - História da Localidade: caracteriza a comunidade  
em sua estrutura geográfica e sócio-cultural;

3º - Estudo Sócio-Lingüístico: mostra a situação do bilingüismo da comunidade;

4º - Descrição do dialeto e sua Interferência na Língua Portuguesa: levanta o quadro fonêmico do dialeto que, analisado em comparação ao do português, dá as causas da interferência na língua portuguesa;

5º - Conclusões: mostram os resultados obtidos.

## CAPÍTULO I

### METODOLOGIA

Todo trabalho exige certos procedimentos e métodos que serão abordados, sucintamente, na ordem de seu aparecimento.

#### 1. História da Localidade:

O município de Águas Mornas, como outros municípios no Sul do Brasil, caracteriza-se pela migração germânica. Restringiu-se, entretanto, o trabalho à comunidade de Loeffelscheidt por se destacar quanto ao isolamento geográfico, homogeneidade de religião e predominância no uso da língua Germânica.

A história da localidade não é um estudo exaustivo, mas procura apresentar as anotações históricas colhidas através da técnica "história oral" e leituras em notas de Francisco Schaden, escritas em 1946. Descrevem-se os fatos sempre recordados pelos moradores, fatos esses que constituem a sua tradi

ção oral e que revelam os problemas que preocupam o espírito da comunidade.

## 2. Estudo Sócio-Lingüístico:

Para o estudo sócio-lingüístico procurou-se utilizar uma combinação das técnicas desenvolvidas pela Antropologia e pela Sociologia, ao lado da "observação participante".

A "observação participante" foi desenvolvida pela Etnografia nos seus trabalhos em sociedades tribais e iletradas, como a única técnica capaz de fornecer um quadro real do objeto em estudo. Posteriormente, esta técnica estendeu-se bastante fecunda aos estudos de comunidades da sociedade ocidental. A "observação participante" é criticada porque apresenta o perigo de o pesquisador perder a sua perspectiva "de fora", de observador imparcial, à medida em que se sente envolvido pela trama de relações da comunidade. O pesquisador pode ser levado a superestimar ou subestimar certos aspectos ou certas pessoas, tendo em vista circunstâncias pessoais, ligadas ao seu próprio temperamento ou sua experiência anterior.

Os dados estatísticos e as entrevistas formais foram desenvolvidas pela sociologia por se aplicar a um estudo de sociedades maiores e com uma estrutura mais complexa. Este método tem o perigo de, quando exagerado, não permitir uma visão das condições gerais de vida da população.

Associando-se os dois métodos, pode-se confrontar e controlar os resultados da "observação participante" em que

mais facilmente se dá vazão à imaginação e simpatia pessoal, com os resultados concretos e numéricos, obtidos pelo questionário sócio-lingüístico.

Para a formulação e aplicação do questionário sócio-lingüístico em anexo, examinaram-se outros questionários já aplicados em diversas comunidades:

Joan Rubin (1970:512-530), no seu questionário do trabalho "Bilingual Usage in Paraguay", utilizou três métodos distintos:

1) na vila rural fez o levantamento pessoal e completo de casa em casa, enquanto que na cidade fez o recenseamento por amostragem aleatória;

2) aplicou um questionário lingüístico a um membro de cada família;

3) efetuou entrevistas e observações em todas as escolas nas duas áreas.

Jürgen Heye (1974:40-57), na pesquisa em Merano, na Itália, não utilizou a amostragem aleatória da população. Limitou-se a trabalhar com dois grupos:

1) pais cujos filhos falam alemão e são menores de quatorze anos;

2) grupos de falantes de italiano, estudantes de segundo grau. E a coleta desses dados foi feita através de questionários enviados pelo correio.

A professora A. Lenard (1976:171-211), utilizou a amostragem ao acaso e para correções recorreu à observação inten

siva através de entrevistas, "observação participante" e questionário aplicado a cento e cinquenta informantes entre área rural e urbana.

Mackey (1970:554-571), em "Description of Bilingualism", conceitua o bilingüismo não como um fenômeno de língua, mas uma característica de seu uso. Considera o bilingüismo o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo e apresenta quatro características em que o bilingüismo deve ser descrito:

1) Quão bem o indivíduo conhece as línguas que ele usa? Em outras palavras, até que ponto ele é bilíngüe?

2) Para que usa as duas línguas? Que papel tem suas línguas em seu padrão de comportamento?

3) Até que ponto alterna entre as duas línguas? De que forma o indivíduo muda de uma língua para a outra e sob que condições?

4) De que forma o indivíduo mantém as línguas separadas? Até que ponto ele as une? Como uma dessas línguas influencia seu uso na outra?

Baseado nos princípios de Mackey e nos autores supra mencionados, elaborou-se o questionário que foi aplicado a todas as famílias da comunidade. Foi-se a todas as residências, nos fins de semana, para se atingir a família inteira.

Como Rubin, visitaram-se as escolas da comunidade, num dia de aula, quando se gravaram leituras de um representante de cada série e cantos com os alunos. Examinaram-se, ainda,

os livros-textos de língua portuguesa de ambas as escolas.

Não se utilizaram técnicas muito formais, mesmo no preenchimento formal do questionário sócio-lingüístico, tendo em vista o clima surgido durante a Segunda Guerra Mundial que deixou na população grande desconfiança e receio, em relação a qualquer funcionário do Governo ou a pessoas estranhas, em geral.

### 3. Análise Fonêmica e Interferência do Dialeto na Língua Portuguesa:

#### 3.1. Embasamento Teórico

##### 3.1.1. Pike

"Os sons de uma língua são organizados automática e inconscientemente pelos que a falam em unidades estruturais, a que se dá o nome de fonemas. O estudo dessas unidade é o objeto da fonêmica". (PIKE 1945:57)

Estas unidades pronunciadas numa língua são símbolos que representam idéias, atos e situações sociais que, para não se confundirem, devem ser distintas umas das outras. A cham-se em condições de distinguir expressões os sons que, ocorrendo no mesmo contexto, não se podem usar um pelo outro, sem provocar a substituição de uma expressão por outra.

Mas nem todos os sons num sistema sonoro da língua possuem força distintiva. Há sons que podem ser usados, livremente, um em lugar de outro, em expressões de idêntico significado e há, também, os que, não tendo força distintiva ocorrem em

condições diferentes. Estes chamam-se variação em distribuição complementar e aqueles, em variação livre.

Portanto, Sons que contrastam uns com os outros pertencem a diferentes fonemas, ao passo que sons que não se opõem uns aos outros, são membros do mesmo fonema. Daí porque se afirma que a diferença entre sons contrastantes é fonemicamente relevante.

Diante do apresentado, análise fonêmica é o exame do material fonético de uma língua com o objetivo de verificar quais as diferenças distintivas ou relevantes e quais as irrelevantes, e de determinar, assim, os fonemas.

### 3.1.2. Robert LADO

Robert Lado (1971:24-46), em "Introdução à Linguística Aplicada", observa que fonema é uma unidade complexa de sons existentes em todas as línguas, que contrastam uns com os outros e que o falante comum de uma língua usa o sistema de contrastes com grande rapidez, não tendo a consciência de estar usando um sistema complexo de fonemas. Isso porque o uso do sistema fônico de uma língua funciona como um sistema de hábitos automatizados e inconscientes. Daí porque existe a grande dificuldade de um nativo quando muda seu sistema, entrando em contato com outra língua. O falante adulto de uma língua não consegue ouvir facilmente sons que não sejam os de sua língua nativa. Possui a tendência de transferir o sistema de sons da língua nativa para a segunda língua.

Por isso, se não houver nenhuma diferença fonêmica si milar em sua língua materna, as diferenças fonêmicas da segun da língua lhe passarão despercebidas. Verifica-se, assim, a ne cessidade de comparar o sistema da língua materna com o da se gunda língua.

Na comparação de sistemas pode-se encontrar sons fisi camente similares, estruturados de maneira igual e distribuí dos também de maneira igual. Neste caso a aprendizagem de uma segunda língua se dá por mera transferência, mas o problema maior reside no caso de diversidade de sistemas de sons, quan do, então, se deve seguir o processo de:

- 1) descrição dos sistemas de sons;
- 2) comparação dos sistemas descritos;
- 3) descrição dos contrastes problemáticos.

O objetivo principal da análise dos sistemas de sons é descobrir o sistema fonológico das duas línguas postas em comparação. E, a comparação de cada fonema deverá incluir pelo menos três pontos a serem verificados, que são:

- 1) A língua nativa tem um fonema foneticamente seme lhante?
- 2) As variantes dos fonemas são semelhantes nas duas línguas?
- 3) Os fonemas e suas variantes estão distribuídos de modo semelhante?

### 3.1.3. Weinreich

Uriel Weinreich (1970:11-13), em "Languages in Contact",

faz uma distinção entre interferência na língua e na fala. Na fala a interferência ocorre em expressão do falante bilíngüe como um resultado do conhecimento pessoal de outra língua. Na língua, encontram-se fenômenos de interferência que, tendo ocorrido freqüentemente na fala dos bilíngües, estabilizou-se e se tornou comum. O seu uso não depende mais do bilingüismo.

Os métodos de estudo da interferência não são os mesmos nos dois aspectos. O estudo de elementos emprestados estabelecidos numa língua é mais simples porque eles podem ser obtidos através de perguntas repetidas a um informante; textos escritos também podem ser usados com bons resultados. A observação da interferência no ato da fala é muito mais precária. É melhor observada numa conversação entre dois informantes, mas o observador depara com uma dificuldade: de um lado quer deixar os informantes falar o mais livre possível, mas por outro lado, ele precisa interrompê-los para obter esclarecimentos sobre o uso e o motivo que os leva a este uso.

Mais adiante, Weinreich afirma que "nenhuma forma de medida ou caracterização do impacto total de uma língua sobre a outra na fala dos bilíngües foi, ou poderá ser, encontrada. A única forma possível é descrever as várias formas de interferência e tabular a sua freqüência. (WEINREICH 1970:63)

### 3.2. Métodos e Procedimentos do Trabalho:

Baseado na fundamentação teórica exposta e na definição prática de fonema de Kenneth L. Pike (1971:63) que "a

Phoneme is one of the significant units of sound arrived at for a particular language by the analytical procedures developed from the basic premises previously presented", fundamentaram-se os métodos e meios para o presente trabalho.

Utilizou-se o método de análise contrastiva apresentado por Robert Lado que é um procedimento dedutivo que começa pela descrição dos sistemas em contato, compara-os e, no confronto dos sistemas, procura prever as interferências do dialeto na língua portuguesa. Mas, ao mesmo tempo também se utilizou o método da análise de erros que anota os erros cometidos e faz um exame minucioso dos mesmos para descobrir as causas destes erros que podem ser de interferência ou de ordem pedagógica.

Sabendo-se que o falante de língua portuguesa de Loeffelscheidt tem dificuldades em distinguir a surdez e a sonoridade entre os fonemas /p/ x /b/, /t/ x /d/ e /k/ x /g/ e verificando que na escrita o problema ainda é mais acentuado, levantaram-se as hipóteses, baseado nos erros da fala e da escrita, de:

a) o sistema fonêmico do dialeto é diferente do sistema fonêmico da língua portuguesa;

b) os fonemas oclusivos do dialeto são /p<sup>h</sup>/ x /p/, /t<sup>h</sup>/ x /t/ e /k<sup>h</sup>/ x /k/, sendo que [b], [d] e [g] são variantes de /p/, /t/ e /k/;

c) no dialeto, há os fonemas oclusivos /p<sup>h</sup>/, /t<sup>h</sup>/ e /k<sup>h</sup>/ e os fonemas /p/, /t/ e /k/ se opõem em sonoridade aos

fonemas /b/, /d/ e /g/, sendo que os fonemas do dialeto são /p<sup>h</sup>/ /t<sup>h</sup>/ /k<sup>h</sup>/ - /p/, /t/, /k/ e /b/ /d/ e /g/.

Verificando, ainda, que o falante possui muita dificuldade em realizar os sons [ʒ] e [R], levantou-se a hipótese de que no dialeto não existe o fonema /ʒ/ e /R/.

A primeira fase da comparação, a comparação dos fonemas como unidades, poderia ser rapidamente realizada se tivesse um quadro fonêmico do dialeto, mas como não se tinha, foi necessário escolher um informante que pudesse fornecer o "corpus" da língua para o estudo fonêmico do dialeto.

A escolha do informante obedeceu a certas normas já consagradas em pesquisas dialetais:

- 1) estar dentro da segunda faixa etária, acima de quarenta e cinco anos;
- 2) ser natural da região;
- 3) ter pais também nascidos na região;
- 4) quase não ter viajado. (RODRIGUES 1974:30)

Para a descrição do dialeto serviram os dados do questionário já elaborado: Formulário dos Vocábulos Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas Brasileiras do Museu Nacional, Divisão de Antropologia - Setor Lingüístico, Rio de Janeiro, segunda edição, além de textos livres em que o informante fala sobre sua escolaridade, história da localidade e até conta uma piada, perfazendo um total de 120 minutos de gravação.

Reconhece-se que este questionário não é ideal para

descrição do dialeto germânico porque foge da realidade ambiental e cultural da localidade, mas mesmo assim deu condições de descrever o quadro fonêmico do dialeto, uma vez que o tempo exíguo não deu condições de elaborar um questionário mais apropriado, assim como também não foi possível ouvir mais de um informante.

Como se necessitava de uma gravação mais fiel, aplicou-se o questionário no laboratório de línguas da Universidade Federal de Santa Catarina, onde se encontra a gravação à disposição de todos que dela quiserem dispor.

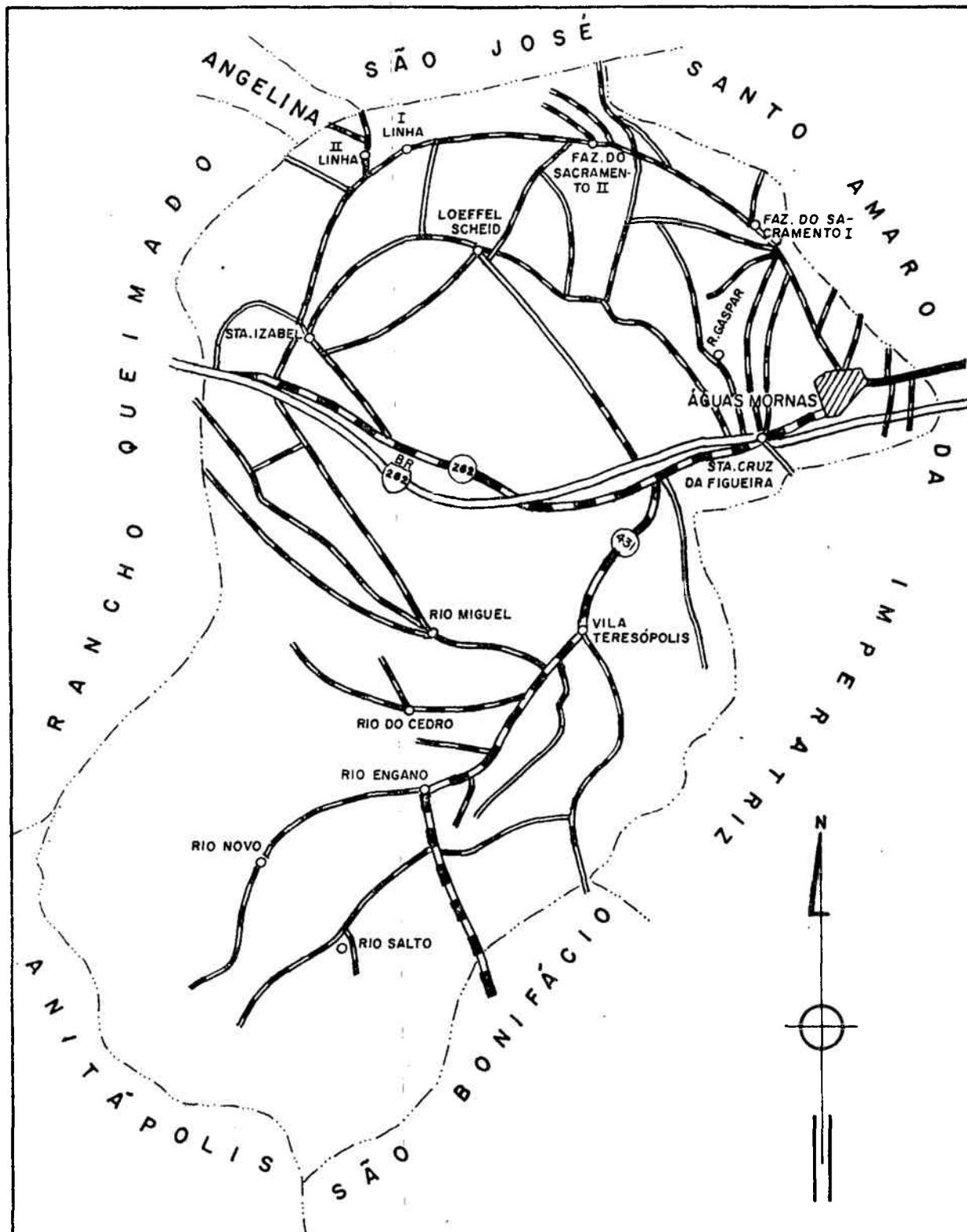
Voltou-se diversas vezes ao informante e à comunidade para se esclarecer dúvidas encontradas na análise fonêmica do dialeto.

Para o quadro fonêmico do português padrão utilizou-se o da Professora, mestra em lingüística, Sidnéia Gaspar de Oliveira (1978:6), utilizado em aula de fonologia desta Universidade, por ser o mais apropriado, ao falar da população de Santo Amaro da Imperatriz.

Já se falou na metodologia do preenchimento do formulário sócio-lingüístico, mas, aqui, convém reforçar que se utilizou o método mais informal possível no preenchimento dos questionários porque contou-se com um fator pessoal muito importante na "observação participante" por se fazer parte do grupo, falar o mesmo idioma e possuir laços sanguíneos com o mesmo grupo, não havendo, assim, desconfiança do mesmo em relação ao pesquisador.

## CAPÍTULO II

### HISTÓRIA DE LOEFFELSCHEIDT



ESTADO DE SANTA CATARINA  
MUNICÍPIO DE  
**ÁGUAS MORNAS**



Atualizado e Executado na Administração  
do PREFEITO MARIO JOSÉ KOERICH

LEGENDA:

-  - SEDE DO MUNICÍPIO
-  - VILA OU POVOADO
-  - ESTRADA FEDERAL PLANEJADA
-  - ESTRADA ESTADUAL IMPLANTADA
-  - ESTRADA ESTADUAL PAVIMENTADA
-  - ESTRADA MUNICIPAL IMPLANTADA
-  - ESTRADA MUNICIPAL PLANEJADA
-  - LIMITE INTERMUNICIPAL

### 1. Características Gerais:

Loeffelscheidt - comunidade rural do município de Águas Mornas - dista perto de 45 quilômetros da Capital do Estado de Santa Catarina, situa-se o município, criado pelo decreto lei nº 790 de 19/02/1961, entre os municípios de Anitápolis, Rancho Queimado, Angelina, São José, Santo Amaro da Imperatriz e São Bonifácio, sendo que do município de São José se desmembraram todos os outros.

O município de Águas Mornas subsiste praticamente pela atividade agrícola, hortigranjeira e pecuária, além de indústrias de pequeno porte como madeireiras e fábricas de móveis.

Águas Mornas é um dos municípios da Grande Florianópolis e alimenta a Capital do Estado com seus produtos agrícolas.

DADOS ESTATÍSTICOS DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE ÁGUAS MORNAS EM COMPARAÇÃO COM OUTROS MUNICÍPIOS DA GRANDE FLORIANÓPOLIS - ANO 1979. <sup>(1)</sup>

Espécie	Total da Produção Kg.	Percentual %	Produção Águas Mor. Kg.	Percentual %
Alho	8815	61	3517	39
Batata	3072700	71	896750	29
Beterraba	289841	73	80211	27
Cebola	708.064	68	232.903	32

(1) Estes dados nos foram fornecidos pela ACARESC de Águas Mornas, cujo Escritório se encontra numa das salas do Paço Municipal daquela localidade.

Cenoura	498.817	62	190.896	38
Couve-flor	246.825	56	109.898	44
Repolho	1.312.916	84	210.984	16
Tomate	2.213.025	79	484.650	21

---

O total da produção agrícola se refere aos municípios de Alfredo Wagner, Angelina, Anitápolis, Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Garopaba, Governador Celso Ramos, Leoberto Leal, Palhoça, Paulo Lopes, Rancho Queimado, Santo Amaro da Imperatriz, São Bonifácio e São José.

O percentual é calculado sobre estes municípios. Assim pode-se verificar que Águas Mornas é um dos municípios que alimenta Florianópolis. Estes dados se referem somente a produtos comercializados no CEASA. Sabe-se que muitos colonos comercializam, ainda, os seus produtos em feiras-livres, restaurantes, quitandas, hospitais e mesmo em quartéis das Forças Armadas.

A comunidade de Loeffelscheidt encontra-se no morro entre as comunidades de Vargem Grande, Santa Isabel (= Rio dos Bugres), Primeira Linha e Fazenda do Sacramento Segunda. Parece estranho dizer que a comunidade se situa num morro, mas a realidade é esta. Sobe-se por todos os lados. É por isso que muitos conhecem a localidade por Loeffelscheidter-Berg. (2)

O primeiro nome da localidade, dado pelos colonizadores, foi de "Loeffelschneiss" (3) que mais tarde se mudou pa

(2) Loeffelscheidter-Berg. Traduz-se Morro do Loeffelscheidt.

(3) Loeffelschneiss. Traduz-se por divisa de uma colher.

ra Loeffelscheidt<sup>(4)</sup>, nome conhecido por todos, mas muito mal pronunciado por muitos. Estes nomes nos causaram curiosidade. Perguntando aos mais velhos o porquê desses nomes, informaram que Loeffelscheidt teria a forma física de uma concha com a parte côncava para baixo. Daí os nomes de divisa de colher (concha) e bainha de colher, respectivamente, Loeffelschneis e Loeffelscheidt.

Loeffelscheidt estende-se desde a Fazenda do Sacramento até o Rio dos Bugres. Começa em Fazenda com o caminho que sobe ao planalto para acompanhar, em linha quase reta, a divisa das águas e alcançar, após um trecho correspondente a uma caminhada de três horas, o vale do Rio dos Bugres. Dos dois lados da via encontram-se vales em que nascem pequenos regatos, que se dirigem aos vários afluentes do Rio Cubatão, ou desembocam diretamente no mesmo.

Os habitantes, segundo as notas de Francisco S. G. Schaden (1946:10), são descendentes germânicos, vindos, em 1847, da região Hunsrück, situada no triângulo formado pelos Rios Reno e Mosela.

Essé fator de terem vindo de uma zona montanhosa, onde também não podiam trabalhar com arado e grade, facilitou o início da colonização. Mas, mesmo assim, tiveram que enfrentar outros problemas. Não estavam habituados a derrubar mata virgem e, além disso, as várias culturas, com exceção da cultura da batata e legumes, não eram as mesmas da terra de origem.

---

(4) Loeffelscheidt. Traduz-se por bainha de colher.

As terras não eram e ainda não são das melhores. Nas encostas abruptas, existem terras imprestáveis, ou de pouca fertilidade para a lavoura. A localização isolada, sem cultura orientada para o mercado e sem oportunidade de venda, foram obstáculos enfrentados pelos primeiros colonizadores.

Diante dessa realidade, os colonos, com terras de pouca fertilidade, tiveram que adotar o sistema de ciclo de rotação de terras e como não pudessem usar máquinas para o cultivo da lavoura contentaram-se com a policultura que predomina ainda hoje.

Apesar disso, a colônia prosperava, havendo, hoje, colonos em boa situação econômica.

Os moradores são todos católicos e dão muita importância à vida religiosa. O pastor Stoer, num de seus opúsculos sobre Santa Isabel, qualificou-os como fanáticos e intolerantes, quanto à religião. O que não parece justo ou condizer com a verdade, pois vivem, atualmente, em perfeita harmonia com as comunidades evangélicas vizinhas, como Santa Isabel e Primeira Linha (Antiga Bauerslinie). É verdade que, nos primeiros anos de colonização, houve pequenas rixas, mas que Francisco Schaden (1946:10-11) classifica não como rixas religiosas, mas de diferenças étnicas. Segundo o autor, "a população renana não perde nunca o bom humor, sabendo, mesmo nas situações mais precárias, entoar algum canto ou dizer uma frase chistosa. A Alemanha Setentrional, de onde veio a maior parte dos moradores de Rio dos Bugres (Santa Isabel), é habitada

por uma gente bem mais retraída e menos dada a gracejos e brincadeiras".

Parece-nos que o Professor Francisco Schaden tem razão, porque, até hoje, o povo conserva essa característica de gente prazenteira e jovial. Por isso, talvez, não se teve problemas em colher os dados necessários para o presente trabalho.

## 2. Religião:

O espírito de religiosidade, jovialidade e comunidade levou os desde cedo, a construir uma capela. Não se sabe estabelecer a data da construção da primeira capela, mas sabe-se que foi antes de 1861 e, como padroeira, escolheram o nome de Nossa Senhora da Glória. Diz-se que a primeira igreja era bem modesta. "Era de uma construção em obra de carpintaria, com paredes formadas de grades de madeira cobertas de barro; o telhado era de tabuinhas". (Schaden 1946:17)

A primeira capela era assistida, esporadicamente, por um padre de São José. Só a partir de 1861 têm-se notícias mais exatas sobre a assistência eclesiástica de Loeffelscheidt, porque, nesse ano, fixou residência, em Terezópolis, o padre Wilhelm Roer, que visitava regularmente a capela. Sabe-se, também, que, no final de sua vida, o padre Roer era assistido pelo padre Jacob Pies, residente em São Pedro de Alcântara e que o padre Roer iniciou a construção da segunda capela, que deveria ser de tijolos. Toda a comunidade participou da cons

trução da segunda capela, porque o material de construção foi puxado com o auxílio de cargueiros e a madeira foi serrada a braço. Em 03 de novembro de 1889 inaugurou-se a segunda capela com a presença do padre Francisco Topp, sucessor do padre Roer.

Em 1891, estabeleceram-se em Terezópolis dois padres e dois irmãos franciscanos, que assumiram também a assistência religiosa de Loeffelscheidt.

O primeiro relacionamento dos franciscanos com o povo não foi muito bom. Conta-se que, no início do ano de 1902, houve desavenças entre Frei Amando Bahlmann e o povo. Frei Amando fechou a capela e se retirou da comunidade. Na mesma tarde, os colonos se reuniram às proximidades da capela e, achando-se inocentes, abriram-na, sem ordem do bispo e nem mesmo do vigário. Continuaram a fazer os seus cultos aos domingos e dias santos, como de costume. Um ano depois da confusão, houve santas missões e se restabeleceu a situação de paz e espírito comunitário entre os padres e a população.

Este episódio mostra bastante bem o temperamento e o espírito de religiosidade do povo de Loeffelscheidt. Mesmo sem autorização do bispo, abriram as portas da igreja e faziam seus cultos e atos de fé, como até hoje fazem. Em comunidades rurais, desavenças dessa natureza são comuns por motivos de fofocas e ciúmes.

Conta-se, ainda, que "os franciscanos usavam muita verdade, ordenando a supressão total dos bailes. A isso os

colonos não corresponderam" (Schaden 1946:20). Continuavam fazendo as suas domingueiras, o que dificultava o bom relacionamento com os padres.

Nas comunidades vizinhas, como em Santa Isabel e Fazenda do Sacramento, havia diversidade de religião: Católica e Evangélica. Em Bauerslinie, havia só Evangélicos. Apesar dos credos diferentes ou mistura de credos, nas localidades vizinhas, houve poucos casamentos mistos. E nos que houve, verificou-se a conversão de um dos nubentes ao catolicismo.

Em 1909, Terezópolis passou, novamente, a sede paróquial, quando veio como vigário o padre Augusto Schwirling. Então, Loeffelscheidt, novamente, passou a pertencer à paróquia de Terezópolis.

Em 1936, os moradores construíram a terceira capela, o que exigiu a cooperação e sacrifício de todos. Segundo Francisco Schaden (1946:21), nesta época, a comunidade diminuíra consideravelmente a sua população, pois Santa Isabel e Fazenda do Sacramento erigiram suas capelas formando outras comunidades menores. A nova capela foi inaugurada em nove de janeiro de 1937.

Desde o levantamento da primeira capela, os moradores se reúnem todos os domingos e dias santificados na igreja para a realização do culto. Nos primeiros tempos, o culto era feito em alemão e, em 1940, com a proibição da Língua Alemã, começou-se a fazer o culto em português, apesar da maioria não entender quase nada.

Em 1970, por iniciativa do dinâmico franciscano, frei Raul Bun, construíram a quarta capela, dedicada a Nossa Senhora da Glória. O espírito de sacrifício e de comunidade se fez presente, como em épocas anteriores, na construção de um lugar para dar glória a Deus. E em quinze de agosto de 1970, dia de Nossa Senhora da Glória, foi inaugurada a quarta capela, com grandes festejos, queima de fogos e até um helicóptero sobrevoou a comunidade, saudando-a com panfletos e flores. É nesta capela e construções anexas que a comunidade se encontra para dar glória e se instruírem nas verdades de sua fé.

Hoje, a comunidade possui dois candidatos ao diaconato leigo permanente que presidem, dominicalmente, o culto e instruem os fiéis quando o padre, que visita a comunidade uma vez por mês, não está presente. O culto é feito em português, mas a homilia, muitas vezes, é feita em alemão a pedido dos mais velhos que confessam compreenderem pouco português.

### 3. Vias de Transporte e de Comunicação:

Não é de se estranhar que os meios de transporte e de comunicação, nos primeiros tempos de colonização, fossem péssimos. De início só havia o chamado Caminho Imperial, ao longo do qual habitavam os colonos. Sabe-se que o Brasil Império enviou os colonizadores à margem desse caminho para que o defendessem do ataque dos silvícolas. (Schaden 1946:3) Aos poucos, os que habitavam no fundo dos lotes tiveram que abrir

estradas secundárias. Abriram-se, assim, as estradas para a Fazenda do Sacramento, Linha dos Bauer, Vargem Grande e Barra do Rio dos Bugres. As estradas, de início, eram verdadeiras pi ca das, por onde só passava um cargueiro<sup>(5)</sup>, abertas pelos co lonizadores e conservadas pelos mesmos. Anualmente, marcava-se um dia para as roçadas das estradas e, muitas vezes, o Pre f e i t o M u n i c i p a l d a v a u m a a j u d a p a r a c o n s e r v a ç ã o d a s e s t r a d a s. Hoje em dia, o Prefeito é o responsável pela conservação das estradas, mas ainda persiste o costume de uma vez no ano se fazer a roçada das estradas. Determina-se uma semana e nes ta os proprietários dos terrenos, por onde passa a estrada, fazem as roçadas, abrindo bem as curvas e tirando o mato nas regiões mais sombrias.

Hoje se tem acesso ao Loeffelscheidt por todos os la dos, mas a maior dificuldade no transporte se dá em dia de chuva, pois as estradas possuem um aclave muito acentuado e são lamacentas.

Antigamente, o meio de transporte era o c a r g u e i r o, que ainda existe na localidade. Os imigrantes não estavam h a b i t u a d o s a andar a cavalo. Aqui também não trataram de arr a n j a r a n i m a n i m a n i m a n t a r i a, preferindo andar a pé. (Schaden 1946: 26)

Quando alguém adoçcia e precisava ir ao hospital, fa z i a - s e u m a p a d i o l a, em que se colocava o doente, que era carrega

---

(5) Cargueiro - cavalo ou burro que portava dois balaios fei t o s de taquara nos quais se carregavam merç a d o r i as, ou mesmo guris pequenos para passeios mais longos.

da por quatro homens e levada à Fazenda do Sacramento, Santa Isabel ou Vargem Grande, onde se alugava uma aranha que transportava o doente à Farmácia ou ao Hospital.

O Senhor Leopoldo Hillesheim, residente em Fazenda do Sacramento, informou que chegou a ir três vezes, num mesmo dia, à cidade de Águas Mornas, onde ficava a farmácia mais próxima, para socorrer doentes de sua localidade, Linha dos Bauer e Loeffelscheidt. Conta que, às vezes, chegou a descer da aranha e andar doze quilômetros a pé, tocando o cavalo a sua frente para dar maior conforto ao doente. "Não havia dia, nem hora, a gente era chamado e lá se ia atender ao doente. Muitas vezes se tinha até pena do cavalo de tão cansado que estava".

Hoje a situação é bem diferente. Loeffelscheidt já possui três carros. Há mais facilidade em transportar um doente. O hospital também está mais próximo. O hospital São Francisco de Assis de Santo Amaro da Imperatriz mantém Convênio com o FUNRURAL através do qual atende os agricultores de diversos Municípios, inclusive o de Águas Mornas.

O centro de comunicação social e de relacionamento é a igreja. À igreja, nos domingos e Dias Santos de Guarda, eles conversam sobre plantação, tempo, política, crises e os fatos de destaque da semana.

Todas as residências, atualmente, possuem um rádio à pilha, onde ouvem os seus programas preferidos. Constata-se, no inquérito sócio-linguístico, que o programa mais ouvido, é

o da música sertaneja. A este fato se voltará em 7.2.8.

A energia elétrica, um fator de desenvolvimento econômico, cultural e de comunicação, é precária. O padre frei Raul, o qual se citou em I.2, fez uma campanha junto à comunidade e instalou um gerador movido a água que produz energia para quatorze famílias. Existe, ainda, outro morador que possui sua luz própria. Como se pode ver, durante o dia não há energia elétrica. À noite, apenas quinze famílias das trinta e seis existentes possuem energia elétrica e por isso, também, existe apenas um televisor na localidade. Mas hoje já se fala que em breve haverá energia elétrica para todos, pois o Prefeito Municipal já solicitou à ERUSC providências no sentido de que Loeffelscheidt também faça parte da eletrificação rural. Mediante essa promessa, os agricultores, nas últimas eleições, reuniram-se em torno de um candidato que levou 66 votos dos 68 existentes naquela urna.

Ninguém assina jornal ou periódico. Algumas poucas famílias possuem um Kalender Alemão, proveniente dos padres Jesuitas do Rio Grande do Sul. Nestes Kalenders há sempre uma parte humorística escrita no dialeto do Hunsrück. Esta é a primeira leitura que se procura para ser lida. Todos gostam de ler ou ouvir essa história. Às vezes, os mais velhos a lêem em voz alta para que todos os presentes a possam ouvir.

#### 4. Comércio e Indústria:

Nos primeiros tempos de colonização, sabe-se que os co

lonos, apesar do pouco conhecimento de Português, fizeram alguns negócios com serranos que por aí passavam, mas esse comércio terminou, quando foi colonizado o baixo Rio dos Bugres, porque o caminho dessa região permitia o comércio com Vargem Grande. Os tropeiros deixaram o Imperial - Caminho, antes da subida ao morro do Loeffelscheidt.

Foi necessário, então, os colonos abrirem um caminho direto de Loeffelscheidt para a Vargem Grande, onde passaram a fazer suas compras e vendas. Os que tinham maior quantidade de produtos para vender, desde os primeiros tempos, preferiram levá-los à capital, onde também havia a vantagem de comprar objetos de que necessitavam.

Em Loeffelscheidt, nunca chegou a florescer uma casa de comércio. Houve várias tentativas, mas não tardaram em desistir. Hoje, há uma casa, chamada a venda do Loeffelscheidt, onde se vendem fósforos, fumo, bombons, açúcar, trigo, arroz, cachaça e outros produtos de primeira necessidade. A venda é mais freqüentada aos sábados à tarde e aos domingos, após o culto dominical. Nesses dias, é procurada para se tomar uma "purinha" ou uma "cachaça-doce". (6)

Casas de negócio para vender fazendas, em Loeffelscheidt, não existiram e não existem. Nos primeiros tempos, compravam as fazendas de "mascates", que procuravam esses recantos para suas atividades comerciais. Hoje, fazem suas compras em Santo Amaro da Imperatriz ou Águas Mornas.

---

(6) cachaça-doce - É mistura de cachaça com capilé ou groselha

A localidade, além de dois pequenos engenhos de farinha e de açúcar, não teve grandes indústrias. Não havia e ainda não há energia para movimentar uma indústria. Os riachos não são caudalosos e por isso não possuem capacidade de girar uma indústria.

Somente em 1970, com a colaboração e solidariedade de todos os membros da comunidade, o padre frei Raul conseguiu, reunindo água de todos os lados, movimentar uma atafona que serve os moradores da localidade.

#### 5. Vida Social e Costumes:

Nos primeiros tempos, os imigrantes sentiam muito a falta de distração. Reuniam-se de vez em quando, na casa de um morador, para cantar, divertir-se ou beber e comer. Mas, "mesmo que alguém bebesse demais, as festinhas eram sempre cordiais e pacíficas". (Schaden 1946:28)

Após alguns anos, os jovens procuravam distrair-se de outra forma. "Sempre que numa casa se reunia um grupo de moças e rapazes, um tocava gaita, enquanto os demais dançasavam". (Schaden 1946:28)

Era e ainda é costume de, à noitinha, se visitar os pais, irmãos ou algum amigo, quando se conversa e canta.

Em dias de semana, ouviam-se e, ainda, se ouvem, nas roças, canções alegres que ressoam entre as montanhas.

Nas épocas de fabricação de farinha de mandioca, são comuns as reuniões, à noite, até altas horas da madrugada, pa

ra se divertir, conversar e cantar.

A Sexta-Feira Santa é um dos principais dias de come  
moração religiosa. A família, naquele dia, guarda um sagrado  
silêncio. Todos procuram manter-se sérios. Não é dia de brin  
cadeiras. Após ao meio-dia, as famílias se dirigem à cruz di  
ante da capela e, em silêncio, rezam pelas almas dos parentes  
e amigos. Às três horas da tarde, todos se encontram na cape  
la, quando o candidato ao diaconato e outros leitores reali  
zam as leituras da Paixão do Senhor Jesus e veneram a Santa  
Cruz. Depois das cerimônias, todos voltam para casa, com res  
peito, seriedade e pouca conversa. Não é dia de se tomar a ca  
chaça doce na venda próxima da igreja.

No Sábado Santo pela manhã, antes do nascer do sol,  
levantam-se e lavam as mãos, o rosto e, muitas vezes, os pés  
em água corrente. A este ato atribuem receber de Deus saúde  
e beleza. A seguir esperam, ansiosamente, o nascer do sol. Os  
mais velhos afirmam que nesse dia o sol dá três pulinhos, lo  
go que aparece no horizonte.

O Sábado Santo, ainda, continua a ser dia de seriede  
de, de silêncio, até às 18:00 horas, quando se reúnem na igre  
ja para celebrar a Páscoa: Ressurreição do Senhor. Depois da  
celebração, todos se cumprimentam, desejando uma Feliz Pás  
coa, (Glückliche Ostertag). [Aich wenche a gode ustatag] <sup>(7)</sup>.  
Os padrinhos e as madrinhas, nessa ocasião, presenteiam os

---

(7) Feliz Páscoa - Observe-se entre colchetes a fala dos mora  
dores para desejar uma Feliz Páscoa.

seus afilhados com guloseimas, como doces, amendoim torrado, bombons e, de maneira especial, ovos cozidos tingidos. No Os tertag, em todas as casas, há os ovos cozidos tingidos, embelezando os pratos nas mesas das copas.

Por ocasião do nascimento de uma criança, somente os convidados visitam a parturiente, mas os convidados são muitos para o "kindchencafe".<sup>(8)</sup> Para essa festa não se levam presentes. Para cuidar da parturiente apresentavam-se as filhas mais crescidas das várias famílias, quando não houvesse na casa uma jovem capaz de fazê-lo.

A roupa de batizado é dada pelos padrinhos e, além disso, o padrinho paga as despesas da madrinha. Após o batizado, o padrinho oferece guloseimas aos pais da criança e à madrinha. É a comemoração do batizado. O dono da festa é o padrinho, [De Phath], na venda mais próxima da igreja. Os pais e padrinhos se tratam entre si por "kompader" e "komader".

É costume fazer-se o casamento pelas nove horas da manhã. Depois do casamento religioso, os convidados se dirigem à casa da noiva ou do noivo, quando, então, os noivos, à porta, são saudados por um dos presentes, oferecendo-lhes um copo de vinho. Depois da saudação, os noivos são recebidos e cumprimentados, dentro de casa, pelos pais dos mesmos e por todos os convidados, enquanto a gaita já dá os primeiros acordes da valsa nupcial que os noivos irão dançar. Depois dos cumprimentos, o "gaiteiro" toca a primeira valsa, que é dançada pelos noivos, a segunda, pelos noivos e padrinhos do casa

---

(8) kindchencafe significa um café quando se visita um recém-nascido.

mento e, na terceira, o gaiteiro grita: "agora é para to dos". Todos começam a dançar. Ao meio-dia, serve-se um almoço regado a vinho. A comida permanece na mesa até a noite. Come-se, bebe-se e dança-se até ao anoitecer.

Quando morre alguém, faz-se o velório. Dele participa um grande número de pessoas. Serve-se um jantar, à noite, e o litro de cachaça passa de vez em quando para espantar o sono e animar ainda mais a conversa que por si só já é animada.

No último dia do ano, à noite, os moços se reúnem para saudar o Ano Novo (Das neue Jahr anschliessen).<sup>(9)</sup> Este costume vem desde o início da colonização. Saúdam o Ano Novo com foguetes e o repicar dos sinos. Nessa noite, não falta a música e nem a cachaça. Todos brincam e se divertem cantando: "Das alte Jahr ist verflossen, das neue wird drum angeschossen".<sup>(10)</sup>

Esses são os costumes mais notáveis da comunidade. Existem outros, mas que são comuns a muitas outras localidades rurais e por isso não são relatados neste trabalho.

## 6. A Escola:

Em todas as sociedades humanas, a educação exerce a função de transmitir o acervo cultural acumulado na sucessão de gerações. "Como não podem existir sociedades sem cultura, também não as pode haver sem educação". (WILLEMS 1946:376) É

---

(9) Das Neue Jahr anschliessen - Saudar o ano novo soltando foguetes.

(10) Das alte Jahr ist verflossen, das neue wird drum angeschossen - O ano velho passou, o novo será saudado em fogos.

lógic, pois se não houvesse educação, não haveria continui  
dade cultural. As gerações novas teriam que inventar tudo no  
vamente.

Conforme Emílio Willems (1946), em toda cultura, en  
contra-se o mecanismo de sua própria transmissão em forma de  
um certo número de normas de ação que determinam certas rela  
ções entre pais e filhos; entre velhos e jovens e, talvez, en  
tre mestres e discípulos. Esse mecanismo procurou-se insti  
tucionalizar, manifestando-se na escola.

Baseado nessas afirmações, deve-se ver a educação  
sob dois aspectos: "como parte integrante das culturas huma  
nas e como mecanismo de transmissão destas próprias cultu  
ras". (WILLEMS 1946:377)

O mecanismo de transmissão reveste as formas de sis  
temas educacionais que não podem ser separadas da cultura.

A educação é essencialmente funcional. Separá-la do  
contexto cultural anula-lhe a razão de ser. Isso, muitas ve  
zes, é ignorado pelos nossos mestres, quando se trata de edu  
cação escolar.

Essa relação de dependência adquire um realce espe  
cial quando se põem em confronto culturas e sistemas educa  
cionais diferentes.

O sistema educacional, no século XIX, dos imigrantes  
alemães e brasileiros era diferente. "Os colonos germânicos  
vinham de uma cultura em que a comunicação já dependia, em

grande parte pelo menos, do conhecimento da escrita". (Willems 1946:378) No Brasil, onde os germanos estabeleceram contatos, a alfabetização, em que se exigisse o sinal gráfico entre as populações rurais caboclas, estava num nível embriológico.

No princípio do século da colonização, o governo brasileiro não se preocupava a não ser com a educação das elites. Loeffelscheidt também viveu, durante muito tempo, em situação precária. As crianças não aprendiam a ler e a escrever, salvo se instruídas por uma pessoa da própria família.

Existem poucas informações sobre a instrução e os primeiros professores de Loeffelscheidt. O que se sabe foi colhido nas entrevistas e nas "notas para a História de Loeffelscheidt, deixados por Francisco S. G. Schaden. Num velho almanaque de 1897 encontram-se anotações dum mestre-escola de nome Alexandre Düring, mas ignora-se a época em que esteve em Loeffelscheidt.

O colono João Baier, depois de se fixar em Loeffelscheidt, encarregou o professor particular Karl Schimmler da instrução de seus filhos, aos quais, dentro em pouco, se associaram as crianças das famílias vizinhas. Karl Schimmler lecionou durante vários anos, mas seus modos de vida não agradavam à população.

Depois desse professor cumpre mencionar o professor Johann Leonard Harger. Segundo o pastor Stoer "Harger trabalhou em 1886 no instituto do Rio dos Bugres. Mais tarde vi

veu aí como lavrador, passando depois a lecionar em Loeffelscheidt. No começo, ficou morando no Rio dos Bugres e subia três vezes por semana ao Morro de Loeffelscheidt para aí dar as suas aulas". (Schaden 1946:22) Não se sabe se o ensino era ministrado em edifício escolar ou na casa de um colono, o que parece ser mais provável. Depois de algum tempo, Harger mudou, com sua família, para Loeffelscheidt, passando a dar as suas aulas, diariamente, numa sala de sua casa. Decorridos vários anos, confiou o cargo à esposa, indo ele, em companhia de dois filhos, para São Bonifácio, onde dirigiu a escola local de janeiro de 1902 até outubro de 1903.

No começo, a professora Harger teve bom número de alunos, porque os sacerdotes recomendavam com freqüência a escola em suas práticas. Com o tempo, porém, a afluência diminuiu muito porque a maior parte do tempo das crianças era tomado com trabalhos manuais. Essa atividade, ainda hoje, não é muito bem aceita em comunidades rurais. A criança vai para a escola para aprender a ler, escrever e não para aprender a fazer atividades manuais. "A atividade o pai ensina em casa: trabalhar na roça".

Parece que, no tempo da professora Harger, a escola recebia uma subvenção dos poderes públicos, pois, quando mais tarde assumiu a direção do estabelecimento, o professor Francisco Schaden conta que teve que pedir licença ao inspetor escolar para usar os móveis escolares que diziam pertencer ao governo.

Com a professora Harger, a escola foi fechada. Posteriormente, Peter Schmitz tomou interesse pela escola, funcionando num edifício desocupado, antes habitado por Jacob Brandt. Por esse edifício, colocado à disposição da comunidade, passaram diversos professores dos quais se tem pouca informação.

O professor Francisco Schaden cita o professor Alexandre Sommer que, sem formação pedagógica, lecionou por algum tempo. Afirma, ainda, que a comunidade estava satisfeita porque possuía verdadeira paixão pelo canto que transmitia à comunidade. Cita-se ainda o professor Fritz Veilchen que era marinheiro, mas que ficou muito pouco tempo na comunidade.

Nesse período, a escola de Loeffelscheidt passou por uma crise. As famílias que não moravam muito longe do excelente estabelecimento evangélico de Rio dos Bugres, enviavam os seus filhos a essa escola. Os que moravam pelo lado da Fazenda do Sacramento não podiam recorrer à mesma solução. Por isso João Schmitz tomou um professor particular para a educação de seus filhos. As crianças da vizinhança, também, frequentaram, por algum tempo, as aulas, mas desistiram porque o professor era pouco delicado. Por fim, João Schmitz despediu o professor, confiando o ensino a sua própria filha Catarina, mas que, também, lecionou por muito pouco tempo.

Foi nessa época, em 1911, que chegou a Loeffelscheidt o professor Francisco S. G. Schaden. Um pouco antes de sua

chegada, o padre Augusto Schwirling já havia motivado a comunidade que construiu um edifício escolar com compartimentos que serviam de moradia a um professor. Isso era para motivar a fixação do professor na comunidade que era e ainda é problema até hoje.

O próprio professor Schaden (1946:24) confessou que os pais pagavam a mensalidade de 1\$000 por aluno, além de fornecerem alguns gêneros alimentícios. E mais adiante diz: "... mesmo para a época, em que tudo era mais barato, os meus vencimentos eram insuficientes, mas, apesar de reiterados esforços, não logrei obter subvenção de espécie alguma". Como o problema do magistério é sempre o mesmo, em fins de 1912, Schaden deixa Loeffelscheidt para se estabelecer em São Bonifácio.

Após a saída do Professor Francisco Schaden, o ensino ficou suspenso por algum tempo, até que José Beppler reabriu a escola, dirigindo-a durante quatro anos. Depois de outro período de estacionamento, Jakob Henkel, ex-aluno do professor Schaden, encarregou-se do ensino, ocupando o cargo por cinco anos.

Mais tarde, em 1937, Marcolino Kraus reabriu o estabelecimento, mas lecionou, apenas, durante três meses.

Pouco depois, durante a época da Campanha da Nacionalização, fundou-se uma escola oficial, dirigida por Olanda Harger até 1942 e que passou o seu cargo a Diva Scheidt. Segundo as informações colhidas, a professora Olanda Harger te

ria sido a primeira professora a lecionar somente em língua portuguesa, isso porque a legislação e as medidas administrativas obstruíram cada vez mais as escolas alemães. A guerra, a propaganda nazista, a repressão, o fechamento das escolas e a proibição de falar alemão são os fatos dessa época.

Depois da professora Diva Scheidt, assumiu a professora Emília Thiesen que passou o seu cargo ao atual professor Isolino Kraus.

Essa é a realidade educacional de Loeffelscheidt. O Governo do Estado pouco se envolveu na educação daquela Comunidade. Hoje a Comunidade possui duas escolas relegadas à prefeitura municipal de Águas Mornas.

Os colonos alemães sentiram a necessidade e utilidade da escola. Fizeram tudo para que os seus filhos fossem alfabetizados, mas isso nem sempre foi possível, pois as interrupções pela falta de Mestre-escolas, além dos professores mal preparados, fez com que os objetivos nem sempre fossem alcançados.

Emílio Willems (1946:392), afirma com muita propriedade que nas escolas rurais predominava o professor leigo e improvisado, o qual havia de dividir seu tempo entre o amanho de suas roças, as aulas e outros misteres de que a Comunidade talvez o incumbisse.

Isso predomina, ainda, hoje, na Comunidade de Loeffelscheidt, onde, como já se disse, há duas escolas municipais

e os professores são leigos e improvisados, o que não lhes tira o mérito. Ambos possuem, apenas, o quarto ano primário. Possuem uma boa vontade e dedicação tamanha que, em meados de outubro, todas as crianças, mesmo do primeiro ano, já sabiam ler, exceto um aluno com problemas psicomotores, o que não acontece em todas as escolas, mesmo naquelas onde há profissionais bem preparados!

No ano de 1980, havia quarenta e três alunos e alunas matriculados nas escolas de Loeffelscheidt 01 e 02, como se denominam as escolas. Treze alunos frequentavam a primeira série, nove a segunda, dez a terceira e onze a quarta.

Foram feitas visitas às escolas. Foi-se muito bem recebido pelos professores e alunos que mostraram o seu material de ensino e responderam prontamente às perguntas feitas.

Numa das escolas, os alunos possuem livros-textos em Comunicação e Expressão, na outra, nas duas primeiras, os alunos não possuem livros. Notou-se uma diferença na leitura entre as duas escolas. Os alunos que possuem o seu livro-texto lêem bem melhor do que os que não possuem.

Sabe-se que um dos papéis da Escola é completar e compensar a cultura verbal recebida no ambiente familiar. Mas, como se realizará esse papel nas escolas de Loeffelscheidt, se as crianças, até aos sete anos, só falam o alemão no meio familiar?

O professor Isolino Kraus, sem preparo pedagógico, nu

ma das entrevistas, diz que com as crianças da primeira sé  
rie é necessário falar alemão para que "não fiquem no escu  
ro" (dunkel), pois no início não entendem nada em português.  
Para o aluno, aprender a língua portuguesa é aprender uma  
segunda língua. O professor usa gestos, sinais, desenhos e  
figuras para incutir nos alunos o vocabulário básico para o  
diálogo em língua portuguesa.

Realmente foi surpreendente verificar que todos os  
alunos lêem muito bem, após pouco tempo de alfabetização nu  
ma segunda língua. Por isso fez-se uma breve análise dos li  
vros didáticos utilizados pelo professor.

Os meios e o material didático são pouquíssimos, co  
mo em todas as escolas públicas do interior.

Os livros utilizados são o "Primeiro Encontro", das  
Professoras Maria Arminda Nascimento Fonseca e Elma Apareci  
da Coelho Nascimento para a primeira série e "História para  
o Recreio" dos professores Nelson Ramilha, Célia A. T. Mar-  
ques e A. Luís Borin da Primor Educacional do MEC.

O maior problema dos livros didáticos é a inadequa  
ção de alguns textos e questões. Por exemplo, na lição nº 01  
de 2a. série em História para o Recreio, no item nº 05, há  
as perguntas: "Na sua cidade, há muitos jardins e praças ? "  
"Você gosta dos jardins e das praças?" Essas perguntas podem  
parecer muito simples, mas são muito difíceis aos alunos de  
Loeffelscheidt, porque a maioria das crianças nunca foi a  
sua cidade e desconhecem o que é uma praça. Como a criança

poderá responder a questão se não viu a cidade e não sabe o que é uma praça? O professor recorre a fotografias e figuras para mostrar uma cidade e uma praça aos alunos, mas nem sempre esses meios são fáceis de serem adquiridos.

Mesmo com o problema descrito e outros de tal natureza, pode-se dizer que os livros de Comunicação e Expressão, utilizados na escola, são muito bons. Despertam interesse nas crianças e as experiências e necessidades são salvaguardadas. As dificuldades evoluem gradualmente exercitando o aluno na reflexão e criatividade infantil tão necessária e pouco explorada nas escolas do interior.

Na comunidade, existe uma certa oposição a mestres vindos de fora. Essa oposição, como se pôde observar, vem desde os primórdios da escola doméstica, apesar de não se manifestar em público. Todos os professores de Loeffelscheidt faziam parte da comunidade. Eram de origem alemã e falavam alemão. Evidencia-se a rejeição, quando se perguntou ao professor Isolino Kraus por que outros professores nunca subiram ao morro? Ele respondeu que "eles não ficam" e além do mais "eles não gostam dos alemães daqui. E aqui é tudo alemão e daí..."

Um fator que levou os professores fora da comunidade a desistirem é que não se conseguiam entender com as crianças e tinham que levar uma vida segregada, pois não encontravam adultos com quem pudessem conversar algumas frases em português.

Em Loeffelscheidt, o mestre-escola desfrutava de um relativo prestígio. Esse prestígio, no entanto, não lhe vinha de suas atividades educacionais, mas do fato de ele ser a pessoa mais apta e capaz de ler e interpretar documentos. Exercia, ainda, cargos acessórios como de sacristão, presidente da diretoria da capela, que lhe aumentavam o prestígio pessoal. Ainda hoje prevalece essa idéia, pois o professor é candidato ao diaconato permanente leigo, escolhido pelo vigário e a população.

Um fato a observar, na comunidade, é a alegria com que as crianças vão às aulas. A razão disso é que a escola reúne as crianças permitindo-lhes formas de sociabilidade que as distâncias e o trabalho não permitem. A escola é uma das oportunidades de reunir-se a outras crianças e de fugir, em parte, ao controle da geração adulta.

Como se percebe, a escola foi um fator importante na manutenção do alemão. Até por volta do ano de 1940, só se ensinava o alemão. E hoje, a escola está sendo um fator importante na integração das novas gerações à sociedade brasileira, apesar da formação pedagógica dos professores bilíngües com baixo grau de competência em língua portuguesa e com muita interferência fonológica, morfológica e sintática causada pela língua materna.

Hoje, por força de lei, o português é a única língua utilizada na escola e os meios de comunicação fizeram com que o português ganhasse terreno na Comunidade, tornando-a

bilíngüe. E, de acordo com Serafim da Silva Neto (1979:38) ,  
A morte de uma língua é precedida de um período de bilingüis  
mo, mais ou menos longo, em que se trava árdua luta pela su  
premacia". Em Loeffelscheidt, já se sente uma certa tendên  
cia de indiferença pelo estudo do alemão, como se pode ver  
nas atitudes dos informantes em relação às línguas alemã e  
portuguesa. Essa indiferença levará a língua alemã ao seu de  
saparecimento, com o advento das gerações mais novas.

## CAPÍTULO III

### ESTUDO SÓCIO-LINGUÍSTICO

#### 1. Introdução:

Neste capítulo, procura-se descobrir as leis sociais ou as normas que expliquem o comportamento da língua e o comportamento do falante em relação à língua usada na comunidade.

De acordo com Bernstein, "a linguagem condiciona a experiência e a estrutura social, e, então, a estrutura social por sua vez condiciona a linguagem: a estrutura social determina o comportamento lingüístico e este reproduz a estrutura social" (Apud Marcuschi 1975:22), fechando-se, assim, o círculo: estrutura social  $\rightleftarrows$  comportamento lingüístico.

Procura-se mostrar como a linguagem se articula no seu meio ambiente e como a língua se modifica em suas diferentes funções sociais, diagnosticando, assim, o desenvolvi

mento da integração social do grupo para oferecer um potencial emancipatório que deverá levar a uma orientação no ensino da língua, porque, para Weinreich (1980), a fala de um bilíngüe varia de acordo com fatores lingüísticos que influenciam a performance do bilíngüe e extralingüísticos que são fatores inerentes ao bilíngüe como indivíduo e aqueles que ocorrem no contato entre grupos bilíngües. Os fatores externos incluem tratamentos individuais dos falantes bilíngües na situação da fala e o contexto sócio-cultural da língua em contato, no qual o valor social e considerações semelhantes são operantes.

## 2. Questionário e sua Análise:

O questionário se divide em quatro partes: A) - Dados sobre a família; B) - Dados individuais sobre a língua; C) - Funções da língua que se subdivide em fala, leitura, compreensão e língua que usa nos diversos ambientes; D) - Atitudes.

A tabela nº 01 indica os totais do sexo masculino e feminino separados por faixa etária.

TABELA Nº 01

### S E X O

Idade	Masculino	Feminino	Total	Percentual
00-06 anos	11	13	24	12,2%
07-14 anos	21	29	50	25,4%
15-21 anos	19	16	35	17,8%
22-50 anos	40	37	77	39,0%
51 e anos	07	04	11	5,6%
Sub-Total	98	99		
Total			197	

Essa divisão em faixa etária foi sugerida pelo Seminário Internacional de seis a quatorze de junho de 1967, quando se dizia que o Bilingüismo é amplamente funcional. "Desenvolve-se a proporção das funções em um certo contexto social. Este contexto de pressões e atitudes podem ser examinadas na forma de uma série de círculos concêntricos com o lar. Gradualmente inclui seus brinquedos com os vizinhos, depois vem a escola, o local da comunidade e, mais tarde, o ambiente adulto que se amplia de acordo com as necessidades sociais". (Kelly 1967:44)

Escolheu-se a idade de zero a seis anos que representa o círculo de faixa etária pré-escolar, em que a criança vive exclusivamente com os pais. Não brinca com vizinhos por morarem distantes. De sete a quatorze anos, a faixa escolar, onde a criança começa a participar de um círculo maior - a escola. De quinze a vinte e um anos amplia-se o círculo em que os jovens participam de outros contatos sociais como bailes, festas, namoro, serviço militar e processo eleitoral. É, então, que adquire, paulatinamente, sua independência. Aos vinte e dois anos o jovem já possui sua independência total. Está com a idade de casar para formar um novo lar. Dos vinte e dois a cinquenta anos vive a sua independência total participando, livremente, de todas as atividades culturais da comunidade. Com mais de cinquenta anos, já começa a se preocupar com a velhice, deixa, lentamente, suas atividades, para entregá-las aos filhos.

Na tabela nº 01, observa-se o equilíbrio perfeito en

tre os indivíduos do sexo masculino e feminino. O total de informantes, em um número de cento e noventa e sete, subdividiu-se em noventa e oito do sexo masculino e noventa e nove do sexo feminino. Observa-se o equilíbrio de sexo e faixa etária e que o menor da população foi um recém nascido com três meses de idade e o mais velho, com setenta e dois anos.

A faixa de idade da população ficou, assim dividida: 12,2% de zero a seis anos; 25,4% de sete a quatorze anos; 17,8% de quinze a vinte e um anos; 39,0% de vinte e dois a cinquenta anos e 5,6% de cinquenta e um e mais anos de idade.

Chama atenção o percentual de 39,0% dos indivíduos entre a faixa etária de vinte e dois a cinquenta anos, mas isto se justifica pelo maior espaço etário entre as faixas o que se equilibraria se fosse reduzido, o que não é o propósito deste trabalho.

O que causa maior surpresa é o número pequeno de crianças na faixa etária de zero a seis anos. Será que nesse recanto já chegou a pílula anticoncepcional? Essa pormenor já preocupou alguns elementos da comunidade porque a comunidade poderá, lentamente, desaparecer.

### 3. Instrução:

De acordo com os dados, verifica-se que existem poucos que não tiveram escolaridade nenhuma. A tabela nº 02 visualiza bem essa informação.

TABELA Nº 02

Instrução

## S E X O

Idade	<u>MASCULINO</u>			<u>FEMININO</u>			Total
	Port.	Alem.	Nenh.	Port.	Alem.	Nenh.	
0-6 anos	00	00	11	00	00	13	24 Obs. (1)
7-14 anos	100%	0%	0%	96,6%	0%	3,4%	50
15-21 anos	100%	0%	0%	100%	0%	0%	35
22-50 anos	92,5%	7,5%	0%	97,3%	2,7%	0%	77
51 e anos	42,8%	57,2%	0%	0%	50%	50%	11
Total	81,7%	7,1%	0%	80,9%	3,0%	3,0%	197

Todos os indivíduos masculinos tiveram escolaridade portuguesa ou alemã. Somente 3,0% do sexo feminino não tiveram escolaridade. Isto não significa que todos, exceto os 3,0%, foram alfabetizados. Muitos, apesar de passarem pelos bancos escolares, são analfabetos ou semi-analfabetos, porque sabemos que "se o patrimônio cultural a ser transmitido é pequeno, as regras pedagógicas consistem, às vezes, simplesmente em ações rotineiras destinadas a manter a autoridade dos mais velhos" (Willems 1946:376). Todos passaram pela escola, pelo capricho dos mais velhos, o que não significa que todos tenham sido alfabetizados.

---

Obs. (1) Os de zero a seis anos são prejudicados por se encontrarem na faixa pré-escolar.

Como era de se esperar, nos de cinquenta e um e mais anos de idade, há a predominância da instrução alemã. Do sexo masculino 57,2% teve instrução alemã, enquanto que 42,8% em português. Do sexo feminino 50% teve instrução alemã e 50% não teve instrução alguma. Muitos pais, nos primeiros tempos, não mandavam suas filhas à escola. Elas se ocupavam mais com a "lida da casa" e por isso julgavam que não necessitavam de escolaridade, principalmente em língua portuguesa, língua de prestígio na comunidade. O sexo masculino "se encontra mais exposto ao contato com a segunda língua" (Weinreick 1970:93), que o leva ao bilingüismo. Esse pensamento de Weinreich tam bém se constata, segundo os dados, em Loeffelscheidt.

#### 4. Língua que começaram a falar:

Todos os moradores da comunidade começaram a falar o dialeto alemão, sua língua materna.

TABELA Nº 03

QUE LÍNGUA COMEÇOU A FALAR?			
Alemão	%	Português	%
197	100%	00	0%

A tabela de nº 04 complementa a de nº 03 e mostra a idade em que aprenderam o Dialeto e o Português.

TABELA Nº 04

Com que idade aprendeu				
De	Alemão	%	Português	%
00 - 06 anos	197	100%	01	0%
07 - 14 anos	00	0%	127	92,0%
15 - 21 anos	00	0%	07	5,1%
22 - 50 anos	00	0%	03	2,9%
51 - e anos	00	0%	00	0%

Todos aprenderam o dialeto de zero a seis anos e a Língua Portuguesa na faixa escolar e pós-escolar, exceto um. Isso nos comprova o aspecto conservador do dialeto. O monolinguísmo alemão, na faixa, é explicado pela atitude da família em relação à conservação e aprendizagem do alemão.

Já o professor Paulino Vandresen, (apud Anais 1980:379), em um de seus trabalhos, afirmara que "a família é um reduto na manutenção da língua materna alemã", fato que também se aplica à comunidade de Loeffelscheidt.

Um indivíduo da comunidade aprendeu o português antes da faixa escolar. Perguntado de como aprendera o português até aos seis anos de idade, explicou que, quando se melhorara o "caminho imperial" em Santa Isabel, o mestre de obras se hospedara na casa de seus pais e que o mestre só sabia falar o português. Ele, então criança, levava o lanche e o almoço para o mestre de obras e passava horas e horas vendo os ho

mens trabalharem e com o convívio do mestre e dos trabalhadores aprendeu a falar o português antes da faixa escolar.

92,0% aprenderam o português na idade escolar; 5,1% na idade de quinze a vinte e um anos e 2,9% com a idade de vinte e dois a cinquenta anos por influências externas como o serviço militar, namoros, empregos na Grande Florianópolis e serviços burocráticos, onde eram obrigados a falar o português. Um dos informantes disse que, ao se empregar de servente numa firma de construção em Florianópolis não sabia como se chamava um carrinho-de-mão em português, mas que hoje não há problema em se comunicar.

Para Weinreich (1970:76), a distinção de ter sido aprendida como a primeira língua é tão fundamental, "que a primeira língua, a "língua materna" é geralmente considerada dominante por definição. No estágio inicial do bilingüismo a língua materna é seguramente a língua de maior competência; mais tarde, todavia, muitos bilíngües, em certas circunstâncias, adquirem mais competência na segunda língua. As implicações emocionais do falante para com a própria língua materna dificilmente são plenamente transferidas à outra língua".

Pode-se, de acordo com Weinreich, afirmar que o bilingüismo de Loeffelscheidt se encontra em estágio inicial porque o dialeto é seguramente a língua de maior competência. Nenhum dos informantes possui maior competência na Língua Portuguesa. O dialeto sobrevive com maior intensidade no ambiente que abriga os sentimentos mais profundos da personalidade

humana. Fala-se o português, a segunda língua, quando as circunstâncias obrigam. Verificou-se, ainda, que muitos informantes se diziam bilíngües quando o português mal servia à comunicação. Alguns nem sequer entendiam as perguntas formuladas em português.

As habilidades bilíngües, como se vê, são adquiridas, quase que na sua totalidade, na fase escolar de sete a quatorze anos de maneira formal. As oportunidades de uma aprendizagem posterior diminuem gradativamente com o avançar da idade.

Verifica-se que a conservação do dialeto se dá devido ao isolamento geográfico, a falta de contatos com falantes de língua portuguesa, mas como a comunidade é pequena, de baixa densidade demográfica e não sendo auto-suficiente do ponto de vista econômico, já se verificam contatos que elevam o número de bilíngües da comunidade.

##### 5. Línguas que Falam:

A tabela nº 05 dá os resultados das línguas que falam os cento e noventa e sete membros da comunidade.

TABELA Nº 05

##### Línguas que falam

Idade	Alemão	Português	Alemão e Potuguês
00 - 06 anos	24 - 100%	00 - 0%	00 - 0%
07 - 14 anos	50 - 100%	30 - 60%	30 - 60%
15 - 21 anos	35 - 100%	34 - 97,1%	34 - 97,1%
22 - 50 anos	77 - 100%	69 - 89,6%	69 - 89,6%
51 e anos	11 - 100%	05 - 45,4%	05 - 45,4%
Total	197 - 100%	138 - 70%	138 - 70%

Todos os membros da comunidade falam o dialeto. Na faixa pré-escolar, ninguém fala o português. Na faixa escolar, aprendem o português na escola pelo método formal e informal nos recreios no pátio da escola. No final do período escolar, 60% dos alunos se confessam bilíngües. Entre a faixa etária de quinze a vinte e um anos o bilingüismo chega a 97,1% que decai para 89,6% na faixa de vinte e dois a cinquenta anos. Somente 45,4% se dizem bilíngües na faixa de cinquenta e um e mais anos de idade.

Estes dados são as informações colhidas, mas, quando se verifica a competência da fala, nota-se uma certa incoerência, que mostra que muitos se julgam - subjetivamente - bilíngües, quando, apenas entendem algumas palavras em português.

#### 6. Compreensão - Leitura e Escrita:

As tabelas nº 06, 07, 08 e 09 procuram mostrar, sumariamente, a competência que, segundo Weinreich (1970:75), deve ser medida separadamente em vários níveis: compreensão, expressão e "inner speech".

Subsidiu-se a expressão em fala, leitura e escrita. A "inter speech" será analisada nas funções da língua como no sonho, bêbado, confissão, jogo...

TABELA Nº 06

Percentual da fala dos cento e noventa e sete informantes

Alemão				Português			
bem	regular	mal	nao	bem	regular	mal	nao
100%	0%	0%	0%	3,5%	42,6%	23,8%	29,8%

TABELA Nº 07

Percentual da compreensão dos cento e noventa e sete informantes

Alemão				Português			
bem	regular	mal	não	bem	regular	mal	não
100%	0%	0%	0%	14,7%	52,7%	15,7%	16,7%

TABELA Nº 08

Percentual da leitura dos cento e noventa e sete informantes

Alemão				Português			
bem	regular	mal	não	bem	regular	mal	não
1,0%	4,0%	2,5%	92,4%	1,5%	53,7%	20,3%	24,8%

TABELA Nº 09

Que língua escreve

Alemão	Português	Nenhuma
2,3%	77,4%	20,3%

Os vários níveis são graduados em bem, regular, mal e não. Mas o que é bem, regular, mal? Isso fica difícil de estabelecer, mas fica ao critério subjetivo do informante, que,

muitas vezes, hesitou na resposta. Pode-se emitir um juízo mais adequado sobre estas questões, depois do uso e função do dialeto e do português, pois William Mackey (apud FISHMANN 1968:557), diz que o grau de proficiência em uma língua depende de sua função: isto é, da finalidade do uso das línguas A e B e das condições que são usadas.

Verifica-se que todos falam bem o dialeto, de acordo com o "uso normal e não normativo" (Weinreich 1970:75). O dialeto é a língua dominante em sua comunicação oral. Só os dois professores procuram falar o português e somente, ainda, em sala de aula.

Os 3,5% dos informantes, que dizem falar bem o português, enganam-se bastante. Falam relativamente bem o português, mas que está repleto de interferências fonéticas, léxicas e sintáticas. "O português, aprendido pelo método indireto e pouco usado nas situações reais de comunicação, criou indivíduos bilíngües com baixo grau de competência em língua portuguesa e com muita interferência fonológica, morfológica e sintática causada pela língua materna", (Vandresen apud Anais 1980:377).

42,6% afirmam falar regularmente o português; 23,8%, mal e 29,8% afirmam não falar o português. Muitos não falam o português porque lhes falta o exercício da conversação da língua. Muitos afirmam compreender o português e isto é tão verdade que apenas 16,7% dizem não compreender nada em português e 15,7% compreendem mal a língua portuguesa. Realmente, isto é comum. Lê-se e compreende-se, muitas vezes, uma língua estran

geira e não se fala a língua. Há, então, um verdadeiro problema na comunicação. Isto também acontece com os moradores de Loeffelscheidt. A constatação causou confiança nos dados, porque se verificou a verdade óbvia que acontece com a maioria dos que aprendem uma segunda língua. Um dos informantes chegou a excluir: "Ah! se eu falasse como eu entendo; então sim!"

Constata-se, também, que o percentual da fala e compreensão entre os homens e mulheres é diferente. Do sexo masculino 22,4% não falam e 15,3% não compreendem a língua portuguesa, enquanto que do sexo feminino, 37,3% não falam e 18,1% não entendem o português. Esses dados evidenciam o que se afirmou anteriormente: que os homens estão mais em contato com a segunda língua por fatores externos como o comércio, política, e serviços burocráticos.

Somente 7,5% da comunidade lê alemão e os que lêem são os mais idosos. O hábito da leitura é quase inexistente na comunidade, 24,8%, apesar de passarem pelos bancos escolares, não sabem ler e 20,3% confessam ler mal o português. Os livros e revistas encontrados são a Bíblia em língua portuguesa e, raramente, em alemão e o Livro da Família<sup>(2)</sup> em português e alemão.

Apenas 2,3% dos 7,5% que lêem escrevem em alemão. Isso se justifica pelas poucas oportunidades de permanecer em contato com as formas escritas da língua. 77,4% escrevem regular e

---

(2) Livro da Família é um armário, editado pela Editora Sociedade União Popular do Rio Grande do Sul, com assuntos diversos sobre a família; formação religiosa, humorismo e outros.

mal o português e 20,3%, já excluídas as crianças pré-escolares, não escrevem nada, nem em português, nem em alemão.

Com esses dados, verifica-se que o exercício da escrita não é suficientemente praticado na comunidade, mas isso não quer dizer que os professores não tenham competência. Sabe-se que "a língua é, fundamentalmente, atividade de quatro espécies: fala, audição, escrita e leitura. Estas atividades acarretam certos processos materiais que são observáveis. Quando falamos, os movimentos corporais que executamos podem ser observados e medidos; o mesmo acontece com a agitação do ar que resulta específica e diretamente destes movimentos. Na língua falada estamos interessados em ambos os estágios desta atividade, justamente porque as propriedades de uma onda sonora são determinadas unicamente pelos movimentos da articulação executados para produzi-la. Na escrita, entretanto, a conexão entre os movimentos e os sinais resultantes no papel ou no quadro negro é imprecisa; não se pode dizer que os movimentos de determinados órgãos são responsáveis pela produção de certas letras escritas. Na escrita estamos portanto interessados em observar os resultados, pois o estudo dos movimentos que produzem mais no papel nada nos diz sobre a significação lingüística de tais sinais (Halliday et alii 1974:27-28).

#### 7. Funções do Alemão e Português em Loeffelscheidt:

"O Grau de proficiência em cada língua depende de sua função, isto é, nos usos para os quais o bilíngüe coloca a lín

gua e as condições sob as quais ele a usa" (Mackey apud Fishmann 1968:557).

Essas funções podem ser divididas em externas e internas.

Mackey (apud Fishmann 1968:558), afirma que "as funções externas do bilingüismo são determinadas pelo número de áreas do contato e pela variação de cada em duração, frequência e pressão. As áreas de contato incluem todos os meios através dos quais as linguagens foram adquiridas e usadas - o uso da linguagem da casa, da escola, da comunidade, os meios de comunicação de massa, do rádio, da televisão e da palavra escrita. O tamanho da influência de cada uma delas nos hábitos lingüísticos depende da duração, frequência e pressão do contato".

Mais adiante Mackey (apud Fishmann 1968:565), em relação às funções internas diz que "alguns bilíngües usam uma e a mesma língua para todos os tipos de expressão interior. Esta língua tem sido identificada como língua dominante do bilingüismo.

Mas outros bilíngües usam línguas diferentes para diferentes tipos de expressão interna.

Baseado nessas afirmações e na afirmação de que o uso de uma das línguas na comunidade está relacionado com emissor, receptor, contexto social e tópico ou assunto, resultou a tabela nº 10.

TABELA Nº 10  
QUE LINGUA USA

Masculino S E X O Feminino Total Geral

	Alemão		Português		Alem/Port.		Alemão		Português		Alem/Port.		Alemão		Português		Alem/Port.	
	nº de Inf.	Percentual	nº de Inf.	Percentual	nº de Inf.	Percentual	nº de Inf.	Percentual	nº de Inf.	Percentual	nº de Inf.	Percentual	nº de Inf.	Percentual	nº de Inf.	Percentual	nº de Inf.	Percentual
1. No Trabalho	71	72,5%	17	17,3%	10	10,2%	89	89,9%	01	1,0%	09	9,1%	160	81,2%	18	9,1%	19	9,7%
2. No Baile	23	23,4%	15	15,3%	18	18,3%	40	40,4%	07	7,0%	18	18,1%	63	32,0%	22	11,1%	35*	16,2%
3. No Culto	-	0%	92	93,8%	06	6,2%	08	8,0%	76	76,7%	05	5,0%	08	4,0%	168	85,2%	11*	5,5%
4. No Jogo	35	35,8%	46	46,9%	17	17,3%	47	47,5%	35	35,3%	17	17,2%	82	41,6%	81	41,1%	34	17,2%
5. Nas Compras	17	17,4%	44	44,9%	30	30,6%	14	14,1%	34	34,3%	31	31,3%	31	15,6%	76	40,1%	61*	30,5%
6. Na Confissão	62	63,2%	14	14,2%	01	1,0%	52	52,5%	18	18,1%	02	2,0%	114	57,9%	30	15,2%	03*	1,5%
7. Na Oração à mesa	55	66,4%	28	28,5%	05	5,1%	66	66,6%	28	28,3%	05	5,1%	131	66,5%	56	28,4%	10	5,0%
8. Nas Refeições	90	91,8%	08	8,1%	-	0%	98	98,9%	-	0%	01	1,1%	108	95,4%	08	4,0%	01	0,5%
9. Quando canta	18	18,4%	69	70,4%	11	11,2%	15	15,2%	66	66,6%	18	18,2%	33	16,8%	135	68,5%	29	14,7%
10. Reprimendo crianças	37	37,7%	01	1,0%	-	0%	53	53,5%	08	8,0%	06	6,1%	90	45,6%	09	4,5%	06*	3,0%
11. Na família	96	100%	-	0%	-	0%	91	91,8%	-	0%	08	8,1%	189	96,0%	-	0%	08	4,0%
12. C/ amigos	49	50,0%	14	14,3%	35	35,7%	64	64,6%	07	7,1%	28	28,3%	113	57,3%	21	10,6%	63	32,3%
13. C/ Vizinhos	84	85,7%	02	2,0%	12	12,3%	99	100%	-	0%	-	0%	183	92,9%	02	1,0%	12	6,1%
14. C/ Autoridades	02	2,0%	69	70,4%	-	0%	09	9,1%	57	57,5%	-	0%	11	5,6%	126	64,0%	-	0%
15. C/ Conhecidos	40	40,8%	06	6,1%	52	53,1%	55	55,6%	13	13,1%	31	31,3%	95	48,7%	19	9,7%	63	42,1%
16. C/ Namorado	47	47,9%	08	8,1%	02	2,0%	44	44,4%	09	9,1%	07	7,0%	91	46,2%	17	8,6%	09*	4,6%
17. Na discussão	59	60,2%	15	15,3%	24	24,5%	76	76,8%	14	14,1%	09	9,1%	135	68,5%	29	14,6%	33	16,7%
18. Bebêdo	12	12,3%	24	24,5%	10	10,2%	03	3,0%	03	3,0%	-	0%	15	7,6%	27	13,7%	10	5,0%
19. No sonho	47	47,9%	31	31,6%	20	20,5%	72	72,7%	15	15,1%	12	12,2%	119	60,4%	46	23,3%	32	16,3%
20. Com o Padre	03	3,0%	67	68,3%	09	9,1%	12	12,2%	65	65,5%	09	9,0%	15	7,6%	132	67,0%	18*	9,1%
21. Com os pais	91	92,6%	04	4,1%	03	3,1%	97	98,0%	-	0%	02	2,0%	188	95,4%	04	2,0%	05	2,6%

\*2.76:38,6% - nunca foram à baile.

\*3.10: 5,0% - nunca foram ao culto por serem muito pequenos e só estrê peihem,

\*5.27:13,7% - nunca fizeram compras por serem pequenos ou não conheçerem.

\*6.50:25,3% - não fizeram a la. eucaristia por serem menores e não te rem a instrução suficiente.

\*10.92:41,7% - dizem que não reprimem as crianças. São os menores e os fora de casa.

\*18.60:40,8% - dizem que não tiveram namorado.

\*14.60:30,4% - nunca falaram com autoridade por serem de menor ou não sa berem falar em português.

\*20.32:18,3% - não falam com o padre por serem menores ou não conhecerem português.

\*18.145:73,7% - declaram que nunca estiveram bêbedos.

É verdade que não se dividiu o questionário por ordem em fatores externos e internos. Isso porque temia-se ferir a intimidade do informante, pois sabe-se perfeitamente, que toda pessoa de zona rural já é tímida por natureza.

As funções da língua vão mostrar o uso da língua em relação aos grupos de pessoas, porque as diferenças observadas no uso de uma ou outra língua não dependem somente das variantes sexo, idade e educação. Dependem também de fatores mais generalizados, como o ambiente social, o conteúdo do discurso, relacionamento entre pessoas e estado psicológico da pessoa.

A tabela nº 10 nos dá a visão global das funções, isto é, do uso de línguas da comunidade.

Nota-se a predominância do dialeto, o que nos prova a lealdade lingüística da localidade.

Gostaria-se de subdividir a tabela em ambiente social, conteúdo, relacionamento e estado psicológico, mas não se fez porque, muitas vezes, certos usos estão relacionados nas diversas subdivisões, dificultando a interpretação, mas para facilitar reagruparam-se os itens em usos diretamente relacionados à família, extra-familiares e "inner speech".

#### 7.1. Usos Relacionados à Família:

#### TABELA Nº 11

TABELA Nº 11

7.1. Usos Relacionados à Família:

	S E X O												
	Masculino					Feminino					Total Geral		
	Alemão	Português	Al/Port.	Alemão	Português	Al/Port.	Alemão	Português	Al/Port.	Português	Alemão	Português	Al/Port.
7.1.1. na família	100%	0%	0%	91,9%	0%	8,1%	96%	0%	4%				
7.1.2. com os pais	92,8%	4,1%	3,1%	98,0%	0%	2,0%	95,4%	0%	2,6%				
7.1.3. no trabalho	72,5%	17,3%	10,2%	89,9%	1,0%	9,1%	81,2%	9,1%	9,7%				
7.1.4. nas refeições na oração a mesa	91,8%	8,2%	0%	98,9%	0%	1,1%	95,4%	4,0%	0,6%				
	66,4%	28,5%	5,1%	66,6%	28,3%	5,1%	66,5%	28,4%	5,0%				
7.1.5. repreendendo crianças	37,7%	1,0%	0%	53,5%	8,0%	6,1%	45,8%	4,5%	3,0%				

7.1.1. Na família, 100% dos homens falam o alemão, enquanto que no sexo feminino 91,9% falam o alemão e 8,1% confessam falar as duas línguas, alemão ou português. Estranhou-se essa diferença entre o sexo feminino e masculino. Voltou-se aos informantes e verificou-se que aquelas que se confessavam utilizar as duas línguas em família eram empregadas domésticas em comunidades vizinhas, onde ora se falava português, ora, alemão.

Consideravam-se membros família onde eram empregadas e por isso responderam que falavam alemão e português.

Pode-se afirmar que a família é o maior elemento conservador do dialeto na comunidade, pois 96% da população fala única e exclusivamente o dialeto em família. Esse índice é realmente elevado e por isso continuou-se a análise com os usos relacionados à família.

7.1.2. Com os pais, 95,4% falam o dialeto. Muitos dizem que seus pais não entendiam e não entendem o português. Diversos informantes afirmam que os mais velhos achavam "falta de educação" falar português com uma pessoa de idade. Nunca me esqueci que, quando voltei para casa às férias, depois de dois anos de internato, e comecei a falar português com minha mãe, ela me disse "pensas ser grandes coisas, (Manst wunicht wast du veast) vê se ao menos comigo falas o alemão". Respostas e repreensões dessa natureza são comuns em zonas de colonização alemã, pois, ao colono-homem do campo, o português

se afigura como símbolo de superioridade, de um certo grau de importância, querer ser mais que os outros da comunidade. Essa atitude faz com que o dialeto permaneça vivo, ainda, por muitos anos.

Somente 2% afirmam falar mais a língua portuguesa com os seus pais e 2,6%, alemão e português, indistintamente. Isso porque se encontra uma só família na localidade em que a mãe fala bem o português e é natural de São Pedro de Alcântara.

7.1.3. O trabalho, em Loeffelscheidt, é uma atividade de extremamente ligado à família. Ao amanhecer todos vão à roça, exceto os que vão à escola. A mãe de família, quando possível, também vai. Leva os filhos menores, coloca-os sob a sombra de uma árvore e ajuda ao marido. Todos que podem com uma enxada trabalham e o pai os obriga a trabalhar. O preguiçoso é repreendido de certa forma e desprezado pelos que trabalham. Somente o de mais de dezoito anos pode-se empregar fora de casa para iniciar sua vida. Até aos dezoito anos, todos trabalham para o pai. Por isso, no trabalho, também, existe um alto percentual dos que falam o dialeto. 81,2% falam o dialeto e somente 9,1% falam a língua portuguesa. 9,7%, ainda, dizem falar alemão ou português, conforme a situação ou o trabalho. Os 9,1% que falam português são, na maioria serventes e pedreiros que trabalham em firmas ou indústrias nas cidades vizinhas. Emílio Willems (1946:318-319), tinha razão quando dizia que "quanto mais rápida e completa a ascensão

social, pela profissão, tanto mais acentuada a tendência de substituir o alemão pelo português”.

7.1.4. Nas refeições todos os que trabalham em casa com os pais e mesmo os que trabalham com outros perto de casa se reúnem.

O pai, normalmente, sentado à cabeceira da mesa, "puxa a reza". Todas as famílias rezam antes e depois do café da manhã, almoço e ceia (jantar). Aos domingos, os que trabalham fora, também, estão presentes no almoço.

Durante as refeições, 95,4% conversam no dialeto. Esse dado veio confirmar o de que com os pais falam o dialeto, como se verificou em 8.1.2, porque o percentual é idêntico: 95,4%. Os 8,2% de sexo masculino que dizem falar português são os que, novamente, trabalham fora e não estão em casa na hora das refeições.

Já na oração à mesa o percentual dos que rezam em alemão cai para 66,5%. Isso porque há a influência da Igreja Católica que instrui os seus fiéis em língua portuguesa, mas os mais antigos e mesmo os conservadores continuam a fazer as suas orações em alemão. Os 5,0% que dizem rezar em Alemão ou Português confessam que quando há uma visita à mesa fazem as orações em português, mas, quando está reunida somente a família, rezam em Alemão. Novamente, os que dizem rezar em português às refeições são os que residem fora da comunidade.

7.1.5. 46,7% dizem que não repreendem crianças. Não as repreendem porque são menores ou não trabalham com a família. Alguns afirmam que repreender é missão dos pais e não dos irmãos, mesmo sendo mais velhos. Mas, mesmo assim, muito poucos repreendem as crianças em português. Isso mostra mais uma vez que a conservação do dialeto no ambiente familiar é muito elevado. Somente 4,5% afirmam repreender as crianças em português e, analisando a idade dos que as repreendem em português, verificou-se que a predominância está entre a faixa etária de quinze a vinte e um anos, onde já se verificou a constante da predominância da língua portuguesa.

#### 7.2. Usos Extra-Familiares:

#### TABELA N° 12

TABELA Nº 12

## 7.2. Usos Extra-Familiares:

	S E X O						Total Geral		
	Masculino			Feminino			Alemão	Port.	Al/Port.
	Alemão	Port.	Al/Port.	Alemão	Port.	Al/Port.			
7.2.1. com vizinhos	85,7%	2,0%	12,3%	100%	0%	0%	92,9%	1,0%	6,1%
7.2.2. com amigos	50,0%	14,3%	35,7%	64,6%	7,1%	28,3%	57,3%	10,6%	32,1%
7.2.3. com conhecidos	40,8%	6,1%	53,1%	55,6%	13,1%	31,3%	48,2%	9,7%	42,1%
7.2.4. nas compras	17,4%	44,9%	30,6%	14,1%	34,3%	31,3%	15,8%	40,1%	30,5%
7.2.5. com autoridades	2,0%	70,4%	0%	9,1%	57,5%	0%	5,6%	64,0%	0%
7.2.6. com o padre	3,0%	68,3%	9,1%	12,2%	65,5%	9,0%	7,6%	67,0%	9,1%
. no culto	0%	93,8%	6,2%	8,0%	76,7%	5,0%	4,0%	82,2%	5,6%
. na confissão	63,2%	14,2%	1,0%	52,5%	16,1%	2,0%	57,9%	15,2%	1,5%
7.2.7. no baile	23,4%	15,3%	18,3%	40,4%	7,0%	18,1%	32,0%	11,1%	18,2%
. no namoro	47,9%	8,1%	2,0%	44,4%	9,1%	7,0%	46,2%	8,6%	4,6%
7.2.8. no canto	18,4%	70,4%	11,2%	15,2%	66,6%	18,2%	16,8%	68,5%	14,7%
7.2.9. no jogo	35,8%	46,9%	17,3%	47,5%	35,3%	17,2%	41,6%	41,1%	17,2%
. bêbado	12,3%	24,5%	10,2%	3,0%	3,0%	0%	7,6%	13,7%	5,0%

7.2.1. Com os vizinhos, o percentual de que falam o dialeto é 92,9%. Esse índice prova a homogeneidade de língua da Comunidade. Se a Comunidade fosse auto suficiente, poderia-se afirmar que seria monolíngüe. Mas, à medida que se sai do ambiente familiar e "vicinal", nota-se o aumento do bilingüismo. Mesmo nas Comunidades vizinhas, como Fazenda do Sacramento, Santa Isabel, Vargem Grande e Linha dos Bauer, predomina o dialeto germânico. Daí o alto índice de Comunicação através do dialeto com os vizinhos. No sexo masculino, nota-se um aumento de bilingües que chega a 12,3%. Verifica-se, que esse fato, como era de se esperar, se acentua na faixa etária de quinze a cinquenta anos.

7.2.2. Entre os amigos o bilingüismo e o uso da língua portuguesa aumentam, apesar do alto percentual do uso do dialeto que chega a 57,3%. O bilingüismo chega a 32,1% e o uso da língua portuguesa a 10%. Esses percentuais mostram a abertura da população, relacionando-se com comunidades vizinhas, onde há maior dominância do português.

7.2.3. Com os conhecidos, o percentual do bilingüismo se amplia, ainda, mais. O bilingüismo chega a 42,1%, quase chegando a se igualar ao uso do dialeto, que é de 48,2%. As diferenças de percentual entre os amigos e conhecidos é bastante justificável, pois o colono, homem do campo, de origem germânica, torna-se amigo depois de se identificar com o estranho em uma série de aptidões e características. Uma des

sas, é a língua. O colono alemão dificilmente será amigo de alguém que não fale nada em alemão.

Entre os conhecidos se amplia o bilingüismo e, também, o percentual do uso da língua portuguesa porque o indivíduo começa a sair da periferia da comunidade, entrando em comunidades vizinhas, onde, como já se disse, há maior predominância do português.

7.2.4. Nas compras, nota-se ainda mais essa tendência de sair da comunidade. As compras, normalmente, são feitas em Vargem Grande, na sede de Águas Mornas e Santo Amaro da Imperatriz. As casas de comércio mais freqüentadas são aquelas em que se atende em alemão. 13,7% nunca fizeram compras por serem muito crianças ou por não conhecerem a língua portuguesa. É interessante observar que, apesar das poucas casas de comércio que atendem no dialeto ou língua alemã, 15,8% dizem que só fazem suas compras em alemão e 30,5% as fazem no dialeto ou português, dependendo da casa ou daquilo que querem adquirir. Muitas vezes passam dificuldade em fazer as compras por não saber como se chama o objeto que querem comprar. 40,1% falam o português porque é mais fácil de se fazer entender pelas casas de comércio. Usam a língua portuguesa por necessidade e não como uma opção de escolha que caracteriza o bilíngüe.

Nisto se verifica a maior utilidade ou extensão do emprego da língua portuguesa que serve para estabelecer a predominância da mesma em certos ambientes.

As compras, na pequena casa de comércio da localidade, são feitas no dialeto. Todos pedem sua cachaça doce, guaraná ou melhoral no dialeto. Nessa bodega raramente se ouve falar português.

7.2.5. No relacionamento com as Autoridades aumenta o percentual do uso do português porque as Autoridades, na maioria, não falam e nem entendem o dialeto. 30,4% dizem que nunca falaram com uma autoridade por serem menores ou não sabem se comunicar com eles. O percentual dos que se comunicam com autoridades em português do sexo masculino chega a 70,4% enquanto que no sexo feminino baixa para 57,5%. Isso prova, novamente, que a mulher não participa ativamente da vida política e civil da comunidade.

"Ao colono-cidadão, a língua portuguesa significa o poder político da maicria dominante, ..." O português se afigura como símbolo da civilização urbana. Considerada "superior" em todas as sociedades ocidentais" (WILLEMS 1946:307).

Verifica-se essa atitude diante da língua portuguesa também na comunidade. Aos olhos do colono-agricultor o português simboliza a língua do poder, do delegado, do fiscal. Entende-se, então, porque um professor que não fala alemão não é bem aceito na Comunidade. Preferem um professor da localidade, às vezes não bem preparado, que também conhece o dialeto, para não serem traídos pela força do poder.

O morador da localidade não tem nomenclatura especial

no dialeto para os nomes que compõem a estrutura política-administrativa do município, estado ou país. Não conhece os termos correspondentes à língua alemã porque "a dispersão dos colonos não permitiu a transferência da organização comunal germânica" (Willems 1946:307).

Em tempo de política, a comunidade se une, para se defender de qualquer pressão estranha aos interesses da comunidade. Na eleição de 1978, dos 68 votos existentes na urna do Loeffelscheidt, um candidato a deputado estadual, conhecido por eles, levou 67 votos. Tal coesão partidária jamais se viu em parte alguma. A comunidade participa das atividades políticas pelo prestígio intrínseco que eles conhecem e pelas conseqüências que trazem no âmbito da política local.

7.2.6. Em relação à comunicação com o padre, há bastante semelhança com a das autoridades. Até o ano de 1970, ainda, havia celebrações eucarísticas bilíngües, o que teve influência decisiva na conservação da língua materna dos imigrantes; depois disso, o padre responsável pela comunidade, não sabendo alemão, começou a fazer as celebrações em português. 67% declaram falar português com o padre e 7,6% dizem falar alemão por não conhecerem o português, apesar de saber que ele não entende alemão.

Fato interessante é que 57,9% se confessam em alemão. Isso se deve ao fato de até 1970 receberem a catequese em língua alemã. "Não há problema", dizem eles, "a gente conta

os pecados, o padre diz alguma coisa que quase não se entende e nos perdoa".

Deve-se destacar a extraordinária piedade e devoção do povo. Alguns caminham mais de seis quilômetros a pé em maus caminhos; às vezes, para participar da missa ou do culto dominical de que muitos nada compreendem. Consideram a prática religiosa como um assunto familiar: se um membro da família se afasta da missa, do culto ou de outras cerimônias religiosas, a família exerce pressão sobre o membro recalcitrante. Se este não quer se "emendar", o equilíbrio interno da família está seriamente ameaçado.

O culto é feito em português, mas, muitas vezes, os mais idosos pedem ao Presidente do Culto que faça uma explanação das leituras bíblicas em alemão, pois caso contrário não entendem nada do que foi lido.

Percebe-se, então, que a Igreja, a escola e o poder é que exercem maior pressão, que influenciam o uso mais acentuada da língua portuguesa. 85,2% rezam, ouvem e entendem, razoavelmente, as leituras dominicais no culto. Todos ouvem e rezam em português, mas, muitas vezes não entendem o que estão ouvindo ou rezando.

7.2.7. Nos bailes públicos da localidade ou vizinhança, há a predominância do dialeto. 38,6% nunca foram a um baile. O bilingüismo depende da localidade onde se realiza o baile, podendo chegar a 18,2%.

O índice do uso do português sexo masculino é mais e levado do que do feminino porque muitos saem à bailes mais distantes a que as filhas são proibidas de irem. Os rapazes possuem mais liberdade de diversão do que as moças que sempre são vigiadas pelos pais ou por um irmão mais moço. Essa vigilância aumenta, ainda mais, quando a moça possui um namorado. No namoro também, há a predominância do uso do dialeto, que chega a 46,2%. Como já se afirmou em 7.2.3, o germânico, para se tornar amigo, exige certas características que aumentam ainda mais no namoro. O índice dos que falam português é de 8,6% porque alguns arranjam, num baile, uma namorada que não sabe falar alemão, mas o casamento quase nunca se realiza, pois, normalmente, os pais são contra.

7.2.8. É interessante observar o percentual do uso da língua portuguesa em relação ao canto. Os 68,5% dos que cantam em português mostram a influência do rádio, televisão e mesmo a pressão da Igreja nos ensaios de cantos eclesiásticos. O rádio é um dos meios de contato com a língua portuguesa. Todas as famílias possuem o seu rádio, que fica ligado o dia inteiro. Em todos os recantos e morroa ouvem-se os cantos sertanejos ou eclesiásticos cantados em português. Canta-se, ainda, em alemão em certas reuniões de aniversário ou festas de igreja, quando se reúne um grupo de mais idosos que relembram com saudade sua juventude.

7.2.9. No jogo, verifica-se um grande equilíbrio en

tre o uso do dialeto e da língua portuguesa. Os 17,2% que dizem falar o dialeto ou português afirmam que na hora do entusiasmo do jogo falam alemão e português, "tudo está misturado". Esta mistura de alemão e português se dá pelo conhecimento ou mesmo desconhecimento dos nomes técnicos numa determinada língua. Observou-se esse fenômeno numa partida de futebol e no jogo do dominó, Ora um torcedor gritava no dialeto, ora em português, em situações diferentes.

No jogo de cartas já prevalece o alemão. É o jogo dos mais idosos. "O solo de mão" é o jogo de cartas mais conhecido entre os mais velhos que é, quase todo, "cantado" em alemão.

Perguntou-se ao professor quando se falava mais o português em Loeffelscheidt e ele respondeu que era no jogo de futebol ou quando haviam bebido.

### 7.3. Linguagem Interior (= inner speech):

#### TABELA Nº 13

TABELA Nº 13

7.3. Uso da Linguagem Interior

	S E X O									
	Masculino				Feminino				Total Geral	
	Alemão	Port.	Al/Port.	Alemão	Port.	Al/Port.	Alemão	Port.	Al/Port.	
7.3.1. no jogo	35,8%	46,9%	17,3%	47,5%	35,3%	17,2%	41,6%	41,1%	17,2%	
. bêbado	12,3%	24,5%	10,2%	3,0%	3,0%	0%	7,6%	13,7%	5,0%	
7.3.2. na discussão	60,2%	15,3%	24,5%	76,8%	14,1%	9,1%	68,5%	14,8%	16,7%	
7.3.3. no sonho	47,9%	31,6%	20,5%	72,7%	15,1%	12,2%	60,4%	23,3%	16,3%	

7.3.1. Parece que a língua utilizada no jogo já reflete o interior do participante através do entusiasmo e mesmo da desaprovação das jogadas. Mas o que chamou mais atenção foi a observação do professor de que se fala mais português na localidade quando se bebeu um pouco demais. Perguntou-se, então, por que não se fala mais português em outras circunstâncias? A resposta foi esta: "Porque se tem vergonha. Sai tudo atravessado. As coisas não saem bem, então, se tem vergonha. E, quando a gente tomou umas demais, perde-se a vergonha". Essa observação expressa claramente a idéia de muitos em relação ao uso da língua portuguesa. A língua portuguesa é símbolo do poder, do fiscal. É a língua policiada pelo professor e pelo "brasileira". Muitos respondem que não sabem se comunicar em português porque têm medo de serem ridicularizados pelos "mestres", pelas autoridades e pelos luso-brasileiros. Por isso, também, em Loeffelscheidt, assim como em outras "comunidades teuto-brasileiras, a oposição contra mestres vindos de fora era bastante acentuada" (Willems 1946: 392).

7.3.2. A discussão também é, normalmente, um ato impensado. Caso contrário, não haveria tanto arrependimento de palavras ou frases ditas em horas inoportunas. Numa discussão as palavras proferidas são espontâneas, saem de súbito do fundo da alma. Nas discussões prevalece o dialeto com 68,5%. O percentual do português chega a 14,8% e 18,7% ora discutem em português, ora no dialeto, dependendo do ambiente e assunto.

7.3.3. Fez-se, ainda, a pergunta: "Em que língua você sonha?" Segundo a Professora Lenard (1976:211) esta parece ser a única pergunta verdadeiramente representativa para a linguagem interior".

Observa-se que o sexo masculino o percentual dos que sonham em português é maior do que no sexo feminino. Isto porque o sexo masculino está mais em contato com a língua portuguesa. Muitos informantes observaram que sonhavam na língua do interlocutor e é isto que Weinreich (1970:81) denomina "interlocutory constraint."

De acordo com a professora Lenard (1976:211), "esse fenômeno é constante em indivíduos bilíngües que falam com monolíngües, tão constante que repercute nos sonhos.

Na linguagem interior ou "inner speech", dever-se-ia, ainda, analisar a competência dos falantes em relação a seus cálculos aritméticos, uso da tabuada, contagem. Mas não se quantificaram esses dados em tabelas, porque, nas observações preliminares, já se verificou que quase todos faziam suas contagens, cálculos, no dialeto. Observou-se que até o professor, a uma certa altura, fazendo os cálculos, utilizou-se do dialeto para chegar a uma determinada data.

## 8. Atitudes:

As atitudes são sentimentos subjetivos do indivíduo em relação a sua língua materna e em relação a outras línguas em contato.

TABELA Nº 14

Atitudes

	Sim	Não	Não sei
1. Gostaria que seu filho aprendesse alemão junto ao português?	72,2%	6,9%	20,8%
2. Estaria disposto a colaborar?	76,4%	5,5%	18,0%
3. Como você colaboraria	na medida do possível?	27,8%	
	mandando os filhos à aula?	2,8%	63,9%
4. Você acha que o alemão não será mais falado?	5,5%	91,7%	2,8%
5. O que fazer para continuar a falar alemão	falar em casa	16,7%	
	deixar como está	62,5%	
	abrir escolas	3,9%	6,9%
6. Você gostaria de ter jornal, revista ou programa alemão	45,7%	10,2%	44,2%
7. Você continua a ensinar seu filho alemão	94,5%		5,5%
8. Se soubesse ensinaria o seu filho escrever alemão	77,8%	6,9%	15,3%
9. Contaria a história de sua vida em	alemão	76,1%	
	português	15,2%	8,6%
10. Prefere falar em	alemão	76,1%	
	português	15,2%	8,6%

Será bastante difícil de se voltar a ensinar a língua alemã em Loeffelscheidt, como em todo o Município de Águas Mornas, mas a atitude dos pais se mostrou favorável. 72,2% declaram-se favoráveis a aprender a língua alemã juntamente com a portuguesa. 6,9% afirmam que não são a favor de tal estudo porque "não há vantagens para tal".

76,4% dos pais estariam dispostos a colaborar para que se houvesse instrução alemã ao lado da portuguesa. A maioria não sabe como haveria de colaborar. Essas atitudes de querer instrução alemã e de colaboração leva a crer que, por muitos anos, ainda, se conservará o dialeto na comunidade. Está-se diante de um processo de conservação da língua apoiado por uma certa motivação consciente. 91,7% dos pais julgam que o dialeto se conservará por muitos anos e para que isso aconteça 62,5% disseram que "é só deixar como está". E 16,7% afirmam que é necessário continuar falando com os filhos. É interessante observar que 3,9% já sentiu a necessidade de se abrir uma escola com instrução alemã para se conservar o dialeto e sua cultura.

Muitos, 45,7%, gostariam de possuir um jornal, revista ou programa de rádio em alemão. Alguns, ainda, ouvem "Die Deutsche Welle" da Alemanha, mas que, muitas vezes, se torna difícil de contar. A leitura, como já se afirmou, é pouco difundida. São pouquíssimos os que possuem a Bíblia ou Kalender Alemão. Muitos expressam o desejo de consegui-los, mas não possuem o interesse em procurá-los.

As letras são pouco familiares nas zonas rurais, por isso o percentual dos que afirmam ensinar o seu filho a falar alemão é de 94,5% e este percentual diminui para 77,8% quando se refere a ensinar a escrever a língua alemã. 76,1% contaria a história de sua vida e preferiria falar no dialeto. Apenas 15,2% preferiam fazê-lo em português. E esse 15,2% são os que trabalham fora da comunidade e possuem maior habilidade na língua portuguesa e sentem vergonha de falar o dialeto. Falam o vernáculo a fim de evitar o suposto desprezo que lhes acarreta o uso de um "dialeto estropiado".

## CAPÍTULO IV

### ANÁLISE FONÊMICA DO DIALETO

#### 1. Considerações Preliminares:

O estudo sócio-lingüístico deu possibilidade de encontrar um bom informante para a descrição do dialeto.

Depois de muitas entrevistas e contatos informais com os moradores da localidade, chegou-se à conclusão de que o senhor Lindolfo Roth, com a idade de 48 anos, seria o melhor informante para a coleta de dados sobre a língua predominante em Loeffelscheidt.

O informante foi à escola alemã, somente por um ano e oito meses; possui poucas influências do alemão ensinado na escola, o "Hoochdeutsch". Participou, apenas, de umas aulas do Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL - à noite, com a idade de quarenta anos, onde aprendeu a ler a língua portuguesa, com todas as interferências de sua língua materna, o dialeto, chamado "Hunsrück", que aprendera de

seus pais. É um homem desinibido. Fala com naturalidade o seu dialeto. Não se constrange em declarar-se agricultor e morador nato da comunidade em estudo.

Como se vê, o informante tem pouca influência da língua portuguesa, a não ser no léxico, onde aparecem palavras portuguesas germanizadas, como por exemplo, [makáka lēvə] 'fígado de macaco' [rōsen] 'Roçar' [ānda] 'anta' ... Esse fenômeno é considerado comum em quase todas as línguas de contato.

A descrição da língua baseou-se numa gravação feita no laboratório de línguas da Universidade Federal de Santa Catarina e, para isso, utilizou-se o Formulário do Museu Nacional. A gravação encontra-se no referido laboratório à disposição de todos que dela queiram fazer uso. É lógico que em toda gravação há falhas e partes obscuras que foram solucionadas pelo pesquisador, voltando ao informante todas as vezes que foi necessário

Não é intenção fazer uma análise profunda do sistema fonológico do dialeto. Há o interesse em levantar seu sistema fonêmico e compará-lo ao da língua portuguesa, para mostrar as causas das interferências que são nítidas e claras àquele que ouve a fala da língua portuguesa de um dos habitantes de Loeffelscheidt.

2. Quadro Fonético das Vogais:

		anteriores	centrais	posteriores
Altas	fechadas	i i: <sup>(1)</sup>		u u:
	abertas		ɨ	
Médias	fechadas	e e:		o o:
	abertas	ɛ ɛ:	ø	ɔ
Baixas	fechadas		ɑ	
	abertas		a a:	

3. Quadro Fonético das Consoantes:

Consoantes	ponto de articulação		Bil.	láb-dent.	Alv.	Pal.	Pré-V.	Vel.	Fer.
	modo de art.								
Oclusivas	Surdas	Asp.	p <sup>h</sup>		t <sup>h</sup>			k <sup>h</sup>	
		n. Asp.	p		t	ts		k	ʔ
	Sonoras		b		d			g	
Nasais			m		n			ŋ	
Fricativas	Surdas			f	s	ʃ	ç	x	h
	Sonoras			v	z				
Lateral					l	ɭ			
Vibrantes					ɾ				
Semivogais				w		j			

(1) Observe-se que (: ) dois pontos indicam a duração da vogal.

#### 4. Análise dos Fonemas Vocálicos:

Baseado na transcrição fonética do questionário, em anexo, fez-se o inventário de todos os sons que serão analisados, um após outro, para o levantamento dos fonemas.

A duração é um fenômeno importante no dialeto em questão. No português, a duração tem a função de contribuir para o realce da sílaba acentuada, enquanto no dialeto deve ser considerada um traço distintivo. Observa-se muito bem no questionário o encontro de pares mínimos que se opõem pela duração. Existe, portanto, oposição fonêmica entre a duração e não duração, como se pode verificar nos exemplos abaixo:

4.1.	[i:]	x	[i]
127	[mi:p] 'mar'	127	[miɸ] 'nós'
228	[ʁi:ç <sup>th</sup> ] 'cheira'	278	[ʁiç <sup>th</sup> ] 'reto'
4.2.	[e:]	x	[e]
55	[fe:l] 'passaros'	(2) -	[fɛl] 'encha!'
4.3.	[ɛ:]	x	[ɛ]
141	[pɛɛ:t <sup>h</sup> ] 'largo'	-	[pɛɛt <sup>h</sup> ] 'táboa'
112	[ɛɛ:n] 'chuva'	-	[ɛɛn] 'empurra'

(2)(-)Significa que se teve que voltar ao informante e que a palavra não está registrada no "corpus", em anexo.

Observa-se, porém, que [pɛ:t<sup>h</sup>] pode variar para [brɛ:t<sup>h</sup>] assim como [ɛ:n] para [ɛ:ñ], o que deixa dúvida em considerar a duração como fonêmica em [ɛ:].

4.4.                    [u:]                    x                    [u]  
                          - [u:ɐ] 'velho'                    5. [uɐ] 'orelha'

4.5.                    [o:]                    x                    [o]  
                          - [so:n] 'filho'                    99. [son] 'sol'  
                          54. [fo:l] 'pássaro'                    161 [fol] 'cheio'  
                          50. [ho:ɐ] 'chifre'                    03 [hoɐ] 'cabelo'

4.6.                    ɔ:                    x                    [ɔ]

Mesmo voltando ao informante, não se encontrou oposição fonêmica de duração entre [ɔ:] e [ɔ] mas, Vera Cristina de Macedo Costa Rodrigues (1974:31-32), em sua tese: "Um estudo Fonológico Contrastivo. Sistemas Vocálicos do Português e do Alemão", afirma que "o maior problema para a descrição fonológica do sistema vocálico alemão é o fato da vogal anterior média aberta não arredondada, e só ela entre as vogais abertas, pode também ser longa. Por isto é considerada por Moulton como "vogal anômala", ou "não bem integrada no sistema". Essa afirmação só pode ser verdadeira, porque no dialeto germânico em estudo ocorre o mesmo fenômeno. Nos dados não se registrou nenhuma ocorrência de [ɔ:] .

Diante disso, conclui-se que a duração nas vogais mé dias abertas não é fonêmica porque entre [ɛ:] e [e:] há uma variação livre, como já se disse anteriormente, enquanto [ɔ:] simplesmente não ocorreu nos dados coletados. Pode-se ainda aduzir para o caso de [ɛ:] o argumento da lei da simetria de Pike.

4.7.	[a:]	x	[a]
106	[ta:x]	'dia'	- [tax] 'telhado'
92	[pla:t <sup>h</sup> ]	'folha'	- [plat <sup>h</sup> ] 'achatado'
171	[la:jt <sup>h</sup> ]	'gente'	- [lajt <sup>h</sup> ] 'deitado'

De acordo com os dados acima descritos, pode-se concluir que, quanto à duração, os fonemas vocálicos longos são:

/i:/                      /u:/  
  
                             /e:/            /o:/  
  
   /a:/

Depois de se analisar a duração das vogais, passou-se a examinar os vocóides breves para depreender os demais fonemas vocálicos.

4.8.	[i]	x	[e]
91	[fí1]	'muito'	- [fé1] 'encha'

4.9.	[e]	x	[ɛ]
-	[tʁek]	'empurra'	320. [tʁɛk] 'sujeira'
-	[mes]	'missa'	154 [mɛs] 'faca'
154	[stʁek]	'corda'	- [stɛk] 'estica'
-	[feltʰ]	'enche'	263 [fɛltʰ] 'cai'
4.10.	[u]	x	[o]
-	[kʰúmɔ]	'pipino'	190. [kʰómɔ] 'vindo'
4.11.	[u]	x	[ɔ]
322	[ʁutʰ]	'vermelho'	- [ʁɔtʰ] 'conselho'
79	[fʁúxtʰ]	'fruta'	- [fʁɔxtʰ] 'ele per <sub>g</sub> unta'
4.12.	[ɛ]	x	[a]
-	[jɔxtʰ]	'toca'	41. [jãxtʰ] 'caça'
-	[ɔks]	'boi'	152. [ãks] 'machado'
4.13.	[ɛ]	x	[a]
-	[stɛk]	'estica'	[stɛák] 'completamente'
52.	[ʃwɛns]	'rabos'	52 [ʃwɔns] 'rabo'

Não se registrou oposição fonêmica entre [e] x [ə] ; [ə] é alofone de /a/ em português, mas no dialeto [ə] é alofone de [e] , quando átono em final de palavras, pois [e] e

[ə] podem variar livremente em final de palavras de sílabas átonas.

Ainda deve-se observar que o [n] final do alto-alemão muitas vezes desaparece no dialeto, permanece apenas [ə], como em [fálə], [k<sup>h</sup>ɔmə] ... Entre [a] x [a] e [ɐ], também, não se registrou oposição fonêmica, encontrando-se os mesmos na seguinte distribuição complementar:

[a] vogal baixa fechada, ocorre em posição átona, não final de sílaba.

[a] vogal baixa, central, aberta, ocorre em sílaba tônica.

[ɐ] vogal central, média, aberta que ocorre em final de palavra ou seguida de nasal.

Baseado na análise, pode-se formar o quadro dos fonemas vocálicos, breves:

/i/	/u/
/e/	/o/
/ɛ/	/ɔ/
/a/	

Sobrepondo-se ao quadro as vogais longas, obtém-se o seguinte quadro fonêmico do dialeto estudado:

/i/ /i:/

/u/ /u:/

/e/ /e:/

/o/ /o:/

/ɛ/

/ɔ/

/a/ /a:/

Não se considerou, nesse trabalho, a nasalidade vocálica, baseado no trabalho de Vera Cristina de Macedo Rodrigues (1974:31) que diz: "não consideraremos a nasalidade vocálica, que só aparece em algumas palavras emprestadas do francês. No Siebs as vogais nasais são mesmo chamadas de "vogais nasais francesas". Segundo Marthe Philipp, a grande maioria dos falantes alemães tem grande dificuldade na pronúncia das vogais nasais, substituindo-se por vogal oral + consoante nasal, pronúncia esta apontada no Siebs, como variante da nasalidade vocálica. Um falante nativo alemão tende a dizer, por exemplo, [balko:n], e não [balkō], 'Balkon'. Esse fenômeno, também, se nota nos falantes do dialeto de Loefelschedit e por isso não se entrou em mais detalhes quanto ao problema.

Deve-se salientar, todavia, que existe oscilação entre [ɔ] x [a] como por exemplo, em n° 330, encontra-se [hot<sup>h</sup>] com a mesma significação de [hat<sup>h</sup>] do n° 148 'tem-presente'. Existe, também, a oscilação entre [ɛ] x [a], como se percebe em [dɛmp<sup>h</sup>] e [dɔ:mp<sup>h</sup>] que significam 'fumaça'.

Verifica-se, também, a oscilação entre [u] x [ɔ] e [i] x [e]. Muitas vezes, fica-se em dúvida quanto ao

som, ainda mais quando o informante fala rapidamente num con texto maior. Por isso voltou-se ao informante e procurou-se achar pares mínimos que não se encontravam no questionário.

O próprio informante chegou a afirmar que essa osci lação é livre, pois pode-se dizer [flos] e [flus] para de nominar a mesma palavra 'rio', assim como também se pode oe cilar entre [gíft<sup>h</sup>] e [géft<sup>h</sup>] para significar tanto 'venene no' como 'dá do presente'. Sabe-se que [gíft<sup>h</sup>] , [flus] e [dʀmp<sup>h</sup>] são palavras do alto alemão que permaneceram no dia leto, oscilando entre [i] x [e] , [u] x [o] e [a] x [ɛ].

Essa oscilação deverá se dar em função da superposi ção de línguas, fenômeno natural de línguas em contato ou aculturações. Sabe-se que, em Loefelscheidt, houve o ensino alemão, o "Hochdeutsch" que, sem dúvida, deixou sua influên cia no dialeto.

Merece, ainda, atenção especial, o som [ɪ] que osci la entre o [e] e [i] , como [ɪs] pode ser realizado como [es] ou [is] , sem problema para o falante e ouvinte.

Observa-se que, mormente as vogais anteriores arre dondadas do alto alemão, se distenderam e se formou este [ɪ] , como se verifica em:

- 93. [tɪn] 'fino'
- 282. [kɪn] 'verde'
- 310. [fɪs] 'pés'

Outra tendência notada no dialeto, em relação ao al

to alemão, é que o [ɾ] do alto alemão se vocalize em [a] ou seus alofones. Exemplos:

4. [hōʷ] 'cabelo'
66. [dɛʷ] 'o, artigo'
42. [tʰiɑʷ] 'bichos'
5. [úʷ] 'orelha'
50. [hó:ʷ] 'chifre'

Apesar dos problemas abordados, encontraram-se pares mínimos suficientes, exceto para [o] x [ɔ], para a determinação dos fonemas vocálicos do dialeto. Considerou-se, também, fonêmica a oposição entre [o] x [ɔ], baseado na simetria [e] x [ɛ], onde se registrou um bom número de oposições fonêmicas.

## 5. Análise dos Fonemas Consonantais:

Da mesma maneira que se procedeu com as vogais, analisar-se-ão as consoantes, para se determinar os fonemas consonantais.

### 5.1. Oclusivas:

No levantamento fonético dos sons oclusivos do dialeto, constata-se a presença de sons oclusivos aspirados, de oclusivos não aspirados surdos, de oclusivos não aspirados sonoros e o som africado [tʰs].

Pelo princípio de economia de fonemas no sistema, con

siderou-se [ts] como duas unidades [t] e [s] .

Diante da realidade dos sons oclusivos , levantaram-se três hipóteses:

1) Os fonemas /p/, /t/ e /k/ se opõem fonemicamente a /b/, /d/ e /g/, sendo que [p<sup>h</sup>] , [t<sup>h</sup>] e [k<sup>h</sup>] são alofones de /p/, /t/ e /k/, respectivamente.

Analisou-se o "corpus" para testar a hipótese, baseado no princípio de Pike de que se acham em condições de distinguir expressões os sons que, ocorrendo no mesmo contexto, não podem ser usados um pelo outro, sem provocar a substituição de uma expressão por outra.

Não se registrou nenhuma oposição fonêmica entre [p] x [b] , [t] x [d] e [k] x [g] no corpus utilizado.

Verifica-se, já, na primeira página da transcrição fenética, que o informante permuta os sons [t] e [d] num meemo vocábulo como, por exemplo, em n° 4 [di hoʔ] e, em n° 22, [ti hʔnd] para o mesmo artigo definido 'a'. Nos números 30 e 43, verifica-se, também que o informante diz [ʃakacé] e [ʃagacé] para significar o mesmo réptil 'ja caré'. Esta variação entre [p] e [b] ficou mais evidente ainda no n° 332, quando varia entre [pʔ:m] e [bʔ:m] . Entre o [p] e [b] existe uma oscilação. As vezes, é difícil de se perceber pelo simples ouvido se o falante realiza um [p] ou [b] .

A mesma variação e oscilação se registra no n° 324

entre [k] e [g] em [gejáxt<sup>h</sup>] e [kejáxt<sup>h</sup>], ambas as realizações significam 'caçador', assim como também no nº 329 d. [kʔ:ŋ] e [gʔ:ŋ] 'andando'.

Há, portanto, uma variação livre entre [p] - [b], [t] - [d] e [k] - [g], exceto quando a oclusiva estiver precedida de [ʃ] ou seguida de [s], quando, então, é utilizado o som surdo como, por exemplo:

13	[tsuŋ]	'língua'	14	[tsɛn]	'dentes'
16	[ʃpuk <sup>h</sup> ]	'saliva'	16	[ʃpáwts]	'saliva'
104	[ʃtɛʔnə]	'estrelas'	138	[ʃte:n]	'pedras'
131	[ʃtáup <sup>h</sup> ]	'poeira'	309	[nekst <sup>h</sup> ]	'próximo'

Portanto, não havendo oposição fonêmica entre [p] x [b], [t] x [d] e [k] x [g], não se pode considerá-los fonemas, rejeitando-se, assim, a primeira hipótese.

2) Os fonemas /p<sup>h</sup>/, /t<sup>h</sup>/ e /k<sup>h</sup>/ se opõem fonemicamente a /p/, /t/ e /k/ em que [b], [d] e [g] são, respectivamente, alofones de /p/, /t/ e /g/.

Analisando os dados, verifica-se que no "corpus" existem, apenas, sons aspirados nas palavras:

1.	[k <sup>h</sup> ɔp <sup>h</sup> ]	'cabeça'	174.	[k <sup>h</sup> ént <sup>h</sup> ]	'criança'
299.	[k <sup>h</sup> úats]	'curto'	175.	[k <sup>h</sup> ótsə]	'vomitar'
279.	[k <sup>h</sup> á1t <sup>h</sup> ]	'frio'	190.	[k <sup>h</sup> ómə]	'vir'
259.	[k <sup>h</sup> íʌɾə]	'curvas,	126.	[k <sup>h</sup> é:mpel]	'lagoa'
		voltas'			

240. [fak<sup>h</sup>íat<sup>h</sup>] 'errado'    227. [khájçt<sup>h</sup>] 'ele respi  
ra'.

No "corpus", não se registram os sons [p<sup>h</sup>] e [t<sup>h</sup>] ini  
ciais e mediais, mas voltando-se ao informante, encontraram-  
se os mesmos como, por exemplo, em [p<sup>h</sup>at<sup>h</sup>] 'padrinho' e  
[tháfel] 'quadro de escrever'. No dialeto existem as oclusi  
vas surdas aspiradas, mas num número bastante reduzido em re  
lação às surdas e sonoras não aspiradas.

Procurou-se testar a hipótese com pares mínimos. Não  
se encontrou par mínimo para comprovar a existência dos fone  
mas /p<sup>h</sup>/, /t<sup>h</sup>/ e /k<sup>h</sup>/ em oposição a /p/, /t/ e /k/, mas re  
gistra-se que o informante possui consciência dos sons oclu  
sivos aspirados. Um falante do dialeto nunca dirá [kɔp] ou  
[gɔp], mas sempre [k<sup>h</sup>ɔp<sup>h</sup>] 'cabeça'.

Pode-se considerar os /p<sup>h</sup>/, /t<sup>h</sup>/ e /k<sup>h</sup>/ como fonemas  
empréstimos do alto-alemão. Existe uma sucessão de posições  
teóricas a respeito do problema da integração dos emprésti  
mos dentro de um sistema "hóspede". Holden (1976:131) ela  
borou três hipóteses, que podem ser sintetizadas da seguin  
te maneira:

A hipótese nº 1 baseia-se na completa independência  
dos empréstimos em relação ao léxico nativo, conforme a posi  
ção de Fries (1945) e Pike (1947) que considera os empréstimos um  
sistema de fonemas totalmente separados do sistema dos fone  
mas nativos. Essa posição só fará sentido no que diz respei

to aos casos de empréstimos totalmente inassimilados.

A hipótese nº 2, que prevalece na teoria gerativa, admite um parcial "overlap" entre as fonologias dos léxicos nativo e emprestado. A posição assumida pelos gerativistas é que todos os empréstimos provenientes de uma mesma origem exibem de maneira uniforme e previsível o mesmo conjunto de particularidades fonológicas, mas, infelizmente, encontram-se muitas evidências entre as línguas naturais que falseiam essa suposta homogeneidade dos empréstimos. O principal problema desta hipótese é que ela não permite distinguir entre empréstimos inassimilados, parcialmente assimilados e completamente assimilados.

A hipótese nº 3 elaborada por Holden (1976) - que confirma observações já feitas por Angenot, Spa e Jengo (1974) - pressupõe que os empréstimos têm diferentes graus de assimilação.

Já tinham sido observados, há muito tempo, diferentes graus de assimilação entre palavras diferentes de mesma origem, que podiam ser atribuídos ao fator tempo, caso essas palavras tivessem entrado na língua hóspede em épocas diferentes. Obviamente uma palavra entrada há mais tempo apresenta um maior grau de assimilação de que uma palavra entrada no sistema numa época mais recente. É claro que o fator tempo não entra em questão quando se trata de uma mesma palavra. Por isso Holden evocou ao conceito de graduação para explicar os diferentes graus de assimilação de segmentos den

tro de uma mesma palavra.

Os diferentes segmentos se assimilam às várias restrições fonológicas nativas em diferentes graus. É o que Holden chama de "Hipótese de Atração Magnética": cada restrição fonológica nativa teria sua força própria de atração e a força magnética de cada restrição atua diferentemente sobre os diferentes segmentos que satisfazem as condições desta restrição.

Essas forças variáveis constituem uma medida direta de produtividade relativa (ou viabilidade) das regras ou restrições fonológicas do sistema nativo.

Palavras emprestadas do alto alemão como, por exemplo, [khu<sub>s</sub>ts] → [khúats] no dialeto, mostram que no dialeto o processo de assimilação [s] → [a] tem uma força de atração magnética maior de que o processo paradigmático de desaspiração.

Observou-se no dialeto que [k<sup>h</sup>] é mais resistente de que [t<sup>h</sup>] ou [p<sup>h</sup>]. Daí porque a força relativa do processo assimilador de desaspiração manifesta uma variação de intensidade nesse sentido que é especialmente fraca em relação a resistência de [k<sup>h</sup>].

Tendo visto a teoria de Holden sobre os empréstimos, podem-se considerar os fonemas /p<sup>h</sup>/, /t<sup>h</sup>/ e /k<sup>h</sup>/ como fonemas empréstimos não totalmente assimilados ou como fonemas marginais do dialeto, provenientes do alemão padrão.

3) Os fonemas são /p/, /t/ e /k/. [p<sup>h</sup>] e [b], [t<sup>h</sup>] e [d] e [k<sup>h</sup>] e [g] são os respectivos alofones.

Esta hipótese também poderia ser aceita porque, como já se verificou, os fonemas /p/, /t/ e /k/ podem variar livremente com [b], [d] e [g] e o problema de considerar aqui [p<sup>h</sup>], [t<sup>h</sup>] e [k<sup>h</sup>] alofones marginais não invalidaria o trabalho, pois o objetivo é mostrar que os falantes do dialeto transferem para a segunda língua o sistema fonêmico da primeira. Ambas as hipóteses, 2 e 3, servem para alcançar o objetivo proposto.

Uma vez que ambas as hipóteses servem para mostrar a interferência na língua portuguesa, deixa-se aberta a discussão da aceitação de uma ou outra hipótese (hipóteses 2 e 3) que poderá ser objeto de estudos posteriores.

Deve-se observar ainda que, no dialeto em estudo, também se observou a norma fonológica do alemão de que todas as obstruintes (oclusivas e fricativas), em posição final de sílaba, são surdas (Istre 1980:253), e que as vogais iniciais de palavras são modificadas por uma oclusiva glotal que se lhes antepõe. Este fechamento glotal é demarcativo e não distintivo.

## 5.2. Nasais Sonoras:

No dialeto encontram-se três sons nasais que são [m], [n] e [ŋ]:

Testando-se os sons, verifica-se que são três fonemas

distintos, conforme se observa nos exemplos de oposição fonêmica.

- 5.2.1.            [n]                            x                            [m]
23. [pe:n]        'perna'                            - [pe:m]        'árvores'
36. [keʃnítʰ] 'cortado'                            - [keʃmítʰ] 'remendado'

- 5.2.2.            [n]                            x                            [ŋ]
67. [ʃlɔ:ŋ]        'cobra'    [ʃlɔ:n]        'bater'

Apesar de se encontrar no "corpus", apenas uma oposição fonêmica, registrou-se [ŋ], também, como fonema /ŋ/, pois o par mínimo dá a segurança para tal afirmação.

O [n] antes de [k] e [g] neutraliza-se, como se verifica nos exemplos:

18. [lɔŋk]        'longo'    236. [dɛ:ŋgɔ]        'pensar'

Pode-se, então, concluir que os fonemas nasais do dialeto são /m/, /n/ e /ŋ/, sendo que entre eles há uma neutralização de contraste quando ocorrem diante das oclusivas homorgânicas.

### 5.3. Laterais:

No "corpus" registraram-se, apenas, os sons [l] e [ɾ].

Considerou-se [l] como fonema, porque a série de palavras 69. [láws] 'piolho', [máws] 'rato' e [ráws] 'para fora',

demonstram claramente a oposição fonêmica entre esses sons.

O [ɺ] aparece, somente, em [ɺi:nelçə]. 'menino'. Considerou-se o [ɺ] uma variante de [j], uma vez que esta palavra poderia ser, também, representada foneticamente por [ji:nelçə]

#### 5.4. Vibrantes:

Registrou-se no dialeto a vibrante [ɺ], que também foi considerado fonema, pois existe em oposição fonêmica com os pares:

- |             |             |      |         |           |
|-------------|-------------|------|---------|-----------|
| 69. [ɺáws]  | 'para fora' | -    | [láws]  | 'piolho'  |
| 44. [hóntʰ] | 'cachorro'  | 100. | [ɺóntʰ] | 'redondo' |

#### 5.5. Fricativas:

No questionário, o "corpus" do trabalho, encontraram-se as fricativas [f] [v], [s] [z], [ʃ], [x], [ç] e [h].

Análise dos dados

- |        |         |          |                     |
|--------|---------|----------|---------------------|
| 5.5.1. | [f]     | x        | [v]                 |
| -      | [fí:ɸm] | 'crisma' | 72. [ví:ɸm] 'verme' |
| 146.   | [fó:l]  | 'cheio'  | - [vo:l] 'algodão'  |
| 164.   | [fája]  | 'fogo'   | - [vája] 'poço'     |

- |        |     |   |     |
|--------|-----|---|-----|
| 5.5.2. | [s] | x | [z] |
|--------|-----|---|-----|

Não se encontrou oposição fonêmica entre [s] e [z].

Analisando melhor o "corpus", verificou-se que, como

nas oclusivas, entre as fricativas [s] e [z] também existe uma flutuação que tende para a surdez, mesmo o [s] sendo intervocálico, onde era de se esperar um enfraquecimento pelo ambiente, como se verifica em 122 [vász] 'água'. No dialeto ocorre o som [z] entre vogais, como em [náze] 'narizes', mas em [násevits] 'curiosidade' já aparece o som [s]. O [z] flutua entre [s] e [z] como em 241 [gesát<sup>h</sup>] ou [gezát<sup>h</sup>] e nas palavras em que ocorre o [z] intervocálico, a palavra deve ser empréstimo do alto-alemão em que existe oposição fonêmica entre [s] e [z], a semelhança das oclusivas.

[x]                    x                    [ç]                    x                    [h]

Analisando os três sons, verifica-se que estão em distribuição complementar. Usa-se [x], quando é precedido pela vogal baixa /a/ ou pelas vogais posteriores, como se pode observar em:

33 [páux]	'barriga'	89 [frúxt <sup>h</sup> ]	'fruta'
38 [knóxə]	'ossos'	120 [pāx]	'rio'
41. [kebrāux]	'doméstico'	148 [pōxə]	'arco'

Usa-se o som [ç] quando é precedido por uma vogal anterior e depois de consoante.

Exemplos:

26 [ɔlɛçt <sup>h</sup> ]	'mau'	42 [ɛtliçə]	'alguns'
53 [ai:nelçə]	'menino'	240 [ɛiçtiç]	'corretamente'
- [léçə]	'mentir'		

Usa-se o som [h] em início de palavras, como em [hont<sup>h</sup>] 'cachorro' [hɔnt<sup>h</sup>] 'mão'.

Gleason(1955) já afirmou que no alemão não existe o som so noro que se oporia fonemicamente ao [ʃ]. No dialeto, também não se registrou o referido som.

[w] x [j]

No dialeto encontraram-se as semivogais [j] e [w], como se pode verificar em:

[lâws] 'piolho' e [lâys] 'piolhos'

Pela análise fonêmica dos contôides, pode-se dispor os fonemas consonantais na seguinte tabela:

#### Fonemas Consonantais

		Bilabiais	Lábio-dentais	Alveolares	Palatais	Velares
Oclusivas Surdas		[/p <sup>h</sup> /] /p/		[/t <sup>h</sup> /] /t/		[/k <sup>h</sup> /] * /k/
Nasais		/m/		/n/		/ŋ/
Fricativas	Surdas		/t/	/s/	/ʃ/	/x/
	Sonoros		/v/			
Lateral				/l/		
Vibrante				/ʀ/		
Semivogais			/w/		/j/	

(\* ) Observe-se as hipóteses sobre as oclusivas na página 87.

## 6. Descrição dos Fonemas Consonantais e seus Alofonos:

/p/ Consoante oclusiva, bilabial, surda. Varia com [b] , exceto quando precedida por [ʃ] ou seguida de [s] ;

/t/ Consoante oclusiva, alveolar, surda. Varia livremente com [d] , exceto quando precedida por [ʃ] ou seguida [s] ;

/k/ Consoante oclusiva, velar, surda. Varia livremente com [g] , exceto quando precedida por [ʃ] ou seguida por [s] ;

/m/ Consoante nasal, bilabial, sonora;

/n/ Consoante nasal, velar, sonora;

/f/ Consoante fricativa, lábio-dental, surda;

/v/ Consoante fricativa, lábio-dental, sonora;

/s/ Consoante fricativa, alveolar, surda realizando-se como [z] na maioria das palavras, podendo ocorrer [ʒ] em palavras empréstimos do alto-alemão;

/ʃ/ Consoante fricativa, palatal, surda;

/x/ Consoante fricativa, velar, surda. Está em distribuição complementar com [ç] e [h] . Usa-se: [x] precedido de vogal baixa [a] ou vogais posteriores.

[ç] precedido de vogal anterior e depois de consoante líquida.

[h] início de palavras;

/l/ Consoante lateral, alveolar, sonora;

/ʀ/ Consoante vibrante, alveolar, sonora;

/w/ Semivogal posterior, alta, arredondada;

/j/ Semivogal anterior, alta não arredondada.

### 7. Transcrição Fonêmica:

lía xɔn áix plus písxe. pɾasiliá:nix lía xən ix plus  
 en p<sup>h</sup>ɛ a óvente in te mopɾál ʃu:l. in te tá:itʃu:l va: ix plus  
 ɛn jóa un axth<sup>h</sup> mōnath<sup>h</sup>.

tɛa ʃú:liage is nith<sup>h</sup> petsá:lt<sup>h</sup> kɛn fon koveɾnató:a. un  
 ti famílix e fáta hɔn tɛa pɛtsált<sup>h</sup> of te mōnath<sup>h</sup>. jéta xoth<sup>h</sup>  
 sájneth<sup>h</sup> kɛn foa ɛn mōnath<sup>h</sup> se petsále. un vi: ix ɛn jóa un  
 axth<sup>h</sup> mōnath<sup>h</sup> in tɛ ʃu:l va: tu kōnte tɛa ʃú:liare nime pɛstie.  
 tu xath<sup>h</sup> tɛa of kexíath<sup>h</sup>. tu sen ix plif one ʃu:l pis fon  
 ɛtlixe jóara tu xon ix ɛtlixe óvente mopɾal ʃu:l kexáth<sup>h</sup>. un  
 tat<sup>h</sup> is mājn lía vu: ix xən. ix xɔn plus písxe lía. (3)

---

(3) Procurou-se transcrever fonemicamente um texto em que o informante fala sobre sua instrução: "Instrução, eu tenho pouca. Instrução brasileira, eu sô tive em algumas noites na escola do mobral. Na escola alemã, eu estive somente um ano e oito meses.

O professor não fora pago pelo Governador. Os pais de família o pagavam por mês. Cada um dava o seu para pagar um mês. E, quando eu estava um ano e oito meses em escola, então, o professor não se podia mais manter. Então ele parou. Assim eu fiquei sem aula até há uns anos atrás quando tive algumas aulas na escola do mobral. É esta a minha instrução que eu tenho: Tenho pouca instrução.

## 8. Interferência do Dialeto na Língua Portuguesa:

No estudo sócio-lingüístico da comunidade, verificou-se que o dialeto é a língua materna de todos os falantes. É lógico que a primeira língua exerce uma interferência fônica no aprendizado de uma segunda língua, neste caso, a língua portuguesa. Esta interferência consiste na maneira do fante perceber e reproduzir os sons na segunda língua.

De acordo com Uriel Weinreich (1970:14), "a interferência surge quando um bilíngüe identifica um fonema do sistema secundário como um do sistema primário e, em reproduzilo, sujeita-o as regras fonéticas da língua primária".

Sabe-se que o ensino de uma segunda língua é um trabalho árduo porque a língua é uma forma de atividade altamente complexa e um processo de substituir padrões aprendidos na primeira infância. Há necessidade de conscientizar os professores de que o conteúdo e o método de ensino deveriam variar de acordo com o propósito de quem aprende.

Infelizmente, os professores são insuficientemente capacitados em ensinar português a uma clientela do tipo em estudo. O professor deveria conhecer a causa dos erros do aprendizado de uma segunda língua para poder utilizar sólidos métodos pedagógicos no ensino de uma segunda língua.

O quadro, a seguir, representa o sistema fonêmico do dialeto falado em Loeffelscheidt, analisado, anteriormente, e o da língua portuguesa.

Quadro Fonêmico do DialetoQuadro Fonêmico do Português

		Bil.	Láb. Den.	Alv.	Pal.	Vel.	Bel.	Láb. Den.	Alv.	Pal.	Vel.
Oclusivas	Surdas	p		t		k	p		t		k
	Sonoras						b		d		g
Nasais		m		n		ɲ	m		n	ɲ	
Fricativas	Surdas		f	s	ʃ	x		f	s	ʃ	
	Sonoras		v					v	z	ʒ	
Laterais				l				l	ʎ		
Vibrantes				ɾ				ɾ			R
Semivogais			w		j			w		j	
Vogais		i	i:			u	u:	i			u
			e	e:		o	o:	e			o
			ɛ		ɔ			ɛ			ɔ
			a	a:				a			

Considerou-se o sistema fonêmico do dialeto o primeiro, pois é a língua-mãe dos falantes, porque, de acordo com Weinreich, poderia-se mostrar a interferência do segundo sistema no primeiro que não é objetivo do presente trabalho.

Os dois sistemas, colocados lado a lado, mostram uma divergência bastante grande o que, sem dúvida, vai interferir no aprendizado da segunda língua, no presente caso, a

língua portuguesa.

Na discussão das oclusivas, já se verificou que os fonemas do dialeto são /p/, /t/ e /k/, podendo variar livremente com [b], [d] e [g], exceto quando são precedidos por [ʃ] ou seguidos de [s]. Isto é estranho ao sistema do português. No português, há a oposição fonêmica entre surdez e sonoridade, o que não acontece no dialeto.

Essa divergência fonêmica do dialeto e do português leva o aluno a transferir o problema para a segunda língua. Nota-se esta transferência no "corpus", quando o informante, no nº 116, depois de solicitado para traduzir a frase: "o vento está soprando", diz que [dɛp véntʰ is íveɾiç], o que, realmente, significa "o vento está sobrando". Isto reflete, claramente, que não há oposição fonêmica entre [p] e [b] em sua língua materna. Para o falante de português de Loeffelscheidt, não existe diferença entre [pómpɐ], [pombɐ] e [bombɐ]. Para ele as três formas têm sentido dentro de um certo contexto. Não percebe a diferença entre surdez e sonoridade.

Esse problema causa muito humorismo entre falantes nativos de língua portuguesa. Certa vez, uma senhora dirigiu-se ao farmacêutico de Santo Amaro da Imperatriz e solicitou "uma pomba de tirar leite". O farmacêutico, assustado, com a farmácia cheia de gente, perguntou: "o que a senhora mesmo deseja?" e ela repetiu: "seu Baulo, eu queria uma pomba de tirar leide". Houve risos por todos os lados, mas o farmacêutico, conhecendo o problema, sabia que se tratava

de um aparelho de sucção para extrair o leite materno de uma jovem mãe.

O mesmo fenômeno da troca de fonemas, no português, também, ocorre entre as demais oclusivas. No nº 155 para "a faca está cega", o informante diz que a faca está seca. [dát<sup>h</sup> mɛ̃s is trikenə]. A palavra peito pode ser realizada como [peidu], [beidu] ou [beitu].

Todo cidadão que tiver aprendido, no seio da família, esse dialeto, sempre, terá dificuldades em distinguir oposição entre [p] e [b], [t] e [d] e [k] e [g], pois, no seu dialeto, esses sons podem variar livremente. Diz-se livremente pois, em português, a única seqüência oclusiva + [s] é ps e, ainda, de pouca freqüência.

Quanto às nasais, já se observou o que diz Vera Cristina de Macedo Costa Rodrigues. A grande maioria dos falantes germânicos tem dificuldade na pronúncia das vogais nasais. Substituem-nas por vogal oral + consoante nasal. Esse fato dificultou bastante a transcrição fonética, porque se tem a impressão de que a vogal, antes de uma consoante nasal, recebe uma pequena duração até se realizar a consoante nasal, mas que não chega a ser fonêmico.

No dialeto não há o fonema /ñ/ do português, mas que o informante realiza normalmente na palavra empréstimo [mɤ̃nyk<sup>h</sup>] 'mandioca'. Não há, portanto, maior problema na sua realização, pois, em ambos os sistemas, há os sons [m], [n] e [ɲ], sendo que o do dialeto possui uma neutralização seme

lhante ao do português: no mesmo ambiente fonético.

As fricativas [f] e [v] não apresentam maiores problemas em sua realização, pois ambas se encontram nos dois sistemas fonêmicos.

Na realização dos fonemas /s/ x /z/ e /ʃ/ x /ʒ/ do português é que se encontram problemas sérios. O dialeto não apresenta os fonemas sonoros /z/ e /ʒ/. No dialeto ocorre o som [z], mas como empréstimo do alto-alemão. Nas palavras do dialeto há uma oscilação entre [s] e [z] à semelhança das oclusivas; por isso será difícil de um falante do Hunsrück realizar corretamente os sons [s] e [z].

Como o dialeto não apresenta o som [ʒ], o falante transfere para a língua portuguesa o som [ʒ]. Por isso diz [ʒoeɫu], [ʒagacɛ] e [ʒejtu] em vez de [ʒoeɫu] [ʒakacɛ], [ʒejtu].

No dialeto não existe oposição fonêmica entre [r] e [R], como no português. No dialeto, somente existe o "flap" [r]. O [R] que é estranho a todo falante nativo de língua portuguesa. Isso mostra a tendência de querer corrigir a vibrante, mas que não consegue em virtude do hábito de realizar somente o flap [r] em sua língua materna.

Quanto às laterais, também não há grande problema de realização, pois o fonema [l] do dialeto é semelhante ao da língua portuguesa. O som [ɫ] é estranho ao dialeto, mas o falante o executa normalmente, como [ɫ] e não como [ɫʲ], como

Eunice Pontes (1973:16) a classifica.

As semivogais, como as vogais, não apresentam maiores dificuldades quanto a sua realização no português. O maior problema existente é o já mencionado problema das vogais nasais portuguesas e a duração que também não apresenta maiores problemas, pois, no português, não há oposição fonêmica entre vogais de curta ou longa duração; apenas, têm a função de contribuir para o realce da sílaba tônica.

Não foi objetivo do trabalho se preocupar com as vogais, pois, a interferência delas no falar da língua portuguesa é tão pequena que passa despercebido ao falante da língua portuguesa. Mas, quem tiver interesse nesse assunto, leia a Tese de Mestrado da Professora Vera Cristina de Macedo Costa Rodrigues, cuja obra foi citada, por diversas vezes, nesses trabalho.

Partindo dessas causas de interferência do dialeto na língua portuguesa, os professores deveriam formular os seus exercícios fonológicos. Os exercícios deveriam partir de pares mínimos da língua portuguesa que mostrassem, claramente, as oposições fonêmicas do português.

Fica, portanto, aqui o apelo aos professores de língua portuguesa para que, baseados nesta pequena contribuição, elaborem o seu método e material pedagógicos para o ensino do português, como segunda língua, e que compreendem as dificuldades de alunos com interferência dessa natureza.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho procurou-se, com base numa pesquisa efetuada no contexto histórico e sócio-linguístico, mostrar o sistema fonêmico do dialeto em comparação com o sistema do português, objetivando facilitar a aprendizagem da língua portuguesa.

No contexto histórico, constata-se a homogeneidade da comunidade na preservação da língua, fidelidade religiosa e unidade econômica, motivada pelo isolamento geográfico.

No estudo sócio-linguístico manifesta-se igualmente a homogeneidade nos seguintes resultados:

1) a aprendizagem do dialeto realiza-se, em 100%, na idade pré-escolar e, do português, em 92%, na faixa escolar;

2) 70% da comunidade apresenta característica bilíngue, manifestada principalmente entre os jovens, e os de meia idade;

3) acentua-se o bilinguismo à medida em que há o afastamento do Centro Comunitário;

4) a língua de comunicação na família (96%), no traba

lho (81,2%) e nos encontros é o dialeto, sendo o fator mais responsável pela preservação da língua;

5) a língua de comunicação no âmbito religioso (67%) e no âmbito oficial (64%) é a língua portuguesa.

Deve-se salientar que, embora todos os moradores pertençam a religião católica, preservou-se a unidade lingüística que é mais característico em comunidade protestantes, onde religião e língua alemã são valores correlacionadas.

Na comparação fonêmica procedeu-se a descrição do dialeto para o levantamento dos fonemas que foram comparados com os da língua portuguesa, quando se detectou a interferência do primeiro sistema fonêmico no segundo para apresentar uma sugestão aos professores para minimizar tais interferências, chegando-se as seguintes conclusões que mais interferem na aprendizagem da língua portuguesa:

- 1) os dois sistemas fonêmicos são diferentes;
- 2) no dialeto não há oposição fonêmica entre [p] x [b]  
[t] x [d] e [k] x [g];
- 3) o dialeto não possui o fonema sonoro /ʒ/;
- 4) o dialeto não possui o fonema /R/;
- 5) no dialeto não há oposição fonêmica nítida entre [s] e [z];
- 6) o dialeto não nasaliza a vogal anterior em sílabas nasais a exemplo do português.

Essas diferenças fonêmicas o falante do dialeto transfere para a língua portuguesa. Por isso sugere-se ao profes

sor de língua portuguesa que faça exercícios estruturais, mostrando a oposição fonêmica no português nas:

oclusivas /p/ x /b/, /t/ x /d/ e /k/ x /g/

fricativas /s/ x /z/, /ʃ/ x /ʒ/

vibrantes /ɾ/ x /R/ e que faça exercícios de pronúncia com palavras em que ocorram sílabas nasais.

## BIBLIOGRAFIA

1. ALBERSHEIM, Úrsula - *Uma Comunidade Teuto-Brasileira* (Jarim). Rio de Janeiro. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1962.
2. ALBUQUERQUE, Maria Elisabeth Mendes de - *Vogais Orais Nasais - Estudo Contrastivo Português - Francês* (análise de Erros). Florianópolis. Tese de Mestrado. UFSC. 1978.
3. ANGENOT, J. P., et alii - *Studies in Pure Natural Phonology and Related Topics*. Florianópolis. Working Papers in Linguistics, UFSC, 1981.
4. BENVENISTE, Emile - *Problemas de Linguística Geral*. Mexico. Siglo Veintiuno Editores S/A, 1971.
5. BRIGHT, William - *Introduction: the dimensions of Sociolinguistics*. In: *Sociolinguistics*. New York, Mouton & Co.. The Hague, Paris, 1966.
6. CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à Linguística*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1976, 3a. edição.
7. CÂMARA, J. R., Joaquim. - *Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro, Ed. J. Ozon, 1968, 3a. edição revista e aumentada.

8. CÂMARA, Jr, Joaquim - *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1976, 8a. edição.
9. \_\_\_\_\_ - *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis. Editora Vozes, 1977, 8a. edição.
10. \_\_\_\_\_ - *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico S/A - Indústria e Comércio, 1977.
11. FISHMAN, Joshua A. - *A Sociologia da Linguagem*. In. - *Sociolingüística*, Rio de Janeiro, Livraria Elsorado, Tijuca Ltda., 1974.
12. FRIES, Charles C. *Teaching and Learning English as Foreign Language*. Ann Arbor: Wniversity of Michigan Press, 1945.
13. GIRARD, Denis - *Lingüística Aplicada e Didática de Línguas*. Lisboa. Editorial Estampa, 1975, 2a. edição.
14. GLEASON jr, H.A. - *Introdução à Lingüística Descritiva*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1955 - Tradução de João Pinguelo.
15. HALLIDAY, M.A. K. et alii - *As Ciências Lingüísticas e o Ensino de Línguas*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1974.
16. HEYE, Jürgen - *Bilingualism and Language Atitudes in Merano*. Italy. In: \_\_\_ *Revista Brasileira de Lingüística*, 1 1974.
17. \_\_\_\_\_ - *Sociolingüística*. In: \_\_\_ *Manual de Lingüística*. Pais, Cidmar Teodoro et alii. Petrópolis, Ed. Vozes, 1979.
18. HILL, Archibald Anderson - *Aspectos da Lingüística Moderna*. Tradução de Adair Pimentel Palácio e outros. São Paulo. Ed. Cultrix, 1974.
19. HOLDEN, Kyril - *Assimilation Rates of Borrowings and Phonological Productivity*. In: \_\_\_ *Language Journal of the Linguistic Society of America*, 1/1976 - volume 52.

20. ISTRE, Giles Lothar - *Fonologia Transformacional e Natural: Uma Introdução Crítica*. UFSC, NEL, Florianópolis, 1980.
21. KELLY, L. G. Description and Measurement of Bilingualism : an International Seminar University of Moughton - June 6 - 14, 1967.
22. KOCH, Walter - *Falares Alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, editora URGs, 1974.
23. KRISTEVA, Júlia - *História da Linguagem*. Lisboa. Edições 70. Tradução de Maria Margarida Barahona, 1969.
24. LADEFOGED, Peter - *A Course in Phonetics*. University of California. Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1975.
25. LADO, Robert - *Introdução à Lingüística Aplicada*. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1971.
26. LENARD, Andrietta - *Lealdade Lingüística em Rodeio*. UFSC, 1976. Tese de Mestrado - Opção Lingüística.
27. LEROY, Maurice - *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna*. São Paulo. Editora Cultrix, 1971.
28. MACKEY, William - *The Description of Bilingualism*. In: \_\_\_ Readings in the Sociology of Language. The Hague, Moughton, 1970.
29. MARCELLESI et GARDIN, Jean - Baptiste e Bernard - *Introdução à Sociolingüística*. Tradução de Maria de Lourdes Saraiva, Lisboa, Editorial Aster, 1974.
30. MATTOSO, Margot Levi - *Rumos da Lingüística*. Petrópolis, Editora Vozes, 1978.
31. MOULTON, William G. - *Junsture in Modern Standard German*. In: \_\_\_ Readings in Linguistics I, Chicago Press. 1957, 4a. edição.
32. OLIVEIRA, Sidney Gaspar de - *Existe Realmente Semivogal no Português*. Florianópolis. Tese de Mestrado, UFSC, 1978.

33. PEREIRA, Edna - *Um Estudo Sociolinguístico na Colônia Esperança*. Florianópolis. Tese de Mestrado, UFSC, 1977.
34. PIKE, Kenneth L. - *Phonemics*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1947.
35. PONTES, Eunice - *Estrutura do Verbo no Português Colôquial*. Petrópolis, Editora Vozes, 1973.
36. PRETI, Dino - *Sociolinguística: Os Níveis de Fala*. São Paulo. Editora Nacional, 1974.
37. ROBINS, Robert Henry - *Linguística Geral*. Tradução de Elisabeth Corbetta A. da Cunha e outros. Porto Alegre. Editora Globo, 1977.
38. RODRIGUES, Ada Natal. *O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba*. São Paulo, Ed. Ática, 1974.
39. RODRIGUES, Vera Cristina de Maceo. *Um Estudo Fonológico Contrastivo - Sistemas Vocálicos do Português e do Alemão*. PUC. Tese de Mestrado em Língua Portuguesa. 1974.
40. RUBIN, Joan - *Bilingual Usage in Paraguay*. In: Readings in the Sociology of Language. The Hague, Mouton, 1970.
41. SAPIR, Edward - *A Fala como Traço da Personalidade*. In: Linguística como Ciência. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1961.
42. SAUSSURE, Ferdinand de - *Curso de Linguística Geral*. São Paulo. Editora Cultrix, 1975. 8a. edição.
43. SCHADEN, Egon - *Aculturação Linguística numa Comunidade Rural*. In: Jornal de Filologia, 1/1953. São Paulo, Saraiva, 1953.
44. \_\_\_\_\_ - *Homem, Cultura e Sociedade no Brasil*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1972.
45. SCHADEN, Francisco S. G. - *Notas para a Localidade de Loeffelscheidt*. São Bonifácio. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1946.

46. SEYFERT, Giralda - *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre. Editora Movimento, 1974.
47. SILVA NETO, Serafim da - *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Ed. Presença, 1979, 3a. edição.
48. VANDRESEN, Paulino - *Fonologia do Vestpaliano de Rio Fortuna*. Porto Alegre, Mimeografado. Tese Apresentada na PUCRGS, 1970.
49. \_\_\_\_\_ - *Tarefas da Sociolinguística no Brasil*. In: \_\_\_\_\_ Revista de Cultura Vozes, 8/1975.
50. \_\_\_\_\_ - *Contatos Linguísticos em Santa Catarina*. In: Anais: Colóquios de Estudos Tendo-Brasileiros. Porto Alegre. URGs edições, 1980.
51. WEINREICH, Uriel - *Languages in Contact*. The Hague, Mouton, 1970.
52. WILLEMS, Emílio - *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. São Paulo. Ed. Companhia Ed. Nacional, 1946.
53. WOLF, Eric R. - *Sociedades Camponesas*. Tradução de Osvaldo Caldeira C. da Silva. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1966, 2a. edição.

A N E X O S

ANEXO I

QUESTIONÁRIO SOCIOLINGÜÍSTICO

A - DADOS SOBRE A FAMÍLIA:

I. IDENTIFICAÇÃO:

N O M E	idade	estado civil	instrução			parent.	relig.	sexo	profissão
			Port.	Alem.	Nenh.				

OBSERVAÇÕES:

A - DADOS SOBRE A FAMÍLIA - (CONTINUAÇÃO)

OBSERVAÇÕES:

2. Origem do Pai \_\_\_\_\_
3. Origem da Mãe \_\_\_\_\_
4. Origem dos avós paternos \_\_\_\_\_
5. Origem dos avós maternos \_\_\_\_\_
6. Há quantos anos o casal reside aqui? \_\_\_\_\_
7. Já morou em outro lugar? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
8. Onde? \_\_\_\_\_
9. Quanto tempo? \_\_\_\_\_
10. Quantos filhos vivem em casa, atualmente? \_\_\_\_\_
11. Onde moram os filhos, não em casa? \_\_\_\_\_
12. Tem televisão? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
13. Tem rádio? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
14. Qual o programa preferido? \_\_\_\_\_
15. Tem jornal? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
16. Tem kalender alemão? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

B - DADOS INDIVIDUAIS:

B.1 - SOBRE A LÍNGUA:

Nº	línguas que fala		com que idade aprend.		que líng. com. a falar		que língua escreve		
	Alemão	Português	Alemão	Português	Alemão	Português	Alemão	Português	Nenhuma

OBSERVAÇÕES:

C - FUNÇÕES DA LÍNGUA:

C.1 - FALA - LEITURA - COMPREENSÃO:

Nº	fala alemão			fala português			lê alemão			lê português			entende alemão			entende português						
	bem	reg	mal	não	bem	reg	mal	não	bem	reg	mal	não	bem	reg	mal	não	bem	reg	mal	não		

OBSERVAÇÕES:

2 - QUE LÍNGUA USA?

Nº	no trabalho		no baile		no culto		no jogo		nas compras		na confissão		na oração da mesa	
	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.

OBSERVAÇÕES:

2 - QUE LÍNGUA USA? (CONTINUAÇÃO)

Nº	nas refeição		quando canta		repreend. as crianças		na família		c/amigo		c/vizinhos		c/autoridades	
	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.

OBSERVAÇÕES:

2 - QUE LÍNGUA USA? (CONTINUAÇÃO)

Nº	c/conhecidos		c/namorado		na discussão		bêbado		no sonho		c/ o padre		c/ os pais	
	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.	Alemão	Port.

OBSERVAÇÕES:

D - ATITUDES INDIVIDUAIS:

1. Gostaria que seu filho aprendesse a Língua Alemã na escola, junto com o Português?

Nº	Sim	Não	Não sei

OBSERVAÇÕES:

2. Estaria disposto a colaborar para que isto se realizasse?

Nº	Sim	Não	Não sei

OBSERVAÇÕES:

## 3. Como você colaboraria?

Nº	

OBSERVAÇÕES:

4. Você acha que um dia o alemão não será mais falado  
no Loeffelscheidt?

Nº	Sim	Não	Não sei

OBSERVAÇÕES:

5. O que se precisaria fazer para que se continuasse a falar o alemão?

Nº	

OBSERVAÇÕES:



7. Você continua a ensinar seu filho a falar alemão?

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Não sei \_\_\_\_\_

8. Você se pudesse, ensinaria o seu filho a escrever alemão?

Nº	Sim	Não	Não sei

OBSERVAÇÕES:

9. Se você fosse contar a história de sua vida, que língua você escolheria?

Nº	Aelmão	Português

OBSERVAÇÕES:

10. Você pessoalmente prefere falar em:

Nº	Alemão	Português

OBSERVAÇÕES:

ANEXO II

LINGUA HUNSRÜCK  
FAMÍLIA GERMÂNICA  
DIALETO OU LOCALIZAÇÃO LOEFFELSCHEIDT

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES  
PARA ESTUDOS COMPARATIVOS PRELIMINARES  
NAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

II. QUESTIONÁRIO

MUSEU NACIONAL  
Divisão de Antropologia - Setor Lingüístico

Segunda Edição  
Rio de Janeiro, 1960.

(A primeira edição apareceu sob o título de  
"Questionário Padrão para a Pesquisa nas Línguas Indígenas Brasileiras").

E favor acompanhar com a informação seguinte cada lista vocabular preenchida, mesmo que já tenha sido dada essa informação com vocabulários da mesma língua ou dialeto obtidos de outros indivíduos. Se registrar mais de um vocabulário individual da mesma língua ou dialeto, é favor distingui-los por letras, a saber, Lalaba A, Kalaba B, etc. Não importa que o vocabulário colhido seja pequeno: use um questionário completo por vocabulário colhido.

## P E S Q U I S A D O R :

NOME: IVO ZIMMERMANN  
 ENDEREÇO: Rua Frei Fidencio, nº 10 - Santo Amaro da Imperatriz - SC  
 INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Santa Catarina  
 DATA DO TRABALHO DE CAMPO: Setembro e Outubro de 1980

## L I N G U A :

NOME DA LÍNGUA: Hunsrück  
 LOCALIZAÇÃO EXATA: Loeffelscheidt, Município de Águas Mornas - SC  
 ÁREAS DIALETAIS DA LÍNGUA:  
 NÚMERO DE FALANTES DA LÍNGUA: 197  
 GRAU DE BILINGUISMO PORTUGUÊS: 70% (Setenta por cento)

## I N F O R M A N T E :

NOME: Lindolfo Roth  
 IDADE PROVÁVEL: 48 anos  
 SEXO E POSIÇÃO NA COMUNIDADE: Masculino - Lavrador  
 LUGAR DE NASCIMENTO: Loeffelscheidt  
 ATUAL RESIDÊNCIA: Loeffelscheidt

1. Cabeça [k<sup>h</sup>ó<sup>h</sup>p<sup>h</sup>]
2. A cabeça é redonda [dɛ k<sup>h</sup>ó<sup>h</sup>p<sup>h</sup> is só<sup>h</sup>nt<sup>h</sup>]
3. Cabelo [hóɐ]
4. O cabelo é preto [di hóɐ sɛn swáts]
5. Orelha [úɐ]
6. Ele furou a orelha [éɐ há<sup>h</sup>t<sup>h</sup> uɐ túa<sup>h</sup> kepúat<sup>h</sup>]
7. Olho [á:wə]
8. O olho é bom [dí áwe sɛn gú:t<sup>h</sup>]
9. Nariz [ná:s]
10. O nariz está inchado [dí nã:s is ke<sup>h</sup>swol]
11. Boca [máwl]
12. Língua [dí tsún]
13. A língua está na boca [dí tsún is im máwl]
14. Dente [tsén]
15. Cinco dentes [fénef tsén]
16. Saliva [spáwts] [spúk<sup>h</sup>]
17. Pescoço [háls]
18. O pescoço é comprido [dɛ háls is lé:ŋk<sup>h</sup>]
19. Peito [próst<sup>h</sup>]
20. Costas [dɛ sík<sup>h</sup>] [krájts]
21. Mão [hánt<sup>h</sup>]
22. Ele está apertando a mão [éɐ is tí hánt<sup>h</sup> ɐm tréka]
23. Perna [pe:n]
24. Ele está coçando a perna [éɐ is tát<sup>h</sup> pé:n ɐm krétsə]
25. Joelho [kní]
26. O joelho está mau [dɛ kní is sléçt<sup>h</sup>]
27. Pé [fú:s]

28. Ele está lavando os pés [éé is tí fés em véʃə]
29. Coração [héats]
30. O coração do jacaré [datʰ sakaré héats]
31. Fígado [lévə]
32. O fígado do macaco [dí makákə lévə]
33. Barriga [páux]
34. Tripas, intestinos [téemə] [getrájph]
35. Pele [háuth]
36. Ele cortou a pele [ex hátʰ dí háuth túas keʃnitʰ]
37. Osso [knóxə]
38. O osso é pesado [dí knóxə sɔn swée]
39. Sangue [plú:th]
40. O sangue é vermelho [dáth blú:th is ru:th]
41. a. bicho [tiare]
- b. bicho de caça [jáxtʰ díare]
- c. bicho doméstico [kebráwx tiare]
- d. réptil [krótʰə] [fréʃə]
42. Ele viu alguns bichos
43. Jacaré [dié hotʰ en étlice tiare kezítʰ]
44. Cachorro [Sagaré]
- [hontʰ]
45. Ele bate no cachorro [dé Siú:de hontʰ]
46. Onça O infernante desconhece o recálculo.
47. A onça está bebendo [dé ónsə is em tré:ngə]
48. Macaco [makákʰ]
49. Anta [éndə]
50. Chifre [hó.v]
51. Dois chifres [tswé he:enə]

52. Rabo [Swéns]
53. O menino está puxando o rabo do macaco  
[dət<sup>h</sup>lí:nelçə is dea makákə Swéns em buçə]
54. Pássaro [fo:l]
55. Os pássaros estão voando [dɪ fe:l sɛn em fléa]
56. Papagaio [papagáij]
57. Garra, unha de bicho [dɪ krála fón dɛm díe]
58. As unhas do papagaio [dɪ papagája tsí]
59. Asa [flíçtə]
60. As asas são brancas [dɪ flíçtə sɛn vájs]
61. Pena, pluma [férasə] [fláwmə]
62. Esta pluma é pequena [dɪ fláwm is klés:n]
63. Ovo [á:j]
64. Ele está contando os ovos [éə is ti á:ja em tselə]
65. Peixe [fɛʃ]
66. O peixe está nadando [dɛə fɛʃ is em Swé:mə]
67. Cobra [slé:ŋ] [sarák<sup>h</sup>]
68. Ele tem medo da cobra [dɛə hót<sup>h</sup> pé:ŋ fón de slé:ŋ]
69. Piolhos [lájs]
70. Poucos piolhos [ví:niç lájs]
71. Verme, minhoca [ví:əm] [fɛʃ ví:əm]
72. Quatro vermes [fiə ví:əm]
73. Milho [majs]
74. O milho é amarelo [dɪ majs sɛn ge:l]
75. Mandioca [mɛŋjók<sup>h</sup>]
76. Ele pega (sustenta) a mandioca [dɛhɛlt<sup>h</sup> de mɛŋjók<sup>h</sup>]
77. Fumo (tabaco) [fúm]
78. O fumo está aqui [dɛə fúm is háj]

79. árvore [frúx<sup>th</sup> pé:mçə]
80. A árvore está queimando [dát<sup>h</sup> pé:mçə ís em pré:nə]
81. Pauzinho [bé:mçə]
82. O pau é grosso [dév pá:m ís tík<sup>h</sup>]
83. Capim, grama [grá:s] [kró:mə]
84. O capim é verde [dát<sup>h</sup> krá:s ís krén]
85. Flor [plú:m]
86. Esta flor [dí plú:m]
87. A outra flor [dí é:nə plú:m]
88. Fruta [frúx<sup>th</sup>]
89. A fruta é estragada [dí frúx<sup>th</sup> ís fadóaf]
90. Semente [só:mə]
91. Muitas sementes [fi| só:mə]
92. Folha [plá:t<sup>h</sup>]
93. A folha é fina [dát<sup>h</sup> plá:t<sup>h</sup> ís tén]
94. Raiz [vá:adstəl]
95. Três raízes [traj vá:adstələ]
96. Casca [sá:l]
97. A casca é lisa [dí sá:l ís klát<sup>h</sup>]
98. Céu [híməl]
99. Sol [sən]
100. O sol é redondo [dí sən ís rónl<sup>h</sup>]
101. Lua [món<sup>th</sup>]
102. A lua é grande [dév. mó:nt<sup>h</sup> ís krá:s]
103. Estrela [stévn]
104. Todas as estrelas [ál dí stévnə]
105. Dia [dá:x]

106. Um dia [é:ino tá:x]
107. Noite [náx<sup>th</sup>]
108. A noite é curta [dí náx<sup>th</sup> ís k<sup>h</sup>ú:ats]
109. Ano [yóɐ]
110. Nuvem [vólga]
111. A nuvem está no céu [dí vólga sín em hímel]
112. Chuva [ré:n]
113. A chuva é fria [déo ré:n ís k<sup>h</sup>ált<sup>h</sup>]
114. Nevoeiro [né:vel]
115. Vento [ve:nt<sup>h</sup>]
116. O vento está soprando [déo ve:nt<sup>h</sup> ís íveric]
117. Neve [Sní:]
118. Gelo [á:j<sup>h</sup>]
119. A água está gelada [dát<sup>h</sup> vásɐ ís keá:jst<sup>h</sup>]
120. Rio [flús] [báx]
121. O rio estreito (apertado) [déo flús ís Smál # éŋ]
122. Água [vásɐ]
123. A água está correndo [dát<sup>h</sup> vásɐ ís em ló:fa]
124. A folha está boiando na água  
[dát<sup>h</sup> blá:t<sup>h</sup> plájft<sup>h</sup> ófon vásɐ]
125. Lagoa [k<sup>h</sup>é:mpel]
126. A lagoa é longe [déo k<sup>h</sup>é:mbel ís vá:j<sup>h</sup>]
127. Mar [sí] [mí:v]
128. Terra [éat<sup>h</sup>]
129. A terra é seca [dí éat<sup>h</sup> ís trékna]
130. Pó, poeira [stá:up<sup>h</sup>]
131. Tem muita poeira [fól stá.up<sup>h</sup>]
132. Areia [sa:nt<sup>h</sup>]

133. O mato [vá:lth]
134. O outro está no mato [dép é:nare is im vá:lth]
135. Monte, morro [péas]
136. Aquele monte [dép péas]
137. Pedra [sté:n]
138. Ele está jogando pedras [dép is sté:n em smájzə]
139. Caminho [vé:ç]
140. Ele está andando no caminho [Ép is im véç em ki:ə]
141. O caminho é amplo [de véç is pré:th]
142. Casa [háws]
143. A casa é nova [náj háws]
144. A casa é velha [dát<sup>h</sup> háws is á:lth]
145. Canoa [kanó]
146. A canoa está cheia de areia [di kanó is fól sé:nt<sup>h</sup>]
147. Arco [poxə]
148. Ele esfregou o arco [dép hát<sup>h</sup> de bóxə kerí:ft<sup>h</sup>]
149. O arco é mau [dép póxə is sléxt<sup>h</sup>]
150. Flecha O informante desconhece o vocábulo.
151. A flecha é reta [di flé] is ríçt<sup>h</sup>]
152. Machado [áks]
153. O machado está aí [di áks is háj]
154. A faca [més]
155. A faca está cega [dát<sup>h</sup> més is trékeə]
156. A faca está afiada [dát<sup>h</sup> més is ge:léf]
157. Corda [strek<sup>h</sup> # sé:l]
158. Amarrado com corda [is méth strek<sup>h</sup> kebó:nə]
159. Panela (de barro) [éatə tepə]

160. Banha [fætʰ # smá:lɔs]
161. A panela cheia de banha  
[dátʰ tɛpə is fól smá:lɔs # fól fætʰ]
162. Carne [flá:j]
163. Sal [sá:lɔs]
164. Fogo [fó:jə]
165. Ele está sentado perto do fogo  
[ɛv sɛtsʰtʰidʰ bá:jm fá:jə]
166. Ele está soprando o fogo  
[ɛv is tətʰ fá:jə em pló:sə]
167. Fumaça [tɛ:mph]
168. Fumaça na casa [dɛ:mph im há:us]
169. Cinza [ɛj]
170. As cinzas são quentes [di ɛj is vé:vm]
171. Pessoa, gente [pɛssɔ:n # ʔá:jʰ]
172. Homem [mɛn]
173. Mulher [frá]
174. a. criança [kʰe:ntʰ]  
b. menino [lí:ngelçə]  
c. menina [mɛ:tçə]
175. A criança está vomitando  
[dátʰ kʰe:ntʰ is em kʰótɔ em pɛçə]
176. Este menino está cantando  
[dátʰ lí:ngelçə is em sɛŋə]
177. Aquilo menino está ouvindo  
[dátʰ lí:ngelçə is em hí:asə]
178. Marido [mɛn]
179. Esposa, a sua mulher [di piklé:rasɪŋ # á:wp frá]
180. Aquela mulher é a esposa dele  
[di frá is tɛm sá:jɪ piklé:rasɪŋ]
181. Pai [fá:tə]
182. Mãe [mótə]
183. Nome [ná:mə]
184. Eu [á:j]

185. Tu (você) [t'á:u]
186. Ele [d'é:v]
187. a. nós [m'iv]
- b. você e eu [á:jç un t'á:u]
- c. vocês e eu [m'iv un á:jç]
- d. eu e outros [á:jç un di á:na:ɐ]
- e. eu e outros
188. Vós (vocês) [z:v]
189. Eles [li:]
190. Quem está vindo? [vé:v is em khó:mə]
191. Quem está empurrando? [vé:v is em tré:kə]
192. Como costumam vocês? [vé:v né:d'í:v]
193. Como se racha pau? [vé:v r'ajst<sup>h</sup> mənba:m]
194. Quando vai caçar? [vén g'ɔstə jáxtə]
195. Quando vai ficar em pé? [vén pl'ajft<sup>h</sup> mɔ of te f'is]
196. Onde estão brincando as crianças?  
[vó:v s'ɛn d'í khé:nə em s'p'hi:lə]
197. Onde vai cavar?  
[vó:v d'ɛv ɛv krá:ve]
198. O que é que ele sabe?  
[vát<sup>h</sup> is tát<sup>h</sup> vát<sup>h</sup> ɛv vé:s]
199. O que é que está cheirando?  
[vát<sup>h</sup> is em r'í:çə]
200. Ele está morrendo porque caiu?  
[d'é:v is em s'thé:ava v'ájle gefáʃ is]
201. Ele está molhado porque nadou  
[ɛv is n'ás v'ájle k'ɛswó:m hot<sup>h</sup>]
202. Ele ouviria se cantasse  
[d'ɛv h'í:at<sup>h</sup> vé:nstə s'í:nə té:st<sup>h</sup>]
203. Ele mataria (o cachorro) se o mordesse  
[d'ɛv t'éth d'ɛv h'ɔnd k'apóth má:xə vé:nə b'ájst<sup>h</sup>]
204. Não [n'ɛ:]
205. Ele não está rindo [ɛv is n'éth em lá:xə]
206. Não é o pai dele [ɛv is t'ém s'áj:nə pá:pə n'et<sup>h</sup>]
207. Outro [i:nu:lɐ]

208. a. e [un]
- b. ele matou jacarés [dɛr hótʰ ʃagacé gabóth gemáxtʰ]
- c. ele matou antás [dɛr hótʰ ɛ:ntɔ gabóth gemáxtʰ]
- d. ele matou antás e jacarés [dɛr hótʰ ɛ:ntɔ un ʃagacé gabóth kemáxtʰ]
209. a. com [mítʰ]
- b. ele, come carne [ɛr ístʰ flájʃ]
- c. ele come sal [ɛr ístʰ sals]
- d. ele come carne com sal [ɛr ístʰ kəsálstɛnə flájʃ]
210. Ele anda com a mãe [ɛr gɛ:th mítʰ sájnə máme]
211. a. a, em *não* foi respondida.
- b. está em casa [ɛr ɪs ɪm háus]
- c. vai à casa [gɪ: ɪn háus]
212. Ele está na canoa [ɛr ɪs ɪm kanóv]
213. Um [ɛ:n]
214. Dois [tɔwé]
215. Três [triáj]
216. Quatro [fiv]
217. Cinco [fɛnef]
218. Nós contamos (enumerar) [mɪr hótʰ dɪ númɔrɛ kɛtséltʰ]
219. Ele está em pé [ɛr ɪs óftɪ fɛ:s]
220. Ele está sentado [dɛr sɛtstʰ]
221. Ele está deitado [dɛr lá:jtʰ]
222. Ele dorme [dɛr slóftʰ]
223. Ele deitou-se para dormir [ɛr hótʰ sɪç geléth fɔr se slófɔ]
224. Ele ve [dɛr sáth]
225. Ele ouve [dɛr hí:atʰ]
226. Nós (eu e vocês) sopramos [mɪr (ájç un táu) pló:sɛn]

227. Ele respira [dɛɐ kʰá:ɪçʰ]
228. Ele cheira [ɛɐ rɪ:çʰ]
229. Ele come [ɛɐ ɪçʰ]
230. Ele bebe [ɛɐ tɛ:ɪçʰ]
231. Ele chupa [ɛɐ sʊpʰ]
232. Ele está vomitando [ɛɐ ɪs ɐm kʰótsə]
233. Ele [dɛɐ]
234. Ele está inchado [ɛɐ ɪs kɛʃwól:]
235. Ele sabe [ɛɐ vé:s]
236. Ele está pensando [ɛɐ ɪs ɐm dɛ:ɪŋgə]
237. Ele pensa bem [ɛɐ dɛ:ɪŋçʰ kʊd]
238. Ele tem medo [ɛɐ hótʰ pɛ:ɪ]
239. Ele está falando [ɛɐ ɪs ɐm ʃwétɓə]
240. Ele fala certo (não erradamente)
241. Ele diz "não" [dɛɐ ʃwétstʰ rɪçtɪç (nɪtʰ fakʰiətʰ)]
242. Ele está cantando [ɛɐ ɪs ɐm sɪ:ŋə]
243. Ele está rindo [ɛɐ ɪs ɐm láxə]
244. Ele está esfregando [ɛɐ ɪs ɐm rá:jvə]
245. Ele raspa, ooça [ɛɐ krátstʰ ɪn krátstʰ]
246. Ele aperta [ɛɐ tɛ:ɪçʰ]
247. Ele está furando [ɛɐ ɪs ɐm póacɐ]
248. Ele está limpando [ɛɐ ɪs ɐm sáwvətʰ máxə]
249. Ele corta [ɛɐ ʃnájçʰ]
250. Ele está costurando [ɛɐ ɪs ɐm né:ə]
251. Ele está amarrando [ɛɐ ɪs ɐm pé:nə]
252. Ele está lavando [ɛɐ ɪs ɐm vé:sə]
253. Ele está rachando [ɛɐ ɪs ɐm rá:jɓə]

254. Ele está cavando aqui [dɛv is háj em kráwə]
255. Ele está jogando (coisas) [dɛv is ɛ'pʰes em smá:jsə]
256. Ele está batendo (alguma coisa) [dɛv is em slá:sə]
257. Ele dá [dɛv gíftʰ]
258. Ele está andando [ɛv is em gí:sə]
259. Ele está dando volta [ɛv is khí:asə em má:xə]
260. Eles estão vindo [di sɛn em khó:ma]
261. Ele está puxando [dɛv is em bú:sa]
262. Ele está empurrando [dɛv is em tót:kə]
263. Ele cai [dɛv féltʰ]
264. Ele está brigando [ɛv is em stɛ:jsə]
265. Ele está brincando [ɛv is em spʰilə]
266. Ele está caçando [ɛv is em jáxtə]
267. Ele mata [dɛv mič'ltʰ kapóltʰ]
268. Ele está voando [ɛv is em flé:sə]
269. O homem está nadando [dɛv mɛn is em swé:ma]
270. Ele está vivo [dɛv léftʰ nóx]
271. Ele está morrendo [ɛv is em stʰé:awə]
272. Bom [qu:tʰ]
273. Mau [llɛ:lʰ]
274. Novo [n'v:]
275. Velho [i'ltʰ]
276. Estragada [fat'óaf]
277. Redondo [róntʰ]
278. Reto [riçtʰ]
279. Frio [kʰ'iltʰ]
280. Quente [vé:sam]

281. Amarelo [ke:l] ou [ge:l]
282. Verde [kət:n]
283. Vermelho [ru:tʰ]
284. Preto [swáts]
285. Branco [wá:js]
286. a. sujo [lɛ́kiç]
- b. a água está suja [dátʰ váɐ is tɛ́kiç]
- c. a panela está suja [dátʰ lépa is tɛ́kiç]
287. Seco [tɛ́k:nɔ]
288. Liso [klɪtʰ]
289. Pesado [swéɐ]
290. É certo (não errado) [ɾiçtɪç # nítʰ fakʰiatʰ]
291. Todos [ál]
292. Muito [fi:l]
293. Poucos [wínɪç]
294. Alguns [étliç]
295. Espesso, grosso [tɛkʰ]
296. Fino [tɛ:n]
297. Comprido [iɛŋkʰ]
298. Curto [kʰuats]
299. Largo, amplo [pɾé:tʰ]
300. Estreito, apertado [smá:l]
301. Grande [krús] ou [grús]
302. Pequeno [kle:n]
303. Aqui [háj]
304. Aí [lɛ:]
305. Mão direita [ɾéçts há:ntʰ]

306. Mão esquerda [lĩns há:nl<sup>h</sup>]
307. Longe [wájt<sup>h</sup>]
308. Perto [nékst<sup>h</sup>]
309. a. meu nariz [májn ná:s]
- b. seu nariz (de você) [áuw ná:s]
- c. seu nariz (dele) [tém sájn ná:s]
- d. nossos narizes (de mim e você) [uz ná:s]
- e. nossos narizes (de mim e outros)
- f. seus narizes (de vocês) [uz ná:zə (májn un de á:nacə íe)]
- g. seus narizes (deles) [áuw ná:zə]
310. a. meu pé [májn fús]
- b. seu pé (de você) [áuw fús]
- c. seu pé (dele) [tém sájn fús]
- d. nossos pés (de mim e você) [uz fús (májn un dájna)]
- e. nossos pés (de mim e outros) [uz fús (májn un de á:nacə)]
- f. seus pés (de vocês) [áuw fús]
- g. seus pés (deles) [tém sájn fús]
311. a. minha boca [májn máwl]
- b. sua boca (de vocês) [áuw máwl]
- c. sua boca (deles) [tém sájn máwl]
- d. nossas bocas (de mim e você) [úz má:jlə]
- e. nossas bocas (de mim e outros)
- f. suas bocas (de vocês) [úz má:jlə un de á:nacə íe]
- g. suas bocas (deles) [tém sájn má:jlə]
312. a. minha mãe [májn mámp]
- b. sua mãe (de você) [áuw mámp]
- c. sua mãe (dele) [tém sájn mámp]

- d. nossas mães [uz mámaru]
- e. sua mãe (de vocês) [áwɛ mámbɛ]
- f. sua mãe (deles) [tém sájn mámbɛ]
313. a. meu pai [májna fátrɔ]
- b. seu pai (de você) [áwɛ fátrɔ]
- c. seu pai (dele) [tém sájna páprɔ]
- d. nossos pais [us fátarɔ]
- e. seu pai (de vocês) [áwɛ páprɔ]
- f. seu pai (deles) [tém sájna páprɔ]
314. a. meu peixe [fɛs]
- b. meu peixe (de você) [májna fɛs]
- c. seu peixe (dele) [tém sájna fɛs]
- d. nosso peixe (de mim e você) [áwɛ fɛs]
- e. nosso peixe (de mim e outros)
- f. seu peixe (de vocês) [us fɛs un de á:narɔ sájn áwɛ fɛs]
- g. seu peixe (deles) [tém sájna fɛs]
315. a. minha casa [máj háws]
- b. sua casa (de você) [áwɛ háws]
- c. sua casa (dele) [tém sájna háws]
- d. nossa casa (de mim e vocês) [us háws]
- e. nossa casa (de mim e outros)
- f. sua casa (de vocês) [us háws (májn un de á:narɔ sájnɛ<sup>h</sup>) áwɛ háws]
- g. sua casa (deles) [tém sájna háws]
316. a. minha canoa [májn kanó]
- b. sua canoa (de você) [áwɛ kanó]
- c. sua canoa (dele) [tém sájn kanó]
- d. nossas canoas (de mim e você) [us kanó]

- e. nossas canoas (de mim e outros) [us kanó ]  
 f. suas canoas (de vocês) [awv kanó ]  
 g. suas canoas (deles) [tém sájn kanó ]
317. a. meu arco [májna póxə ]  
 b. meu arco (de você) [májna póxə ]  
 c. seu arco (dele) [tém sájna póxə ]  
 d. nossos arcos (de mim e você) [us póxə ]  
 e. nossos arcos (de mim e outros) [us póxə ]  
 f. seus arcos (de vocês) [awv póxə ]  
 g. seus arcos (deles) [tém sájna póxə ]
318. a. eu sou grande [ájɣ sɛn kɛus ]  
 b. você é grande [təu pɛs kɛus ]  
 c. ele é grande [dɛv ɪs kɛus ]  
 d. nós (eu e você) somos grandes [ájɣ un təu sɛn kɛus ]  
 e. nós (eu e outros) somos grandes [míé sɛn kɛus ]  
 f. vocês são grandes [diə sájth kɛus ]  
 g. eles são grandes [di sɛn kɛus ]
319. a. eu estou sujo [ájɣ sɛn tɛékiç ]  
 b. você está sujo [təu pɛs tɛékiç ]  
 c. ele está sujo [dɛv ɪs tɛékiç ]  
 d. nós (eu e você) estamos sujos [míə sɛn tɛékiç ]  
 e. nós (eu e outros) estamos sujos [míə sɛn tɛékiç ]  
 f. vocês estão sujos [iə sájth tɛékiç ]  
 g. eles estão sujos [di ə:nalɛ sɛn tɛékiç ]
320. a. eu sou bom [ájɣ sɛn gú:lh ]  
 b. você é bom [təu pɛs kú:th ]  
 c. ele é bom [dɛv ɪs kú:th ]

- d. nós (eu e você) somos bons [miv sɛn gú:tʰ]
- e. nós (eu e outros) somos bons
- f. vocês são bons [ajɔ undi áonarr sɛn gú:tʰ]
- g. eles são bons [di sɛn kú:tʰ]
321. a. eu sou velho [ájɔ sɛn á:lʰtʰ]
- b. você é velho [táu pi s á:lʰtʰ]
- c. ele é velho [dɛv is á:lʰtʰ]
- d. nós (eu e você) somos velhos [miv sɛn á:lʰtʰ]
- e. nós (eu e outros) somos velhos [miv sɛn á:lʰtʰ]
- f. vocês são velhos [di sɛn á:lʰtʰ]
- g. eles são velhos [di sɛn á:lʰtʰ]
322. a. eu estou vermelho (com urucu) [ájɔ sɛn ru:tʰ]
- b. você está vermelho [táu pi s ru:tʰ]
- c. ele está vermelho [dɛv is ru:tʰ]
- d. nós (eu e você) estamos vermelhos [miv sɛn ru:tʰ]
- e. nós (eu e outros) estamos vermelhos [miv sɛn ru:tʰ]
- f. vocês estão vermelhos [di sɛn ru:tʰ]
- g. eles estão vermelhos [di sɛn ru:tʰ]
323. a. eu lavo [ájɔ vé:sen]
- b. você lava [táu vé:stʰ]
- c. ele lava [dɛv vé:stʰ]
- d. nós (eu e você) lavamos [miv vé:sen]
- e. nós (eu e outros) lavamos [miv vé:sen]
- f. vocês lavam [iv vé:stʰ]
- g. eles lavam [di vé:sen]
324. a. eu caço [ájɔ já:xtɛn]
- b. você caça [táu já:xtʰ]

- c. ele caça [dɛɐ̃ ʃáxtʰ]
- d. nós (eu e você) caçamos [miv hɔn ʒejáxtʰ]
- e. nós (eu e outros) caçamos [miv hɔn kiáxtʰ]
- f. vocês caçam [vɔ ʃáxtʰ]
- g. eles caçam [di ʃáxtɐn]
325. a. eu caio [ájɔ fálɐn]
- b. você cai [táv fálstʰ]
- c. nós caímos [miv sɪn ʒafál]
- d. nós (eu e você) caímos [miv sɪn ʒafál]
- e. nós (eu e outros) caímos [miv sɪn ʒafál]
- f. vocês caem [dɛɐ̃ féltʰ]
- g. eles caem [di fálɐn]
326. a. eu tenho medo [ájɔ hɔn pɔŋ]
- b. você tem medo [táv hɔstʰ pɔŋ]
- c. ele tem medo [dɛɐ̃ hɔtʰ pɔŋ]
- d. nós (eu e você) temos medo [miv hɔn bɔŋ]
- e. nós (eu e outros) temos medo [miv hɔn pɔŋ]
- f. vocês tem medo [dɛɐ̃ hɔstʰ pɔŋ]
- g. eles tem medo [di hɔn bɔŋ]
327. a. eu puxo [ájɔ púçɔn]
- b. você puxa [táv pústʰ]
- c. ele puxa [dɛɐ̃ bústʰ]
- d. nós (eu e você) puxamos [miv hɔn ʒebústʰ]
- e. nós (eu e outros) puxamos [miv hɔn ʒebústʰ]
- f. vocês puxam [dɛɐ̃ pústʰ]
- g. eles puxam [di púçɔn]
328. a. eu estou em pé [ájɔ sɛn of dɛ fɛs]

- b. você está em pé [táu p'is of de f'is ]  
 c. ele está em pé [d'ev is of de f'is ]  
 d. nós (eu e você) estamos em pé [miv s'in of de f'is ]  
 e. nós (eu e outros) estamos em pé [miv s'in of de f'is ]  
 f. vocês estão em pé [sájt' div of de f'is ]  
 g. eles estão em pé [di s'in of de f'is ]
329. a. eu ando [áje kii ]  
 b. você anda [táu gi:st' ]  
 c. ele anda [d'ev gi:st' ]- ?  
 d. nós (eu e você) andamos [miv s'in ké:g ]  
 e. nós (eu e outros) andamos [miv s'in gé:g ]  
 f. vocês andam [div gi:t' ]  
 g. eles andam [ti gi:i ]
330. a. o cachorro mordeu a mim  
 [d'ev ho:nt' h'ot' mir ge p'is ]  
 b. o cachorro mordeu a você  
 [d'ev ho:nt' h'ot' dáje geb't's ]  
 c. o cachorro mordeu a ele  
 [d'ev ho:nt' h'ot' d'ev geb't's ]  
 d. o cachorro mordeu à cobra  
 [l'ev ho:nt' h'ot' di s'levn geb't's ]  
 e. o cachorro mordeu a nós (eu e você)  
 [d'ev ho:nt' h'ot' uz geb't's ]  
 f. o cachorro mordeu a nós (eu e outros)  
 [d'ev ho:nt' h'ot' uz geb't's ]  
 g. o cachorro mordeu a vocês  
 [d'ev ho:nt' h'ot' áux geb't's ]  
 h. o cachorro mordeu a eles  
 [d'ev ho:nt' h'ot' ti geb't's ]
331. a. ele dá flechas a mim  
 [d'ev gi:ft' búge fl'és mir ]  
 b. ele dá flechas a você  
 [d'ev gi:ft' div en búge fl'és ]  
 c. ele dá flechas ao outro  
 [d'ev kí:ft' dem á:narv en búge fl'és ]  
 d. ele dá flechas a nós (a mim e você)  
 [d'ev gi:ft' uz en búge fl'és ]  
 e. ele dá flechas a nós (a mim e outros)  
 [d'ev gi:ft' uz en búge fl'és ]  
 f. ele dá flechas a vocês  
 [d'ev gi:ft' áux en búge fl'és ]

- g. ele dá flechas a eles  
[dɛv gɪftʰ tɛm ɛn búgɔ flɛs]
232. a. eu queimei o pau  
[ájs hɔn de pɛ:m fapɛntʰ]
- b. você queimou o pau  
[lɔu hɔstʰ de pɛ:m fapɛntʰ]
- c. ele queimou o pau  
[dɛv hɔtʰ de pɛ:m fapɛntʰ]
- d. nós (eu e você) queimando o pau  
[mɪɔ hɔn de pɛ:m fapɛntʰ]
- e. nós (eu e outros) queimando o pau  
[mɪɔ ɛn tɛ pɛ:m ɔm fapɛnɔ]
- f. vocês queimaram o pau  
[dɪv hɔtʰ tɛ pɛ:m fapɛntʰ]
- g. eles queimaram o pau  
[dɪ hɔn tɛ pɛ:m fapɛntʰ]
333. a. eu bato em vocês  
[ájs slɔn dɪɔ]
- b. eu bato nele  
[ájs slɛn dɛv]
- c. eu bato em vocês  
[ájs slɛm áux]
- d. eu bato neles  
[ájs slɔn tɛv]
- e. você bate em mim  
[táu slɪstʰ mɪɔ]
- f. você bate nele  
[táu slɪstʰ tɛv]
- g. você bate em nós (em mim e em outros)  
[táu slɪstʰ uz]
- h. você bate neles  
[táu slɪstʰ tɛ]
- i. ele bate em mim  
[dɛv slɪstʰ mɪɔ]
- j. ele bate em você  
[dɛv slɪstʰ dɪɔ]
- k. ele bate no outro  
[dɛv slɪstʰ de á:nasɔ]
- l. ele bate em nós (em mim e em você)  
[dɛv slɪstʰ us]
- m. ele bate em nós (em mim e em outros)  
[dɛv slɪstʰ us]
- n. ele bate em vocês  
[dɛv slɪstʰ áux]
- o. ele bate nos outros  
[dɛv slɪstʰ dɪ á:nasɔ]
- p. nós (eu e você) batemos nele  
[mɪɔ hɔn dɛv géslɛ:]
- q. nós (eu e você) batemos neles  
[mɪɔ hɔn dɪ géslɛ:]
- r. nós (eu e outro) batemos em você  
[mɪɔ hɔn tɛjs géslɛ:]
- s. nós (eu e outro) batemos nele  
[mɪɔ hɔn dɛv géslɛ:]

- t. nós (eu e outro) batemos em vocês  
[miɐ hɔn aux kéʃlɐ:]
- u. nós (eu e outro) batemos neles  
[miɐ hɔn di géʃlɐ:]
- v. vocês batem em mim  
[diɐ ʃliʰ majs]
- w. vocês batem nele  
[diɐ ʃliʰ tɛv]
- x. vocês batem em nós (em mim e em outros)  
[diɐ ʃliʰ us]
- y. vocês batem neles  
[diɐ ʃliʰ di]
- z. eles batem em mim  
[di ʃlɛn miɐ]
- aa. eles batem em você  
[di ʃlɛn tajs]
- bb. eles batem no outro  
[di ʃlɛn di á:nasɐ]
- cc. eles batem em nós  
[di ʃlɛn us]
- dd. eles batem em nós (em mim e em outros)  
[di ʃlɛn us]
- ee. eles batem em vocês  
[di du:n ajɐ ʃlɛn]
- ff. eles batem nos outros  
[di ʃlɛn di á:nasɐ]
334. a. eu me cortei [ájɐ hɔn miɐ keáktʰ]
- b. você se cortou [táu hɔstʰ diɐ keʃni:tʰ # goáktʰ]
- c. ele se cortou [dɛv hɔtʰ siɐ keáktʰ]
- d. nós nos cortamos [miɐ hɔn us keáktʰ]
- e. vocês se cortaram [diɐ hɔtʰ ajɐ geáktʰ]
- f. eles se cortaram [di hɔn siɐ geáktʰ]
335. Eles brigaram (um com outro) [di hɔn keʃtɾiʰ]
336. Eles brincaram (um com outro) [di hɔn geʃpiʰ]
337. Eles bateram (um com outro) [di hɔn keʃlá:]
338. a. ele está matando o jacaré  
[dɛv is di ʃagará vɔn kapótʰ máxə]
- b. ele vai matar o jacaré  
[dɛv diʰ di ʃagará gabótʰ máxə]
- c. ele já matou a cobra  
[dɛv hɔtʰ ʃɔn di hip kabótʰ gemáxtʰ]
- d. ele sempre mata peixe  
[dɛv diʰ émpɛ fɛʃ kapótʰ máxə]
- e. ele matava peixe (quando era menino)  
[dɛv hɔtʰ tɛʃ kapótʰ gemáxtʰ]

- f. o menino vai matar jacaré (quando for homem)  
 [dæ<sup>h</sup> hi: nɛlɔ ɔt<sup>h</sup> dɛv ʃaɣarɛ kapót<sup>h</sup> máxə ]
- g. ele não matou o passarinho  
 [dɛv hót<sup>h</sup> dæt<sup>h</sup> fɛlɔ nɛt<sup>h</sup> ɣapót<sup>h</sup> ɣemáxt<sup>h</sup> ]
- h. ele não mata gente  
 [dɛv dɛt<sup>h</sup> ke: lájt kapót<sup>h</sup> máxə ]
- i. mate a cobra  
 [máx di slɔn kapót<sup>h</sup> ]
- j. não matei, não  
 [lájɔ hən nɛt<sup>h</sup> kapót<sup>h</sup> ɣemáxt<sup>h</sup> ]
339. a. ele está dormindo  
 [dɛv ɛs ɔm slófə ]
- b. ele vai dormir (agora mesmo)  
 [dɛv ɣít<sup>h</sup> slófə ]
- c. ele vai dormir (amanhã)  
 [dɛv ɣít<sup>h</sup> mó:ə slófə ]
- d. ele dormiu (há pouco tempo)  
 [dɛv hót<sup>h</sup> ɣɛslóft<sup>h</sup> ]
- e. ele dormiu (quando era menino)  
 [dɛv hót<sup>h</sup> ɣɛslóft<sup>h</sup> ]
- f. ele dorme (muito, sempre)  
 [dɛv sléft<sup>h</sup> émv fɪl ]
- g. ele não dorme nunca  
 [dɛv sléft<sup>h</sup> nɛ: nɛt<sup>h</sup> ]
- h. ele não dormiu hoje  
 [dɛv hót<sup>h</sup> háut<sup>h</sup> nɛt<sup>h</sup> ɣɛslóf ]
- i. durma [slóf ]
- j. não durma, não [dɔ nɛt<sup>h</sup> slófə ]
340. a. ele está comendo [dɛv ɛs ɔm ɛsə ]
- b. ele vai comer (agora mesmo) [dɛv ɣít<sup>h</sup> ɛsə klájɔ #vájɔ ]
- c. ele vai comer (amanhã) [dɛv ɣít<sup>h</sup> mó:ə ɛsə ]
- d. ele comeu (há pouco tempo)  
 [dɛv hót<sup>h</sup> kɛs nox nɛt<sup>h</sup> ɔn ]
- e. ele comeu (quando era menino)  
 [dɛv hót<sup>h</sup> kɛs viən kí:ɣlɔ ɔv:] ]
- f. ele come (muito, sempre)  
 [dɛv dɛt<sup>h</sup> émv fɪl ɛsə ]
- g. ele não come nunca  
 [dɛv dɛt<sup>h</sup> nɛ: nɛt<sup>h</sup> ɛsə ]
- h. ele não comeu hoje  
 [dɛv hót<sup>h</sup> háut<sup>h</sup> nɛt<sup>h</sup> kɛs ]
- i. coma [ɛs ]
- j. não coma, não [dɔ nɛt<sup>h</sup> ɛsə ]